

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA  
MESTRADO EM GEOGRAFIA

**OPARÁ VIVE EM FRANCISCO, ROSA E MARIAS**  
IMERSÕES NA PAISAGEM-RIO DE BARRANCAS EM AMEAÇA

ALICE DE BESSA SILVA

MANAUS  
2023

17°30'0"S

17°40'0"S

17°50'0"S

18°00'0"S

18°10'0"S

45°20'0"W

45°10'0"W

45°00'0"W

44°50'0"W

ALICE DE BESSA SILVA

# **OPARÁ VIVE EM FRANCISCO, ROSA E MARIAS**

**IMERSÕES NA PAISAGEM-RIO DE BARRANCAS EM AMEAÇA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Amazonas, como pré-requisito para obtenção do título de Mestre em Geografia. Área de concentração: Território, Espaço e Cultura na Amazônia.

ORIENTADORA: PROF<sup>a</sup>. DR<sup>a</sup>. AMÉLIA REGINA BATISTA NOGUEIRA

MANAUS  
2023

## Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

S586o Silva, Alice de Bessa  
Opará vive em Francisco, Rosa e Marias : Imersões na paisagem-rio de barrancas em ameaça / Alice de Bessa Silva .  
2023  
159 f.: il. color; 31 cm.

Orientadora: Amélia Regina Batista Nogueira  
Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do Amazonas.

1. Rio São Francisco. 2. Paisagem. 3. Ameaça. 4. Represa. 5. Descrições Geográficas. I. Nogueira, Amélia Regina Batista. II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

## DEDICO



*Obra: Davi Nascimento. Fonte: Acervo Coletivo Velho Chico Vive*

**À Òsún Òpàrà.**

*Orè yèyè Ofiderìman! Yèyè Olomi Tútú.*

**À Francisco**

Rio menino que corre o leito da Mãe Terra.

Ao coletivo **Velho Chico Vive;**

Que nos sirva de alimento;

Ao povo **Barranqueiro;**

Que melhor sabe deste rio.

À memória de **Érço Jacaré.**

**Às Águas.**

## AGRADEÇO

Não ando só. Não escrevo só. Isso nunca me aconteceu. O que passou e perdurou comigo é de profunda presença. O que vem de dentro não é só meu. Isso produz no mínimo alto respeito. Melodia nos cantou que “*o puro conteúdo é a consideração; e quem não vê, não goza de consideração.*” Sinto-me agradecida e considero os que alimentaram minha caminhada na estrada vermelha da vida e na estrada azul do espírito.

Começo agradecendo um “**através**”. No fim volto a pensar o que isso pode significar. Mas, por enquanto: agradeço à **escrita**! Isso que me sai aos dedos e sempre foi expressão próxima do que estou. No entremeio, agradeço ainda, ao que foi se dispondo no caminho que ela me abre. A busca de alcançar o fenômeno da escrita me traz à memória alguns exercícios de dança para os dedos. Os fiz há mais de vinte anos e decerto ajudaram: “*a,s,d,f,g... h,j,k,l,ç...*”. Isso foi facilitado por uma professora. Certamente muitas **professoras** me trouxeram até aqui! Das pontas dos dedos às linhas de pensamento.

Agradeço às **professoras e aos professores**. São muitas; algumas mais próximas desse tempo. Outros de épocas distantes não menos importantes. Uns que nem saberia seus nomes. Professores são pontes e, por isso, também uma forma humana de “através”. Tenho profunda consideração a estes. Aqueles aos quais me inspirei e, talvez, por isso, enfrento esse desafio no caminhar profissional. Agradeço aos que nas escolas amparam tantos caminhos e dedinhos. Aqueles que pouco reconhecimento tem.

À **Amélia Batista**. Agradeço esta professora, orientadora, mestre, maestra, doutora, facilitadora de processos. Por acolher minhas ideias de estudante sudestina que chegou para perto por admiração e pelo imã das águas. Sou agradecida por me ensinar tanto em aulas e ações no tempo que estive no Amazonas. Ainda, por me levar ao Careiro da Várzea e me fazer sonhar com formas culturais, coloridas e respeitosas de viver o rio. Enfim, por sentar comigo com calma e tanto cuidado para mostrar caminhos, possibilidades, correções e formas no fazer e pensar a escrita da pesquisa dissertativa, geográfica e fenomenológica.

Agradeço também à professora **Virgínia Palhares**. Lembro-me do nosso encontro ao acaso através de um convite de última hora para compor a banca do TCC... Ensejo que se transformou em muitos outros encontros e trocas desde então. Por me entender mineiro-ressabiada e ser cirúrgica nos conselhos. Seu olhar minucioso ao texto da qualificação foi tão necessário. Lhe agradeço! Por me dizer *trem* bonito em tempos sombrios. Enfim, por simples profundidade.

Aos companheiros do **NPGEOH**<sup>1</sup>, que fazem parte da minha caminhada na pesquisa. Novamente à Professora **Virígina**; à professora **Valéria**, à professora **Janise**, à professora **Aline**; ao professor **Iancey**, ao professor **Matheus**, à professora-antropóloga **Letícia**, à professora **Ludmila**, à professora **Ju Fonseca**, ao professor **Ivo**, à professora **Vanessa**, à professora **Gabi** e ao professor **Rodrigo**. Agradeço-os por nossas sacadas felizes e tristes. Os encontros e devaneios foram sempre formativos.

Ao coletivo **Velho Chico Vive**. Agradeço esse cardume de seres que nadam contra a corrente. Por serem piraporados pelo rio. Por serem luta justa por rio livre e, além disso, me proporcionarem a realização dessa pesquisa nas nossas andanças pelos territórios atingidos. **Priscila Magella, Pedro Surubim, Alexandre, Laís, Clara, Clarinha, Mauro, Irmã Neusa, Irma Letícia, Mônica, Seu Clarindo, Anália Tuxá, Bicho Carranca...** Por nosso trabalho em conjunto tecido a partir do caminho de luta de cada um. Minhas sinceras considerações e agradecimentos. Há muito de vocês nas páginas descritas adiante. Neste caminho de cardume descobri matizes sobre mim e sobre rio. Que este trabalho nos alimente de força contra a dominação de Francisco, prezados.

Agradeço aos amigos do Norte Forte Amazônico. Professor **Fernando**, por me receber em Manaus e vivenciar primeiras aventuras da selva urbana amazônica comigo. À geógrafa porto-brasileira **Rita**, por me acolher e levar em muitos lugares felizes. À **Otávio**, por me dar o abacaxi orgânico e dividir bons dias na Guariubas. À Professora **Juliane**, que me levou pra sentir os sabores x-caboquinho e guaraná da Amazônia em lugar de raiz manauara. Ao professor **Dilson**, que me fez experimentar peixes locais (Pirarucu, Matruxã e Tambaqui) na presença da sua família. Ao Professor **Raphael**, pelo acolhimento. À professora **Tai**, à ecóloga e pesquisadora **Tainá**, e à bióloga **Helena**, pelas trocas carinhosas e acolhimento final. À **Rafael Bastos**, nosso geógrafo husserliano paraense. Agradecida por me ligar naquela manhã de chuvas intensas amazônicas.

Aos encontros da porta do sertão até seu entremeio no Norte das Gerais. Agradeço à **Anna Raíssa, Lidi, Maíra, Titos** (pai e filho), **Driana, Gu, Gábis Anjo** e **Eliza** por me apresentarem um sertão tão esmiuçado da ciência de cada um. À Raíssa ainda agradeço por nossas magias do cerrado; por ser escuta em meio às nossas pesquisas d'água. À **Lari e Jana**; meu *nórdiminas* inteirinho em forma de grandes mulheres. Agradeço por me levarem ao rio para senti-lo e me desvestir do olhar de pesquisadora nessas horinhas. Por acreditarem e

---

<sup>1</sup> Núcleo de Pesquisa em Geografia Humanista da UFMG.

embarcarem no meu trabalho no **Instituto Opará**. Por tudo que realizamos juntas. Beshas, vocês encheram meu coração na travessia!

Aos poetas-amigos... Agradeço à **Casapê** e **Rauta**, minha família no plano da poesia, por estarem comigo no lugar do telúrico há tantos anos. Agradeço a esse tempo necessário de poesia. À **Dimas**, meu amigo-poeta que também enveredou na porta do sertão afora e ali viu de dentro a poesia que arde-afoga: Berra. À **Aline Lúcia**, íntima do mar que transcende todos os muros do pensar. Seu olhar de primavera e sua escuta sã me ensinam muito sempre. À **Carlinha**, por cantar e encantar. Agradeço por nos entendermos nesse lugar; que são expressão e cura para nossos lamentos.

À **Anêinha**, **Ruthêinha**, **Gábis**, **Luzcas**, **Binha** e **Théles**, amizades que permaneceram sendo força, choro e riso na minha caminhada turbulenta. Obrigada, amigos! À **Léo** e **Nay**, agradeço por brincarem comigo de escolinha, sem saber que era preparação dos três futuros professores na educação básica. Por nossa luta e sede por mudança através do meio mais vulnerável desse país. Agradeço também à **Mimi**, que sabe da profundidade dessa luta-sonho e encarregou de lembrar-me todas as vezes que isso desapareceu em pó sedimentado nas águas da vida. Agradeço por vir lá daqueles bons dias da infância e estar ainda hoje, para rir do que já rimos e do que envém!

Aos parentes com quem dei a mão em tantos momentos nessa e noutras travessias. Minhas tias-madrinhas **Nena** e **Yayá**, que me fazem sentir sempre a *Lilica* do bercinho. Agradeço pelo alimento, rezo de sempre; às preces que me direcionam e também pelos bichos-de-pé que já me arrancaram. Tias **Lelé** e **Sir**, no ritmo da nossa arte-preta-inspiração ancestral mais íntima e que deixa o mar nos navegar... Gratidão! À **tia-Léia**, agradecimento especial pelas horas a fio desembolando meus cabelos da infância. À aquele cuidado que me ensinou. Aos tios **Chico**, **Zé** (em memória), **Geraldin-boi** (padim), **Mário** (em memória), **Paulim** e **Tonim** (em memória); agradeço por serem arrimo e carinho. À minha primaiada, fruto dessa família de cavalos-marinhos... Gracias por serem espelho diverso e consciente do meu mundo contemporâneo! Agradeço especialmente aos primos cancerianos **Mari** e **Vitim**; e a escorpiana **Aninha Clara**. Pois nossa fluidez poética só pode vir d'águas.

Aos meus irmãos: **Cabeça** e **Junim**. Agradeço por sempre me ensinarem um novo timbre de rosar; isso é bem preciso no meu mundo. Nosso berço de sinceridade ora reativo, ora paciente é da maior importância no que somos. Agradeço também a minha sobrinha, **Júlia**, pelas trocas que fazem bem ao meu coração e encorajam. Aos meus também irmãos

**Renata, Lico e Éric** por sermos fruto bem parecido nos vincos e levarmos juntos algumas sementinhas de grandes valores.

Agradeço à memória deixada pelos meus ancestrais mais próximos, *abuelos* sagrados, que estão em um lugar de lembranças tão feliz do meu coração. Seu **Nemézio** e **Mariazinha**, obrigada pelo que tenho de oriental. Por terem sido tão sensíveis à natureza e ensinarem a sermos também. Meu Dharma é continuação do de vocês. Seu **Zé Bonifácio** e **Dona Maria**, por terem cuidado tão bem de um quintal agroflorestal raiz com afluente do Paraopeba aos fundos. Por ensinarem através da ação as possibilidades da humildade cristã. Gratidão pelos festejos, folias, congados, quermesses, quintal de roça e prosas com grandes e necessários espaços de silêncio.

...Ao dad. **Sô Érço**, agradeço por tanto e tantas. No meio da coleção dos gestos bonitos que aquecem meu coração em memórias, agradeço porque, num dia cinza, me disse que não se importava com a posição social que me torna-se; pois sempre seria a sua Clarice Lispector. Sigo renascendo dessa despedida física tão recente. Meu paizinho, esteja em paz! (...) À mamacita! **Cidóca**, nossa senhora! É tanto! Sua força é a minha. Agradeço por cada passo, cada peça. Sua risada. Teu colo. Toda essa raiz sertaneja de cerrado. De roça. De mineiridade. De rio. De ser-tão. Tudo aqui te ama.

Ao meu bem, meu marido e companheiro diário **Naná**, por mostrar em ações o que é amor e nessa persistência diária ensinar tanto. Por carinhos que são só nossos e que fazem um escudo pro fel mundano. Por compreender minhas sedes mesmo que isso signifique nossa distância física. Seu companheirismo é essencial nessa caminhada. Agradeço, amor.

Retomo o agradecimento à palavra escrita. Pelo esforço de traduzir o que fica do devir. Talvez em algum canto sombrio da matriz real isso signifique claramente: **Deus (a)**. Algo que rege dentro e fora do que somos. Que leva e traz no através das expressões o mel e o sal. Vida-Sonho. O mesmo ânimo que vem do seio da **Floresta**. Da **Folha**. Do **Vento** e da **Lua**. Do que somos e o que vem dispendo no caminho. Do que levo na íris e sentires. O que lido em buscar através de rastros letrados. À escrita porque dela alcanço certa ponte para dentro; expiração do que inspirei do espaço-tempo. Fazendo quando muito: Geografia.



O auxílio financeiro da CAPES<sup>2</sup> foi indispensável no processo. Agradeço às **políticas públicas educacionais** e almejo tempos em que a pesquisa humanista será um trabalho com remuneração justa no Brasil.

(...) Após a defesa não posso deixar de agradecer a banca que recebeu muito bem este manuscrito. Agradeço à Profa. Dra. **Mírcia Fortes** (PPGEOG/UFAM), ao Prof. Dr. **Eguimar Chaveiro** (UFG/GO), à Profa. Dra. **Virgínia Palhares** (UFMG/MG) e a Prof. Dra. **Amélia Nogueira** (PPGEOG/UFAM)... Gratidão pela leveza que me permitiram conduzir. O momento final foi de surpreendente alegria! É muito bom escutá-los! Senti que o trabalho encontrou os primeiros leitores certos no caminho; pessoas que contribuíram para que ele possa ainda crescer e correr com o rio. As defesas (de qualificação e final) fazem parte do parto natural e humanizado deste texto. Nada como ouvir que sua dedicação de dois anos tem porte de uma tese de doutorado; que será agraciada com um selo de ‘dissertação destaque’ do PPGEOG-UFAM e indicada para concorrer com outros trabalhos destaques no Brasil. Foi tão feliz! Gracias!

---

<sup>2</sup> Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior. Órgão do Governo Federal, ligado ao Ministério de Educação.

*Peior est bello timor ipse belli.*  
*Sêneca*

## RESUMO

A distância ou a proximidade que causa cegueira entre os seres humanos e a Terra é o núcleo da ferida que desencadeia atrocidades para a vida mundana. Aqui foram elaboradas descrições em diários de imersão pelo alto leito da Bacia do Rio São Francisco (*Opará*); em um raio regional próximo à foz do ribeirão Formoso. As imersões descritas percorrem paisagens no intermédio entre as primaveras de 2020 e 2021 e, a narrativa meandra entre a seriedade agastada de uma denúncia e a poética dos encontros com o povo *barranqueiro*. O caminho que percorremos nesse tempo-espço descritivo é atravessado por ameaça às vidas e ao ecossistema deste rio. A iminência de mais um represamento no fluxo principal da bacia é consequência do avanço no domínio da natureza pelos humanos e a conjuntura do púnico sistema econômico reproduzido pelos mesmos. Diante do latente prenúncio as pessoas que vivem nas margens ribeiras, seus modos de vida e suas percepções são desveladas como parte das paisagens do percurso. Paisagens que serão interpretadas a partir de suas *morfologias* culturais e humanistas. No entanto o processo laborativo é múltiplo abarcando também, em uma segunda fase, as estruturas dessas surgências descritivas e alguns mergulhos contextuais através de uma ‘arqueologia’ das intervenções no leito principal de Opará. A descrição imersiva deságua nas relações entre os seres que habitam as margens em iminência do rio alcançando como guarida reflexiva os conceitos de *paisagens do medo*, de *paisagens espirituais* e de *paisagens linguísticas* entendidas através da geografia.

**Palavras-chave:** Rio São Francisco; Descrições geográficas; Paisagens; Ameaça; Represamento.

## RESUMEN

La distancia o la proximidad que provoca ceguera entre el ser humano y la Tierra es el núcleo de la herida que desencadena atrocidades para la vida mundana. Aquí se elaboraron descripciones en diarios de inmersión por el lecho superior del valle del río São Francisco (Opará); en un círculo regional cercano a la desembocadura del arroyo Formoso. Las inmersiones descritas transitan por paisajes entre las primaveras de 2020 y 2021, y la narración serpentea entre la irritada seriedad de una denuncia y la poética de los encuentros con la gente *barranqueira*. El camino que tomamos en este tiempo-espacio descriptivo está atravesado por una amenaza a la vida y al ecosistema de este río. La inminencia de más uno embalse en el caudal principal del valle es consecuencia del avance en el dominio de la naturaleza por parte de los humanos y la coyuntura del sistema económico púnico reproducido por ellos. Ante el presagio latente para las gentes que habitan las riberas, se develan sus modos de vida y sus percepciones como parte de los paisajes del recorrido. Paisajes que serán interpretados desde sus morfologías culturales y humanistas. Sin embargo, el proceso de trabajo es múltiple, abarcando también, en una segunda fase, las estructuras de estas fuentes descriptivas y algunas inmersiones contextuales a través de una 'arqueología' de las intervenciones en el cauce principal de Opará. La descripción inmersiva desemboca en las relaciones entre los seres que habitan las riberas inminentes del río, alcanzando como refugio reflexivo los conceptos de *paisajes del miedo*, *paisajes espirituales* y *paisajes lingüísticos* entendidas a través de la geografía.

**Palabras clave:** Río São Francisco; Descripciones geográficas; Paisajes; Amenaza; Represamiento.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Um pouco do ar da reunião .....	31
Figura 2: Dona Maria Matilde .....	34
Figura 3: Dona Maria Maltide e Seu Antônio .....	36
Figura 4: Dona Alice .....	38
Figura 5: Seu Josemar barranqueiro pescador do São Francisco .....	40
Figura 6: Seu Fábio .....	41
Figura 7: Seu Joaquim Marri'égua e Seu Moranga.....	45
Figura 8: O terreiro na ilha de Calmon; na sombra de um Jatobá.....	46
Figura 9: Dona Justina.....	47
Figura 10: No caminho de retorno.....	48
Figura 11: Dona Maura, Seu Domingos; seus sorrisos e algumas de suas colheitas .....	51
Figura 12: A parede do lar.....	52
Figura 13: Seu Salvio e Dona Ilsa de Pedra de Santana.....	56
Figura 14: Igreja Senhor Bom Jesus da Lapa em Pedra de Santana.....	57
Figura 15: Um banco na esquina .....	58
Figura 16: Fragmento da reunião em Barro Branco .....	63
Figura 17: O dia caindo em Sambaíba.....	64
Figura 18: Cartilha aos comunitários elaborada pelo Coletivo Velho Chico Vive .....	69
Figura 19: Opará, o Pontal e o Abaeté .....	70
Figura 20: Seu Norberto .....	73
Figura 21: Representação semiótica da bacia do rio De-Janeiro e sua foz do Alto São Francisco.....	76
Figura 22: O cerrado varrido pelo fogo no caminho da margem direita .....	79
Figura 23: A Capela construída e benzida em festa por Manuelzão (a da direita).....	80
Figura 24: Família de José Maria .....	82

Figura 25: Pescadora Remilda.....	84
Figura 26: Seu Vando e suas netas .....	85
Figura 27: Dona Anilta (de branco) e sua nora .....	87
Figura 28: Identidade visual do coletivo Velho Chico Vive .....	99
Figura 29: Processos na elaboração do Diário de Bordo.....	108
Figura 30: Mosaico fotográfico: Exemplos de descrição imersiva .....	109
Figura 31: Mapa dos lugares de Imersão.....	117
Figura 32: Municípios próximos ao projeto de represamento do Rio Opará .....	120
Figura 33: Linha do tempo - Intervenções em grande escala no leito principal de Opará .....	122
Figura 34: Registro da Cachoeira de Paulo Afonso por Marc Ferrez (1875).....	123
Figura 35: Ponte Marechal Hermes em Pirapora (2016).....	124
Figura 36: Represamentos Hidrelétricos no leito principal da Bacia de Opará.....	128

## SUMÁRIO

Um breve porto para esse manuscrito .....	17
<b>I. Diários a bordo do Alto Opará .....</b>	<b>20</b>
<i>Antes que a paisagem do turvo porto Beira rio</i> .....	21
<i>Singramos do porto Beira Rio</i> .....	23
<i>Fomos recebidos à mineira</i> .....	28
<i>Fomos até os Cabrito</i> .....	33
<i>Pra descer todo santo ajuda: o retorno</i> .....	39
<i>Sobre o ser barranqueiro</i> .....	42
<i>Assentamento de Limeira (Buritizeiro); esse peixe nunca vi aqui!</i> .....	48
<i>Enquanto a chuva lavou a terra em Pedra de Santana escutamos histórias...</i> .....	53
<i>Sambaíba no auge do verão</i> .....	59
<i>O Abaeté em Opará</i> .....	65
<i>Três Marias e uma canoa literária pelo De-Janeiro Roseano</i> .....	71
<i>O dia no Pontal do berçário</i> .....	84
<b>II. Surgências d'água .....</b>	<b>90</b>
Meandros metodológicos .....	97
O barco: ações coletivas a bordo .....	99
Fluidos d'água: notas sobre rastros de paisagem-eu e a literatura .....	101
Espelhos d'água: o Diário de Bordo .....	105
Caminho d'águas de diversas fontes: Perspectiva múltipla. ....	109
Das nascentes ao caminho das águas .....	115
Breves mergulhos contextuais nas águas d'Opará .....	118
'Arqueologia' de represamentos de Opará .....	122
<b>III. O Deságue .....</b>	<b>131</b>
REFERÊNCIAS .....	142
APÊNDICE .....	147

## Paisagem da foz de um afluente d'água à humana parte da natureza

*Formoso quando chega em Francisco com suas águas  
doces feito-veredas...  
Frias de franzir aréolas;  
temperando as correntes d'água do Velho:  
Voz de foz sussurram aos ouvidos.  
Acervo pessoal,  
Julho de 2021*

Um certo ribeirão, que absorve e reflete o verde das folhas, no susto desemboca em um rio de cor tamarindo-turvo bem maior. O deságue é próximo de onde aquelas águas são potencialmente ameaçadas pela velha dominação humana. Banhei-me na boca da foz desse ribeirão. Na imersão, vinda de um mergulho abri os olhos molhados e...com membros superiores, inferiores e maçã do rosto submersa no rio grande; troquei sentidos com aquela paisagem de foz murmurando. A sonoridade daquilo passou a ser mais decifrável com o tempo. A água que seguia no sentido do sol nascente deslocou-se a seguir na direção da Ursa Menor.

Em um primeiro plano visível - ou o mais próximo aos olhos - a paisagem do rio era de calombos d'água corrente. Choque de encontro de águas no meio do rio grande. Ali se fazem pequenas ondas que assaltam as águas de uma direção para outra. Elas se vinham quase de oeste para leste e, de repente, em alto rio grande se desviavam, seguindo, no sentido sul-norte. É o rio grande quem conduz o sentido; de sobressalto. As águas daquele riacho doce, verdes, frias e com cheiro do fruto de faveiro devem passar a sentir mais as dores desse encontro adiante. O primeiro plano me mostra esse caminho d'água em rumo a que as próprias águas do rio grande se iam. Os raios de sol se pondo rebatiam de dourado os calombos d'água entre os murmúrios do encontro.

No segundo plano da paisagem, o rio menor se vinha em meio às galhas escurecidas de mata ciliar. Vinha o ribeirão com uma mancha central amarelo-sol na doce corrente. O escurecimento do dia me fazia ver as silhuetas vegetais, nesse plano. No chão das plantas havia barrancas baixas de terra que nessa horinha só se via aos contornos. O cerrado ciliar grande e retorcido parece proteger e saudar aquela chegada, pra que seja menos alarmada. De um lado e de outro, nas margens, as galerias seguravam o chão e se encontravam com o céu se pondo entre as folhas e o próximo plano.

Por detrás do ribeirão vindo; num terceiro, último e com atmosfera de infinito plano: o avô Sol. Mas ele transpassava para todos os outros planos, nos calombos, nas frestas



das silhuetas, no tapete amarelo de meio de rio e na percepção da pele molhada dos pingos que reluziam dourado. Esse plano do corpo, ainda não esta descrito, pois é de onde o sentido e a percepção desta paisagem se refletem. Nesse lugar de albedo, algumas reflexões repontaram à mente. O sol quedava o visível das coisas ao mesmo tempo em que iluminava. Nisso esvaíam os planos da paisagem de foz e tudo parecia uma pintura. A quarta parede do espetáculo da natureza se recai fazendo com que me sinta parte disso tudo. Humana parte da natureza.

A quarta parede precisa cair para que a gente se veja parte viva disso. E, então, se movimente enquanto parcela morfológica da Terra. Nossa íntima relação com ela não é apenas um privilégio. Aos que têm ouvidos: ela murmura. E se não a escutamos, depois ela grita. Algo chamado de selvagem há na nossa humanidade que não tem mais tempo e nem espaço para natureza - ou para si mesmo. O que chamam de “civilizar-se” é fundamentalista ao ponto de cortar o elo que nos compreende como parte disso. Um elo que é também imersivo e não só da mente. Não é apenas racional, se me entende. Isso é denunciado há tantos anos e principalmente pelos povos originários deste país. A natureza que parece invisível teve sua selva dominada por outro tipo de selva. Fruto do labirinto mental que sobrepõe aos sentidos e sensações do corpo, da alma e do espírito. Uma cegueira criada na mente pelos seres humanos e para os seres humanos. Uma doença que causa prenúncio ao fim dos tempos na Mãe Terra.

Isso afeta outras esferas de vidas. Nós humanos, nos colocamos como protagonistas sem considerar que somos parte dessa natureza. E, então, quando estamos realmente imersos nessas paisagens naturais parece que nos curamos um pouco da cegueira. Que os atalhos mentais humanos que nos trouxeram até esse caos no mundo se findam... Mas não. Por enquanto é só mergulho e o privilégio da poesia natural de cada um. É preciso quebrar a quarta parede e agir. Por isso, saltamos dessa paisagem natural para entender e agir junto ao caminho das paisagens culturais que respeitam outras formas de vida e também a própria vida humana.

Esse ribeirão - o rio menor - se chama Formoso. E, o rio grande tem nome de São Francisco...<sup>3</sup>

<sup>3</sup> No fundo deste texto de apresentação há uma semiótica da Foz do ribeirão Formoso no rio São Francisco. Os meandros dos rios são representações reais em uma distância escalar de 1:310.000, assim como na representação semiótica do fundo de capa desta dissertação. O sistema de superfície utilizado em ambas as representações foi o SIRGAS2000. O desenho que se abre na boca da foz deste fundo é de Chikovinaya. Na capa as aquarelas digitais foram elaboradas por Katerina Tyshkouskaya (o barco) e Luiba Arkhipova (a bandeira). A fonte dessas

## Um breve porto para esse manuscrito

Está-se nestas letras e é possível que adiante vá pegar um barco comigo. Neste barco sentará num lugar de perspectiva diversa. Certamente é um lugar por detrás de uma carranca, portanto não se preocupe. O fenômeno, o pós-fenômeno, o estoicismo, o sagrado e algumas estruturas contextuais são afluentes já sedimentados e derramados no alto rio das paisagens escritas que percorrem sob o casco desta canoa. Mas é importante evidenciar que ela singrou quando essas descrições ainda não se configuravam propriamente em uma dissertação. No início eram descrições avulsas em diários com a sombra geográfica contornando o rastro de certa literatura da linguagem. A linguagem dessas descrições primeiras está entre o que reverberou da coloquialidade geográfica e o que se apresentou nos devires. É importante realçar que há uma narrativa própria que não é acadêmica e, portanto, é literária nesses meandros descritivos. A descrição do diário de bordo e sua alma literária serão explicadas de forma teórica no segundo capítulo; nos por menores dos meandros metodológicos.

Almejei traduzir aqueles primeiros papéis em um projeto durante o caminho das imersões e então chegamos até aqui. O fenômeno se dispôs no devir do leito principal do rio e depois se ramificou nos afluentes e nascentes; que foi o processo de entendimento do que esteve disposto no devir imersivo... Inicialmente foi feita essa descrição bruta e imersiva, que caiu sobre as folhas como uma cachoeira cai sobre as pedras; e, esses foram escritos em movimento por paisagens, pessoas e comunidades em ameaça de represamento. Dessa queda, as águas se ajustaram às novas margens na realização de um trabalho de transcrição desses diários onde foram feitas algumas interpretações e busca de compreensão para os significados que as pessoas que vivem na beira do rio mostraram assenhorar com ele.

Nem sempre essas interpretações foram esmiuçadas nos diários imersivos. Muitas delas estão no ar das vivências e da descrição densa para serem notadas em tempos outros ou mesmo para descrever com maior alcance o que se passou. No correr das águas descritivas, quando as imersões se findaram, houve uma retenção das vivências contemporâneas para mirar num aprofundamento relacionado à arqueologia dos represamentos do rio Opará no século XX e início do século XXI. Essa contextualização foi importante para dar lugar temporal à ameaça de mais um trecho vivo do rio. Além disso, esse meandro investigativo possibilitou entender como o povo da bacia do rio São Francisco é calejado aos grandes processos de intervenção em sua calha. Afloraram-se daí relações de pertencimento que se

expandem do lugar e da paisagem para a escala de bacia. Pois o rio pode levar novas paisagens à jusante e, portanto, novas relações de vida para suas margens. O que é preciso evidenciar é que: os acontecimentos e interferência à montante reverberam em novos modos de perceber o rio a jusante. Um fluxo d'água, portanto, transcende as categorias geográficas da percepção para a escala de bacia hidrográfica. As águas levam as novas percepções. Essa importante compreensão partiu da contextualização das retenções no leito da bacia interestadual brasileira.

Aproximando do delta desse rio de descrições, transcrições, reflexões e aprofundamentos contextuais chegamos a um mar de relações entre o povo do rio e suas paisagens. A foz desse rio grande se faz de arremates conceituais às vivências e compreensões alcançadas. O que era a complexidade de rio se torna um horizonte-mar de especulações por onde se desembocam grafias, paisagens, histórias e relações dos seres das margens do rio com a natureza em uma espécie de sedimentos descritivos.

Durante as imersões foram elaboradas as descrições primeiras nos diários. Portanto, elas estão dispostas antes, seguindo a natureza dos fatos em alto rio Opará. Estes diários que possuem uma linguagem própria traduziram-se em um primeiro capítulo - **I Diários a bordo do Alto Opará** – que são imersões coletivas nas margens que existem entre Buritizeiro e Pirapora e as comportas da represa de Três Marias. São aproximadamente doze descrições diárias, desvelando caminhos em forma ora poética, ora assuada pelos devires. Quando os diários foram retrabalhados busquei assegurar a essência descritiva daquelas paisagens e, assim, foram as transcrições no capítulo mencionado. O caminho epistemológico desses diários está desenvolvido no segundo capítulo que aflui nos traços-desenhos do que havia sido feito. Mas, desta vez, longe das imersões e perto deste rastro em forma de memórias escritas.

Esta canoa vai subir as margens montantes de onde partimos e então dissecar meandros do corpo dos diários. No capítulo **II Surgências d'água**; são tecidos aprofundamentos do caminho perspectivo e metodológico desta pesquisa, das contextualizações e nascentes das questões que nas descrições imersivas anteriores apareceram de forma fluida – ou em forma de devir. Neste capítulo há interpretações na forma teórico-reflexiva dos meandros metodológicos, da perspectiva múltipla, da ferramenta do diário de bordo e da contextualização do tempo e das paisagens em que imergimos. O fragmento de texto que estamos chamando de segundo capítulo também aborda as alterações humanas de grande magnitude da bacia do Rio São Francisco na história de sua ocupação.

Com a nossa canoa mirando o pôr no rio alcançaremos alguns desaguares interpretativos e reflexivos a partir das imersões do primeiro capítulo e das veredas teóricas do segundo. Esse deságue são considerações que resultam do encontro dessas águas no terceiro capítulo – **III O Deságue**. Esse desembocar final é o até onde chegamos nas vivências e nos pensamentos. E, claro, as águas e o tempo fluem reconduzindo próximas histórias para esse trecho do rio a partir daí. Histórias que continuaremos lutando para ser de uma porção de rio que corre livre.



## I. Diários a bordo do Alto Opará

*O menino e velho Chico viagens  
Mergulham em meus olhos  
Barrancos, carrancas, paisagens  
Francisco, Francisco  
Tantas águas corridas  
Lágrimas escorridas, despedidas  
saudades  
Francisco meu santo, a velha canoa  
Gaiolas são pássaros  
Flutuantes imagens deságuam os  
instantes  
O vento e a vela  
Me levam distante  
Adeus velho Chico  
Diz o povo nas margens  
[Extraído do álbum Pirata de Maria Bethânia]*

*Antes que a paisagem do turvo porto Beira rio*  
*[23 de novembro de 2020, suspiro de primavera molhada]*

Eis o ponto de embarque da terra que noutro tempo foi porto de travessias nordestino - sudestina.<sup>4</sup> Quais-quantas pessoas desembarcaram ali? E dali mesmo seguiram suas vidas construindo novas formas de ser e moldando suas culturas nas planícies dessas águas sem apanhar o trem que passava naquele pontilhão velho de cor-ferrugem. Rachel de Queiroz não me nega nessa afirmação. Vem Rachel... Vem:

Em Petrolina, que fica defronte a Juazeiro da Bahia, do outro lado do rio São Francisco, se tomaria um vapor da Empresa de Navegação Baiana do São Francisco, e se subia embarcado até Pirapora, em Minas. Pirapora era outra ponta de trilho e de lá se pegava o trem para Belo Horizonte. (QUEIROZ, 2020, p. 115)

Na paisagem que estava adiante: barcos de passeio, lancha, canoas, céu branco e a mata de galeria verde escura em um plano posterior ao rio turvo-tamarindo. Depois de amanhecer dormida ao som do fluxo deste rio que percorre as terras de Pirapora nas Minas Gerais, nos encontramos no porto Beira Rio às nove horas de uma anuviada manhã. Enquanto esperava os companheiros do Velho Chico Vive<sup>5</sup> para a travessia, os macios pingos d'água se abrandaram e não mais caíram do céu. No momento desta escrita, mergulho nos/dos planos do pensamento sobre: donde seria o porto de partida para descrever aquela paisagem? Isso, porque a matriz vem de antes.

É antes do que sobre a água que percorria turva diante da paisagem que desvelava os sentidos naquele porto em Pirapora. É antes e é ela mesma, pois essas águas também vieram longe-dali. Muitas terras longínquas minam águas que fazem o que via ali. Essas são as 'Minas' que não vem de minério e alcançam a forma como um avô ancestral dizia ao se referir a uma nascente ou cabeceira. Minas d'água! O processo de *decolonização*<sup>6</sup> ou de *dedominação* dos nossos hábitos também se faz das palavras. Territorialidades humanas evidenciam isso. Minas sim. As minas d'água. Vou mirar os olhos nas minas d'água que são

---

<sup>4</sup> Para se orientar através de descrições cartográficas nas imersões iniciais sugiro ver da coleção de mapas a *Região Imersiva I*, que se encontra no **Apêndice B** deste manuscrito. Saliento ainda que para a imersão até Chapadinha há também uma semiótica elaborada e presente no **Apêndice G**.

<sup>5</sup> Coletivo contra empreendimentos insustentáveis a esse trecho do Rio São Francisco, especificado de forma mais direta nos descreveres do segundo capítulo desse trabalho.

<sup>6</sup> Decolonização tem sido um discurso recorrente nas ciências humanas neste princípio de século (XXI). Aproximando do entendimento; o termo desvincula-se dos atos e ações impostas ou dominadas por um contexto branco, masculino e eurocêntrico. Assim se aponta ao desvelar de signos que não sejam impostos, ou externamente induzidos. Santos (2002), nos convida a entender como a ciência moderna se transforma em um modelo totalitário na medida em que nega todas as formas de conhecimento que não pautam os seus princípios epistemológicos ou regras metodológicas que são científicas, cartesianas e eurocêntricas. Neste embarque de pensamento somos inspirados a questionar as pretensões epistemológicas da ciência moderna pelo valor de um conhecimento dito ordinário, criados por sujeitos individuais e coletivos para dar sentido às nossas práticas.

tantas nas Gerais e foram tantas mais antes deste contexto-processo contínuo de dominação das águas, das naturezas, das fêmeas, das cores, das almas (...). Mas ora, esse ângulo de percepção não quer vedar aquelas minas ou lugares que se chamam aos buracos-cava de minério.

Esse último ângulo, faz os tapetes dobrados em pedras se transformarem a cada dia mais em: pó. Pó desta Terra e muito das terras das Minas Gerais. Pó de cava. Bilhares de anos orogênicos e que se metamorfosearam para que o meritíssimo antropoceno reduziu-se em: pó. Eis a velocidade de gigantes bateadeiras da terra/Terra. Pó que faz com o rio: lama! É quase que o processo do diamante só que ao inverso. Uma matéria em decomposição na quantidade-velocidade da estupidez.

Mas, esse mirar aqui do agora; nas minas d'água, apenas conduz nosso desencadeamento de ideias para o que nos é vital. Seguimos, no pensamento, os corpos d'água que percorrem o espaço de distintas maneiras. A dominação desses cursos doces aflui na questão primeira dessa escrita. *Água. Água de beber, camará!* E isso se mistura com histórias e estórias. Turvam os portos de início. A água dessa bacia corre há muito dentro dos corpos dos seres humanos que vivem nela. Então, esse encontro é sentido antes que a paisagem do porto Beira Rio. Mas, essa paisagem é o que desaguou a mente nesse devanear enquanto corre no leito do rio Opará e no leito das memórias.

Recordo que nas epistemologias nativas americanas a água significa para *Mãe Terra* o que o sangue significa para nós<sup>7</sup>. O cientista James Lovelock (2006) reconheceu e traduziu em experimentos essa perspectiva advinda de diversos povos originários na Terra. Através da ciência, o nome 'Gaia' também entende a Terra como um organismo vivo. Adentro nessas conduções e sinto a paisagem que corria meus olhos. Dentro e antes, na maior parte da vida ela percorreu meu corpo. A bacia que alimentou meu corpo e o corpo dos ancestrais de gerações mais próximas seguirá alimentando os que virão? Enquanto isso, ela parece qualquer coisa que não se fixa em paisagem alguma. Sempre em movimento. Seguindo a profecia de seu caminho incerto<sup>8</sup>. O porto da escrita parte daqui: desse encontro com as águas que conduzem nossos passos.

E o porto Beira Rio partiu dos nossos olhos em Pirapora com o canoar de rio em rumo da rota que traçamos. Subimos rio a sul. O porto de chegada é onde chamamos de

---

<sup>7</sup> (SAMS, 1994).

<sup>8</sup> Referi ao significado profético do nome Opará, descrito adiante no segundo capítulo deste documento.

Chapadinha. Uma comunidade pelas barrancas da região alta da bacia hidrográfica do Rio Opará. Mas antes de chegar até lá, atracamos em outras barrancas fluviais do caminho.

### ***Singramos do porto Beira Rio***

*[naquela mesma manhã de rio]*

No caminho pós-chuva a água era espelho sépia do dossel. Nuvens-cúmulos se movimentavam brevemente pelo céu - abrindo a visão para a imensidão celestial daquela vivência. A canoa singrava pesada. Bolsas, mochilas, alimentos. As águas cortadas gotejavam as pernas. Respingos d'Opará. No cenário mundano primeiro que se passava no canoar: atravessamos sob a ponte nova de Pirapora, passamos por pastos, vimos bois, portos particulares e vegetação de galeria como margens que corriam das paisagens esmaecendo seus formatos em linhas de tons esverdeados. Pássaros azuis e anus dançavam no céu do rio. Ou no rio do céu. Moranga, o pilangueiro<sup>9</sup> que conduzia a canoa era veloz e as águas pareciam querer nos guiar em sua defesa com muita pressa e abundância. Moranga habita no porto Beira Rio, em um container ancorado. Até então, só dizia o que era o objetivo das ações. Mirava os olhos nas águas a frente e parecia ensimesmado. Pouco antes de adentrarmos em uma mata ciliar mais contínua, observei entre os ventos d'água do primeiro plano da paisagem a Ilha dos Coqueiros...

Essa ilha desarranja aquela paisagem em algumas memórias. Que são ela mesma. Algumas vezes, aos domingos, almocei neste lugar; na casa de Seu Zé que faz de seu lar um restaurante barranqueiro. A ilha é onde sacrifica suas galinhas e colhe sua horta vazante como matéria prima de um saboroso almoço mineiro ao coentro baiano. Esse sabor faz muito sentido ali. Esta é a primeira ilha a jusante da foz do rio Formoso. Talvez seja a primeira ilha a jusante do projeto de barramento ao qual enfrentamos. Seu Zé achou a proposta benéfica aos seus negócios e para toda a ilha. No último almoço que me alimentou ali, conversamos sobre a Usina de Formoso. Ele constatou que a comunidade de Pontal do Abaeté<sup>10</sup> é uma prova de que o turismo só melhorou depois da existência das comportas de Três Marias, que esta no rio pouco acima do lugar. A especulação imobiliária já atua em prol disso na ilha dos Coqueiros.

---

<sup>9</sup> Durante as imersões aprendi que pilangueiro é quem conduz barcos de pequeno porte, ou canoas de motores pelo rio.

<sup>10</sup> Essa comunidade (Pontal do Abaeté) é roteiro dessas viagens e faz parte do diário imersivo que esta transcrito nesta dissertação. De fato é uma comunidade que vive do turismo de pesca esportiva e da culinária dos pescados. Mas atualmente, suas atividades foram atingidas pela lama de rejeitos do córrego do Feijão em Brumadinho e pela atuação da Nexa, mineradora a montante, nas margens da represa de Três Marias. Os peixes que são encontrados na região jusante mais próxima da represa Três Marias são diferentes dos peixes do lago, já que estes (do curso natural) são os animais fluviais específicos do rio São Francisco. Entretanto há relatos de toxicidade e mortandade dos mesmos na região. Relatos que atualmente tem afastado turistas, segundo os moradores de Pontal do Abaeté.



Uma área na ponta da ilha foi vendida, Seu Zé enunciou que havia um zunzun de que seria construído um hotel no lugar. Nessa prosa, contou também, um pouco de sua história. Recordo-me intensamente de um registro que fiz entre suas falas: - *sou barranqueiro mesmo, pois vivi pra lá e pra cá, mas sempre nas barrancas desse rio*. A ideia da frase, pulsou por muito tempo nos pensamentos, e vai reverberar em reflexões adiante dos meandros dessa escrita.

Não arriamos nessa ilha; ela foi paisagem breve aos olhos, onde a gameleira imensa do porto de Seu Zé ramifica pelos ares como mapas de bacias fluviais. Enquanto transcorria sua paisagem, levava o pensar sobre o que pode ser o avesso da cultura das margens de rio se engendrando nos costumes dos beiradeiros... Até que ponto o capitalismo e as propriedades privadas são parte do que é o povo e/ou comunidade? Se adaptar ao sistema é também abraçá-lo em ideias e ações? Existiria um meio termo entre a vulgaridade capitalista e a vida no/do rio? Quem sou para dizer o que é bom para quem vive a carga de existir com uma cultura não hegemônica neste país.

Não podemos interferir no que as pessoas acreditam a partir de suas trajetórias de vida. Nesse caso, uma vida de luta por sobrevivência e agora uma esperança de vida melhor. O Pontal do Abaeté, longe dali, pode ter se beneficiado do turismo; mas agora é mira de preenchimento da represa. Por quanto tempo haveria de ser benéfico para Seu Zé? Chegaria mesmo a ser? Algumas previsões são contrárias. Fato é que bem antes das articulações para os empreendimentos de grande porte algumas propriedades são vendidas.

A especulação imobiliária como premonição do empreendimento não absteve a revelar-se. Ao que flui neste caminho e noutros é nítido que a maior parte dos contratos de compra e venda são feitos por terceiros em áreas que serão próximas ao represamento e não parte das áreas de represamento. O gigante capital entra por todas as frestas, com uma força horrenda. Anuncia que após sua varredura é a vez das águas ocuparem e se estagnarem noutras margens comunitárias. A água fluvial conduzida pelos seres humanos, segue caminhos que estancam vidas. Desigual projeção aos que serão diretamente atingidos pelo represamento. Seu Zé não é um pescador; pesca muito pouco. Talvez se fosse, perceberia, como outros, que os peixes da área se reproduzem justamente acima das comportas da suposta represa. Captaria que esses peixes não mais existiriam na região. No seu restaurante vende peixes comprados na peixaria em Buritizeiro, como revelou. Essas terceirizações parecem distanciar os seres do que é a sua realidade, mesmo quando a realidade corre livre em frente suas casas e são habitats de seus alimentos mais caros.

Seguimos com as águas cheias e as ciliares cada vez mais plenas. Moranga avisou: - *vamos passar na cachoeira do rio Formoso daqui a pouco*. Pareceu ansioso ao momento. Estranhei cachoeira em curso de rio largo. Tive medo. A ideia de uma geógrafa(o) de *cachoeira* se alia a extraída do dicionário geológico-geomorfológico (GUERRA, 1987):

**CACHOEIRA** - queda d'água no curso de um rio, ocasionada pela existência de um degrau no perfil longitudinal do mesmo. As causas da existência dessas diferenças de nível no leito do rio podem estar ligadas as fálhas, dobras, erosão diferencial, diques etc. No pé da cachoeira geralmente há o aparecimento de marmitas ou caldeirões produzidos pelo choque da água ao cair. Geralmente as águas carregam materiais sólidos em suspensão, seixos, etc., que são responsáveis pela escavação das marmitas (GUERRA, 1987, p. 64).

Entretanto, enquanto no rio seguia, ele disse: - *veja, aquela é a cachoeira do Formoso!* O que vi foi um rio menor surgindo da mata e alcançando as águas do Chico. – A! Vocês chamam a foz de cachoeira. Aquilo é onde o rio Formoso cai no São Francisco. Eu disse. E então Moranga precisou ficar silenciado e guiar a canoa de forma mais incisiva. Algumas turbulências faziam a canoa saltar n'água. Tive medo com o corpo. Elas pareciam vir das águas do Formoso. Vi algumas ondas que quebravam sobre as águas do Velho Chico ao longo da vista; alguns planos antes da margem esquerda, onde o Formoso desagua e onde não estávamos mirando com a canoa. Seguíamos subindo o rio, próximos da sua margem direita. O rio ali estava um tanto diferente. Moranga disse, gritoso pelos ruídos altos d'água: - *Olhe as ondas que as pedras provocam, tem pedras enormes ali e outras menores*. Então passei a perceber que onde as pequenas ondas se quebravam pareciam desviar de algumas elevações. Deviam ser as tais pedras que ele dizia. Essa seria então a cachoeira! Moranga completou que só não vimos as pedras porque o rio estava cheio pelas chuvas últimas. Enfim, pude entender o que são essas cachoeiras para os regionais. Já havia escutado “cachoeira de Pirapora”.

Próximo ao pontilhão de ferro entre Buritizeiro e Pirapora há muitas pedras: pequenas, grandes e até marmitas<sup>11</sup>. Lugar onde as pessoas se banham. Esse significado popular faz sentido. É bonito e sincero porque nos pés das cachoeiras há seixos, matacões e marmitas. É um olhar atento ao leito do rio que aos olhos doutros parecem apenas sutis ondas. São formas de pedras em movimentos d'água, assim como nas cachoeiras. Uma geomorfologia popular e precisa. Sinta bem, notei isso: quando as pessoas descrevem e nomeiam as formas das paisagens é de geografia que estão falando. Aquilo me abria um caminho de rio e de descobertas. Não há como apresentar a geografia do lugar aos que o vivem, eles é que a sabem. A paisagem sonora também coaduna com a descrição de Moranga e de pessoas da

---

<sup>11</sup> Formações geomorfológicas de cavidades arredondadas formadas pelo atrito das pedras submersas conduzidas pelas águas.

região a uma ‘cachoeira’. É aquele som forte de água batendo na pedra, que zumbi mais que os outros barulhos do rio. De novo, Rachel:

Junto de Pirapora há uma corredeira. E a gente, que nunca viu o rio, mas escutou falar em corredeira, fica pensando em qualquer coisa tremenda e majestosa, uma mistura de cachoeira e torvelinho. Pois uma corredeira, amigos, é quase uma verdade metafísica. O rio corre – corre como sempre: aqui e além aponta uns pedrouços pretos. Entre os pedrouços a água borbulha suave, com um gorgolejo macio de regato. Ali está a corredeira: e ninguém se fie nas manhãs do mineiro: aquilo é voragem é rodãozinho, é morte (QUEIROZ, 2022 *apud* OLIVEIRA, 2022, p. 17)<sup>12</sup>.

Passou-se a cachoeira do Formoso. E junto aquele medo que precede novas descobertas. Passava o rio, como as sensações. Passava a vida. O rio corria por baixo da canoa em direção contrária. O barco tinha som motor em ritmo acelerado. Talvez por estar contra a direção do rio. Rio que corre para um nordeste de caatinga explícita. Devaneios e teorias a parte; paramos o barco na ilha da Pimenta. Ali encontramos mais tripulantes da expedição. As pessoas que encontramos na Pimenta, conhecemos em outra oportunidade<sup>13</sup>. A Ilha da Pimenta é a primeira ilha comunitária à montante de Pirapora a ser submersa em caso de represamento. Seu Celinho e Dona Marluce são líderes da associação local e tanto nos apresentaram a ilha da outra vez quanto passaram a fazer parte do coletivo. Junto a eles outros moradores da ilha - Joana e Edir - também decidiram conhecer as beiradas do rio ao sul. Também se juntou a trupe o Josemar, pescador artesanal que habita em Marambaia e faz parte do Movimento de Pescadores fluviais Nacional.

Dividimos nossas malas e pesos em outros barcos de forma equânime. As minhas, as das Irmãs do CPP<sup>14</sup> que vieram desde o porto Beira Rio e as de Pedro, músico barranqueiro de Pirapora. Todos a postos, partimos em três canoas para o sul... Variei para o barco de Edir e Joana. Suspeito que tive sorte, biscoito de polvilho e cafezinho quente eram diferenciais contínuos daquela barca que por horas singraria até Chapadinha. Em canoas, enfim, ficamos mais leves e confortáveis. Deslizamos mais suaves sobre a corporeidade das águas D’Opará.

<sup>12</sup> A passagem acima é citada por Sebastião José Marques Oliveira, na obra “Navegando de Pirapora a Juazeiro: uma viagem fotográfica” – e não foi possível identificar a fonte original de Rachel de Queiroz.

<sup>13</sup> O coletivo Velho Chico Vive foi procurado pela Inter TV de Montes Claros (GLOBOSAT), para apresentarmos algumas pessoas que sofriam ameaça de serem atingidas pela represa. Na oportunidade o coletivo era recente e não conhecíamos ainda as pessoas que seriam atingidas pelo represamento. Na visita que culminou a reportagem, fomos por terra até a Marambaia, região que ganhou esse nome por causa de uma fazenda. De lá atravessamos um braço d’água de barco e percorremos todas as casas insulanas na Pimenta. Fomos também na Capela de Nossa Senhora da Aparecida que esta na ponta norte da ilha.

<sup>14</sup> Freiras que atuam no Conselho Pastoral dos Pescadores de Buritizeiro. Irmã Neusa e Irmã Letícia. Fazem parte do coletivo Velho Chico Vive. Junto as Freiras uma agente da CPP também era presença, Laís.

Próximo à ilha da Pimenta, nosso breve desembarque foi na casa de Seu Sabino. Ele mora com a família na margem direita do rio. O município é Buritizeiro, mas o lugar onde ele mora é comumente chamado de Sobrado. Perto não há outras casas. Seu Sabino é um homem vivido e foi pescador pelas barrancas do rio. Naquela casa vive e recebe seus filhos, netos e parentes. Sentou um cado na sua varanda e nós, sem nos aproximarmos devido aos protocolos de saúde. Escutamos um pouco de suas histórias. Sua filha e sua neta também vieram até porta da cozinha para a varanda escutar a prosa do patriarca.

Percebi pelo timbre da fala e o contorno dos causos que aquele momento era único. Senhor Sabino tinha muita história de rio, contou que durante a cheia d'água de 1979<sup>15</sup> acostou o barco no degrau da porta de casa, onde sua neta estava. Tudo era água. Disse que cheia como aquela nunca mais viu. Contou também um pouco sobre sua companheira falecida. Se mostrou contrário à barragem e abriu os olhos ao saber que o assunto da década de 80 do século XX realmente voltava à tona. No seu quintal: abóboras, bananas, galinhas. Horta farta! Não rendemos o proseio porque aquela manhã caía e na Chapadinha a missão primeira era cozinhar o almoço para depois desjejuar e aí sim desenhar os caminhos pela comunidade.

A ciliar ia ficando cada vez mais densa e verde escura. O porte das árvores em galeria surpreendia. As margens D'Opará não são todas desmatadas, tem seus refúgios. Encantava em ver espécies do cerrado com portes da Mata Atlântica. Aquela densidade em meio a uma transição que justapunha cactos bordava o caminho de jeito belo. Um paredão exposto margeou o rio nas duas bordas por um tempo. A paisagem variou e as barrancas estavam expostas naquele trecho. Pensei se seria a proximidade da comunidade de Pedra de Santana<sup>16</sup>, onde esperávamos ir de uma outra vez por terra. Passamos por água em três ilhas, uma menor que parecia preenchida apenas por plantações vazantes<sup>17</sup>, uma segunda com extensão territorial maior e mais íngreme<sup>18</sup>.

Naquela altura do rio, vimos uma cutia que mergulhava e por duas breves vezes subiu à cabeça na superfície até alcançar a margem direita do rio. Dali ela se virou para um último olhar em direção às canoas com as orelhinhas arqueadas e depois correu mata adentro. Essa ilha passou a ser referida como a “ilha da cutia” a partir de nossas vivências em comum.

---

<sup>15</sup> Essa cheia de 1979 é um evento muito recorrido nas memórias da região. Várias casas e criações foram levadas pela água.

<sup>16</sup> Há imersões nesta comunidade descritas adiante.

<sup>17</sup> Essa ilha era Várzea da Croa, por onde passaríamos na volta.

<sup>18</sup> Ilha do Calmon onde embarcaríamos também na viagem de retorno.

Percorremos perto da margem esquerda uma terceira ilha<sup>19</sup> com largura tão ampla que parecia fazer o rio meandrar e abrir um recôncavo em sua margem esquerda. Dalí, estávamos bem próximos do nosso destino: a comunidade de Chapadinha.

***Fomos recebidos à mineira***

*[ainda naquele dia que cheirava fim de primavera]*

Uma fita vermelha enlaçada as folhas da jovem plantação de milho vazante, na margem direita, indicava que chegávamos ao destino. Eram 13h daquele fim de novembro e a sensação de fome alternava com a fadiga da posição única que a canoa permite aos nossos corpos. Fomos muito bem recebidos pela família de dona Inês que é presidente da associação em Chapadinha (distrito que pertence ao município de Várzea da Palma). Emprestaram-nos uma casa de verão que estava fechada para pousarmos. Ainda haviam preparado nela um banquete à mineira. Ah... Minas Gerais! Não esquecemos jamais. Dispensamos nossas barracas e guardamos os nossos alimentos para uma outra refeição. Galinha caipira, arroz, feijão, mandioca cozida e farofa preencheram nossos pratos. Forramos o estômago e trocamos prosas com os anfitriões comunitários.

Dona Inês explicou que na comunidade residem aproximadamente cinquenta famílias e que seria inviável passar por todas no pouco tempo que tínhamos. Havíamos carregado desde Pirapora sacos com máscaras devidamente embaladas e muitos vidros de álcool gel, caso precisássemos nos reunir com muitos e foi o que decidimos. Durante nossa conversa, Arnaldo, esposo de Inês, estava muito curioso sobre a barragem. Conversamos um pouco e decidimos contar tudo que sabíamos sobre na reunião na escola que foi marcada para o dia seguinte. Sentamos sob boas sombras de gameleiras e araticuns, onde descansamos antes de caminhar pela comunidade...

Subimos na carroça da caminhonete de Anderson e fomos até a escola onde seria nossa reunião na manhã seguinte. Havia uma estrada, muitas cercas e poucas casas, pois eram bem distantes umas das outras. Inês se incumbiu de avisar a todos. Uma escola em meio ao campo cerrado salpicada de ipês amarelos com resquícios da floração. Que horizonte! Na volta descemos caminhando da arejada casa de Inês e Anderson até onde nos alojamos. Andar e navegar me parecem fluxos que nos permitem olhar com calma. Era um cerrado típico hora campo cerrado, ora pasto, ora plantação. Alguns frutos evidenciavam a primavera que se ia: cagaita, mangaba, araçá, araticum. Nas plantações: milho, cana e abóbora. Nessa época se plantam milhos, para colher no fim de fevereiro. Eram jovens plantações. O manejo sazonal

---

<sup>19</sup> Ilha dos Prazeres, seria pousada nossa na viagem de retorno, mas isso não fazia parte da programação ainda.

do milho no Norte de Minas foi elemento de muitas paisagens... Ao chegar, guiamos algumas pautas para a reunião do outro dia. Estive encarregada de fotografar e entregar as máscaras aos que chegariam ao pátio da escola. Ali iríamos: contar sobre a barragem o que sabíamos e escutar o que já se sabia na Chapadinha. A comunidade, assim como toda a margem do rio desde que passamos pela cachoeira de Formoso é ameaçada de ficar submersa pelo empreendimento.

A tarde caía e alguns homens da trupe foram pescar. Fui me banhar e depois ajudar na produção da nossa janta. Tudo ali indicava que seria uma noite bem dormida. Aquele lugar cheirava uma mística de tempo bem vivido. Cor de céu caindo-noite na margem do rio. Marluce e Joana comandaram a cozinha. Logo os pescadores chegaram com micro pescados. Disseram ser mandi. Estavam saborosos na farinha da mandioca. A noite também deu ao ar umas canções tocadas no violão norte-mineiro do Pedro.

*Segura esse peixe Pedro! Segura esse peixe Pedro!  
Não deixa o peixe fugir!  
Segura esse peixe Pedro que ele pode ser Surubim.  
Se for curimatá, tempero ele e vou fritar.  
Se for mandi açú, cozinho ele com angu.  
Mas se for pocomã, vamos cozê-lo com jerimu.  
Se for dourado, asso ele cheio.  
Se for cari, trato dele aqui.  
Mas se for piranha, pego logo o pau  
Trato trato ela e como. É tanto peixe bom!  
(É tanto peixe bom no Rio São Francisco!)  
Segura esse peixe Pedro! Segura esse peixe Pedro!  
Não deixa o peixe fugir!  
Segura esse peixe Pedro que ele pode ser Surubim.  
E se for surubim, todos nós comemos na moqueca.  
Assamo ele na brasa, ou corto ele em rodela.  
O tempero eu sei a conta exata.  
A pinga é da boa! É de Januária.  
Segura esse peixe pra ele não fugir!  
Segura esse peixe, joga na canoa!  
(Joga na canoa, Pedro!)  
Segura esse peixe Pedro! Segura esse peixe Pedro!  
Não deixa o peixe fugir!  
Segura esse peixe Pedro que ele pode ser Surubim.  
[Pepeh Paraguassu, artista Piraporense]*

O sono da noite foi, como previsto, profundo. Acordamos bem cedo, antes das seis da manhã. Ao chegar na escola fixamos cartazes nas pilastras do pátio. Aos poucos as pessoas se achemavam para a reunião às 8:30. Eram muitas! Apresentava-me antes, entregava-lhes máscara aos que chegavam sem, aplicava gel na mão de todos. Foi um ritual importante onde me encontrava aos olhares e as palmas das mãos. Havia muitas mulheres, homens e crianças; em torno de quarenta adultos. Chegavam caminhando, de carro, carroças... Uns chegavam, deixavam alguns e voltavam para buscar outros. Senti falta de uma partilha de alimentos; mas

os tempos pandêmicos não permitiam essas trocas. Enquanto o povo ia dirigindo-se aos assentos em cadeiras e muretas, cantávamos uma letra que é conhecida por muitos na região, como pude perceber no momento. Das vozes se fazia um coral alto no refrão. As máscaras no rosto não se abafavam para o canto cristão e as palmas eram ritmadas nas curvas tônicas. Assim se deu luz de arte ao encontro de reconhecimento, trocas e diálogos entre os comunitários barranqueiros...

*“ Lá na Serra da Canastra/Lá de Minas nos Gerais/  
O senhor olhou seu povo/E uma lágrima derramou/  
Esse choro virou rio e São Francisco se chamou/  
{ **Meu rio de São Francisco nesta grande turvação  
Vim te dar um gole d’água e pedir tua benção** }Bis  
Choro Santo do Bom Deus/Gerou vida planta flor  
Peixe,bicho, passarinho/E na sua ribanceira  
A sombra do Juazeiro/Muita gente se arranchou  
**{refrão}**  
Pai de gente,mãe do povo/ Dando água, dando peixe/  
Fome e sede ele matou/ E as terras da caatinga/  
Brejo serras e vereda/ Sertão seco ele molhou  
**{refrão}**  
Como disse padre santo/ O sertão vai virar mar/  
O mar vai virar sertão/Tão matando o velho Chico  
E o rio que gera vida/Nunca pode morrer não  
**{refrão}**  
A Barragem cerca as águas/O veneno mata o chão/  
Morre a planta no cerrado/Chora a ave. Morre o bicho/  
O meu povo vai-se embora/Com saudade do sertão  
**{refrão}**  
O você que é beiradeiro/ Não deixe o rio morrer/  
Pois vai-se junto seu caixão/ Aqueles que matam o rio/  
Do povo são inimigo/Não tem Deus no coração  
**{refrão}**  
São Francisco Peregrino/São Francisco Pai dos Pobres  
Abenções esse torrão/ E os olhos do bom Deus/  
Olhem sempre o seu povo/Molhem sempre o meu Sertão  
**{refrão}**” [Frei Luiz F. Cáppio]*

Todos se apresentaram adiante. Nesse mesmo momento, cada um dizia o que se sabia sobre o projeto de barramento a partir do rio Formoso. Alguns entenderam apenas naquele momento que Chapadinha faria parte da área de represamento e surpresos perguntaram até onde a água alagaria. Percebi que as mulheres se mostravam mais preocupadas com a terra que cultivavam e a casa que cuidavam do que os homens. Muitos homens perguntavam sobre indenização, valores e critérios. Não tínhamos essas respostas e nem queríamos pensar nessa possibilidade ainda. Trouxemos um pouco sobre a história do empreendimento que data desde a década de 1980 do século XX e que desde maio de 2020, a partir do Decreto nº 10.370, estava novamente em fase de licenciamento.

Também levantávamos a concepção de união para resistência, ou de esperança de que nem tudo estava perdido e que existiam direitos. Havíamos preparado cartazes com cardumes de pequenos peixes cercando um peixe grande. A partir da representação se conversava sobre a importância da união contra grandes empreendimentos. Um senhor disse em alto e bom tom que aqueles que pagassem o imposto pelas suas terras teriam mais direito a indenização. Uma mulher o retrucou dizendo que as terras de margens eram da União e que muita gente que tem propriedade na beira do rio não receberia indenização. Na seguida, outro senhor presente afirmou que sabia dizer sobre alguns critérios de indenização, alertou que quem não tem grandes cultivos não receberia. Disse ter conversado diretamente com alguém da empresa<sup>20</sup>. Nesse momento, conduzimos a conversa para a realidade de que há formas de que esse empreendimento não seja licenciado e que deveríamos agir unidos e com estratégia. Pensar em indenização seria um último caso, depois de muita luta. Coisa que certamente valorizaria a quantidade de pessoas e monetização de indenização, inclusive.

Esse primeiro encontro (Figura 1) foi de reconhecimento das pessoas que vivem essa comunidade. E ali estivemos aclarados de que muitas pessoas estavam em posições de desmobilização e que provavelmente estas poderiam ter sido constatadas pela empresa. Entretanto, isso não foi revelado naquela reunião diretamente. Verifiquei que essas pessoas que traziam e argumentavam sobre indenização eram todas do sexo masculino e chegaram ao local de carro. O povo preto que estava presente não se manifestou, apenas assistiram aos discursos. Foi um encontro um tanto polarizado, e de surpresa para o coletivo. Muitos ali, inclusive, acreditavam que éramos da empresa antes do início da reunião.

Figura 1: Um pouco do ar da reunião



Fonte: Acervo Pessoal

---

<sup>20</sup> A responsável pelo empreendimento atualmente e durante a reunião é a QUEBEC e TRACTEBEL SUEZ.



Ao final, uma senhora se aproximou e me disse: - *quem é que tem nome igualá o meu?* Dona Alice, se apresentou e disse ser da família dos ‘Cabrito’. Ouvimos sobre essa família antes; quando Dona Inês e Seu Anderson nos contaram um pouco sobre os comunitários. Achei bonito o jeito de Dona Alice chegar. Mostrou-me os seus. Eram praticamente todos os pretos no pátio da escola. Sorrímos muito com os olhos e combinamos de ir até o quintal de sua casa durante a parte da tarde para conversarmos melhor. A casa dela e as casas de seus familiares estão em uma região a sul, com estradas difíceis e distantes do ‘centro’ de Chapadinha. Aconselhou que chegássemos pelo rio. Maria e Eurides, cunhada e nora de Dona Alice vieram também confirmar se iríamos visita-las no mesmo lugar durante a tarde: – *Esperamos vocês.*

No caminho de retorno, encontramos um senhor e uma senhora que se aproximavam num carro, atrasados para a reunião. A casa deles era no trajeto da nossa estadia. Decidimos alguns, por parar na casa deles para uma prosa. Disseram às irmãs que se elas fossem ganhariam rapa de requeijão. Poucas vezes na vida vi estímulo tão eficaz. Seu Horácio e Dona Neusa têm uma larga mesa na varanda, onde pudemos sentar e explicar do que falávamos na reunião. No quintal de frente para mesa havia uma grande mangueira com mangas do tipo “coquinho” bem maduras. Comemos requeijão, tomamos um café e depois nos fartamos de manga boa.

O casal mora há 50 anos na comunidade de Chapadinha. Não chegaram a tempo na reunião porque era o momento de Horácio tirar leite. O requeijão era saboroso que só! Aflora um gosto que é só do norte de Minas. As Gerais têm dessas geografias dos sabores. Há aqui uma espécie de *terroir* do requeijão. Minha teoria exploratória é de que tudo que é feito de leite em cada mesorregião tem um tipo. Se levasse esse requeijão para minhas tias avós de Pará de Minas elas diriam que isso pode ser tudo, menos requeijão. O requeijão de Paraopeba é de um sabor ‘meio do caminho’ entre o das minhas tias avós e o de Seu Horácio e Dona Neusa. Hoje, vivo em uma terra que quer patentear o sabor do requeijão e outros derivados do leite. Todos os sabores com suas especificidades que nos transportam às memórias dos cantinhos das Gerais.

A Dona Neusa se mostrou mais preocupada em sair da terra; disse-nos que construíram a vida toda ali e que seus netos gostavam do lugar quando o visitavam. Senhor Horácio, no entanto, enxergava algumas possibilidades com a indenização, parecia um tanto disposto a negociar. Mas como essa conformidade já estava na cabeça desses homens? Essa diferença de reações primeiras entre homens e mulheres foi nítida nesses encontros. Na

reunião e durante a conversa com esse casal, surgiram alguns incômodos associados a essa percepção que afluíram em reflexões sobre a relação do sexo biológico e a proteção da terra em seu sentido mais orgânico.

Provavelmente, estamos diante de formas seculares de relações em que mulheres trabalham na casa e nas plantações e homens cuidam das economias e conduzem o destino do dinheiro. Um retrato comum de patriarcado onde as mulheres, suas forças de trabalho e renda são dominadas pelos homens. Entretanto, as mulheres, em primeira reação, não querem se distanciar da terra que plantam por indenização alguma. Isso condiz com o fato de que elas geralmente não definem o destino do dinheiro, mas igualmente coaduna com definições mitológico-orientais e indígena-ocidentais que tratam da vinculação das mulheres com a natureza. Natureza que também é dominada e definida por homens desde os primórdios patriarcais.

A paisagem da mulher Neusa e do homem Horácio acenando a despedida na porteira em frente ao pé de manga-coquinho ao fundo de céu azul, se empalideceu e me lembro de matutar durante o caminho sobre nossa condição de mulher e nossas relações com a natureza tão evidente... Reconheço que nossos corpos, ciclos e sistemas femininos são sazonalmente relacionados com os ciclos naturais da terra-chão e da Terra-cosmos<sup>21</sup>. Isso está no campo do mistério em estudos formais porque quem controla o que é a concepção de ciência no mundo são os homens; usando a racionalidade cartesiana e a refutação como sustentadora das verdades criadas pelos mesmos<sup>22</sup>.

### ***Fomos até os Cabrito***

*[era um 25 de novembro de 2020]*

Reflexões à mesa e... almoço à mesa! Preparado pelas mãos de Joana e Marluce, que nos alimentaram muito bem enquanto a chuva caía. Do almoço, pouco repouso e, aproamos à canoas até as casas da família Cabrito. Pelas águas deslizamos por pouco tempo, já estava com saudades dessa sensação de ir sobre o rio. A mata de galeria abraçava borda a borda... Esse pedaço do rio é todo bonito. Desembarcamos entre barrancas molhadas com alguns coqueiros segurando a terra. Depois de alguns escorregões e lama nas calças alcançamos uma plantação de bananeiras, abóboras de vazante e canaviais.

---

<sup>21</sup> Essa relação sazonal é tratada ainda na publicação “Diário a bordo dos fins dos tempos de colheita, outono de 2021” no blog do NPGEOH – Núcleo de pesquisa em Geografia Humanista da UFMG.

<sup>22</sup> Ser mulher e a relação com a terra é um campo de pesquisa ao qual me enveredo há uns anos e que será investigado com propriedade na tese de doutorado aprovada no PPGEOG da UFAM com início em julho de 2023. A questão não será aprofundada nessa dissertação. Tratar desse aprofundamento neste contexto descontextualizaria o fluxo e linguagem deste diário.

Fomos adentrando pelos fundos dos terrenos, seguindo algumas trilhas e chegamos no quintal de Dona Maria e de Eurides. Era uma arejada varanda com uma grande mesa retangular onde pudemos sentar em uma ponta e escutar Dona Maria da outra. Dona Maria Matilde (Figura 2) é casada com Seu Antônio. Eurides é uma de suas noras que estava presente naquela semana, mas mora em Curvelo (MG). Os dois têm juntos dez filhos. Alguns deles estavam trabalhando pelo terreiro, no engenho da cana, carregando sacos... Na propriedade, produzem rapadura e plantam milho, mandioca, banana e cana. Além disso, criam gado. Perguntamos onde nasceram esses filhos todos. Dona Maria respondeu que as mulheres da região acabavam se tornando parteiras no momento dos nascimentos. E que havia algumas parteiras mais conhecidas e que moravam em barrancas próximas também.

Maria Matilde é boa de prosa e nos contou que no arraial em que vivem sempre tem a festa de Nossa Senhora da Aparecida. E que nessa festa se dança o ‘Carneiro’. – *Vocês conhecem o Carneiro?* Ela nos perguntou de forma harmoniosa. Ora, não saberia que haveria Carneiro nestas barrancas do rio. Carneiro até então, para nós, era uma cultura de comunidades próximas a Montes Claros. Mas, ao que já estava começando a entender: esse povo barranqueiro levava e trazia muito por essas barrancas.

Figura 2: Dona Maria Matilde



Fonte: Acervo Pessoal

O Carneiro é uma dança entre homens e mulheres em que os pares parecem reproduzir trejeitos do animal carneiro. Há algumas evoluções nos passos, havendo momentos em que se trombam os ombros em casal completando a coreografia. É uma dança da cultura ribeirinha regional no alto São Francisco; que é sincretista entre a cultura católica e afrodescendente. Ela

está descrita no Inventário Patrimonial do Rio São Francisco<sup>23</sup>. O sorriso de Dona Maria ao contar sobre a dança e a festa fazia com que a gente tivesse vontade de viver esses momentos.

No pedaço da Chapadinha em que vivem a família Cabrito existem 18 famílias residentes e 24 ranchos de verão<sup>24</sup>, segundo Eurides. Dez famílias são de parentes dos Cabrito. Pelas contas que fizemos, os Cabrito estão lá há mais de três gerações. Portanto, mais de cem anos. Possivelmente foram pessoas escravizadas no passado, pois são todos pretos. Mas não perguntamos sobre. Este é sempre um assunto delicado. Contaram-nos que seus pais se tornaram proprietários de uma parte da Fazenda Jardim, onde antes trabalhavam. Nesse momento, Seu Antônio pausou sua lida e se sentou um pouco perto de sua companheira. Antônio tem uma fala lúcida e pausada. Não me recordo ao certo porque, mas começamos a prostrar sobre o caboclo d'água<sup>25</sup>. Ele contou que o mesmo gosta de aparecer lá “pra baixo do córrego Cedro”. Depois resumiu: - *Esse rapaz brincava demais, né?* Logo seu filho o solicitou e ele disse que em breve voltaria.

Dona Maria, observando que a gente gostou desse tipo de assunto, começou uma história que simplesmente se iniciou assim: - *Cês sabem, tem hora que sonho é certeza, né?* Então contou-nos que certa noite quando há muito tempo eles poucas coisas tinham, Antônio teve um sonho que virou realidade ao acordar. Na época os dois “*só tinham uma canoa que sempre afundava, sem motor*”. Antônio ao dormir sonhou que estava na canoa e ela estava com um motor ótimo. Levantou bem cedo, antes de clarear e subiu na canoa para pescar. Ele e o filho, Geraldo, foram em busca do alimento do dia. No meio da pesca, a rede pegou algo tão grande que nem acreditaram ser um peixe. A canoa começou a ser puxada com muita força pelo rio, tanta força que parecia motorizada. Nesse instante, Seu Antônio voltou para a mesa e continuou. - *É verdade pura, o peixe foi o motor do sonho!* Disseram que era um grande surubim e que apesar da dificuldade em pegar trouxe muita fartura para a casa. De lá para os tempos de hoje as economias foram melhorando para a família.

---

<sup>23</sup> Este inventário foi produzido pelo IEPHA – Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais.

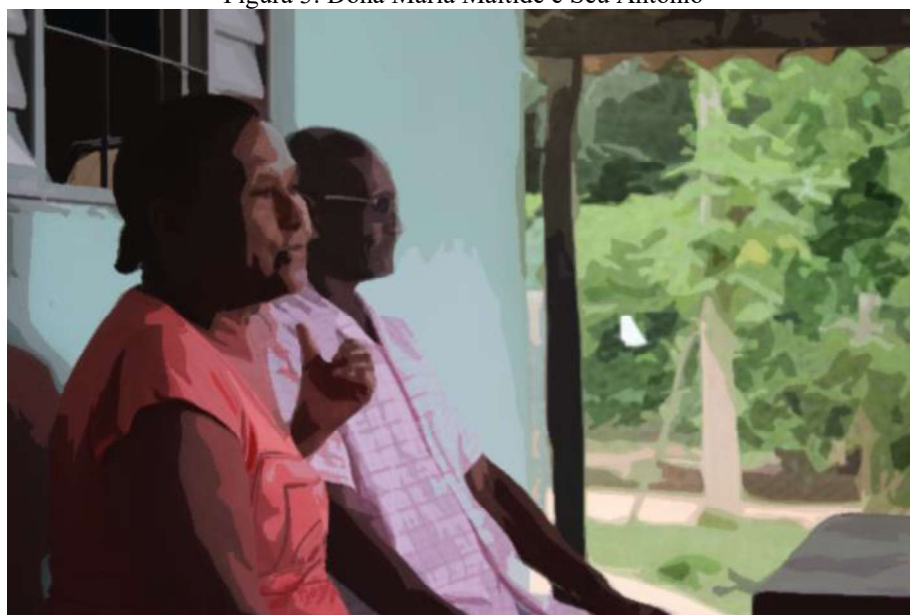
<sup>24</sup> De verão é um modo de expressar. Na verdade, essas casas evitam o tempo do verão, porque são as épocas da piracema. Épocas de reprodução dos peixes e fase em que ainda não estão em tamanho permitido para serem pescados. Esses ranchos são casas em que as pessoas ocupam em determinado tempo para pescar. Os proprietários geralmente não residem no local. Existem pessoas de Curvelo, Belo Horizonte e até de São Paulo, segundo Dona Inês.

<sup>25</sup> No dicionário da língua portuguesa encontramos a definição de Caboclo d'água como ‘Ser imaginário das águas do rio São Francisco que assombra os pescadores e vira suas canoas. A fama de virar canoas também aparece na obra ‘Grande Sertão: Veredas’ de Guimarães Rosa (1986), quando o personagem *Riobaldo*, ainda menino, sente medo de estar na canoa com *Diadorim*; no Rio São Francisco. No dicionário do Folclore Brasileiro (CASCUDO, 1954) o Caboclo D'água vive no São Francisco e tem domínio das águas e dos peixes. Ele favorece seus compadres e ataca ferozmente quem antipatiza.... Há inúmeras formas e olhares de percepção deste ser. Além disso, ele é identificado de formas diferentes nas diversas regiões do rio São Francisco; e, também é reconhecido em outras bacias hidrográficas no Brasil.

Seu Antônio nos explicou porque do nome “Cabrito”: disse que seu bisavô era muito bom com os gados. Seu Guilherme era um peão ordenhador do gado da Fazenda Jardim: - *Mas tinha uma fama de pular feito cabrito*. Então se referiam a ele assim, e, quando a família foi crescendo, ficaram conhecidos como a família Cabrito. Essa história me levou a pensar em como deveria ser a vida nesses tempos em Chapadinha. Uma única e grande fazenda, onde a família dos seres que eram escravizados, pelos senhores das terras, começou a crescer até arrendarem uma parte da terra e conquistarem seus próprios empreendimentos apenas na geração atual.

A casa de Maria Matilde e Seu Antônio (Figura 3) é bem aconchegante. Tomamos mais uns goles de café e seguimos para a casa de Dona Alice, irmã de Seu Antônio. O cerrado, do caminho, gritava um verde pós-chuva. De longe na paisagem, vimos uma bonita casa que pertence a outro irmão de Seu Antônio. Dona Maria nos disse que esse tem um problema nas vistas e que morava sozinho. Fiquei curiosa, mas, em bando segui a todos. Fomos guiados pela Maria Matilde e cada casa do caminho tinha um charme à parte... Roseiras, gameleiras, flamboyants.

Figura 3: Dona Maria Matilde e Seu Antônio



Fonte: Acervo Pessoal.

Dona Alice estava sentada na sala de sua casa. Eram dessas salinhas de casas interioranas com quadros de fotografias pintadas, calendários, quadro de santo pendurado... Escutamos suas narrativas do lado de fora da porta para mantermos o distanciamento.

Ela é benzedeira de crianças. Contou-nos que quando nasceu, moravam do outro lado do rio. Que é barranqueira e durante a vida viveu em várias barrancas desse rio nas

redondezas. Disse que se lembra “*como fosse hoje*” do dia em que viajou a cavalo para vir morar em Chapadinha na infância. Passou por chuva e sol na estrada. Teve muito medo do arco-íris, pois gostava de ser menina<sup>26</sup>. Ao ver Chapadinha, a primeira coisa que recorda é de um coqueiro que recentemente caiu. Ela disse que sempre que via o coqueiro, recordava da sua chegada. Agora temia esquecer como chegou nesta terra. Nos jeitos que ela contava sobre lá, se percebia uma aura de lugar onde existiam sentimentos profundos. Fiquei pensando que ao desembarcar nesse pedaço da chapadinha também vimos coqueiros entre as barrancas...

Conversa vai e vem e Joana descobriu conhecer um parente dela pelas barrancas do rio, um senhor que chamaram de ‘Joaquim Marri’égua’. Muitos o conheciam, na verdade. Também descobriram outros, uns até que moraram por um tempo na ilha da Pimenta. A partir daí aquele fenômeno que coloca as pessoas como ponto referencial se deu e de repente todos pareciam íntimos ou parentes. Dona Maria Matilde expôs que quem tocava o ritmo dos Carneiros era o falecido marido de Dona Alice e que muitas festas aconteciam naquele quintal nos janeiros. Dona Alice ainda parecia de luto por Seu José. Seu Zé de Cândido era pescador, muito religioso e festeiro, como ela disse. – *Era irmão de Joaquim Marri’égua, lá da ilha dos Prazeres, vocês foram até lá?* Dissemos a ela que iríamos passar por lá na volta e então ela mandou para ele um recado: que fosse visitá-la.

Dona Alice, então, nos revelou que sempre reza o terço entre 25 de dezembro e 25 de janeiro, quando celebra a vida do santo São Sebastião ao qual é devota. Nas festas dessas épocas costumavam acontecer o ‘Boi de reis’, o ‘Carneiro’ e até o ‘Lundu’ no seu quintal. Seu Zé era violeiro e também batucava, então a festança era certa. Para o próximo ano ela disse que não sabia se teria. Tinha que conversar com seu cunhado sobre; por isso a importância do recado. O Boi de reis também é uma manifestação cultural ribeirinha do rio São Francisco, reconhecida no Inventário Patrimonial realizado pelo IEPHA. O ritual se dá junto com a Folia de Reis<sup>27</sup>. Na ocasião da festança colorida, um boi é representado por uma cabeça de boi talhada e arame encoberto por panos e retalhos de diversas cores. Ele é convidado para dançar, assustar e brincar com as pessoas.

Porém, um vaqueiro e as catirinas (personagens dançarinas da manifestação) executam o Boi para que a esposa grávida do vaqueiro possa realizar o desejo de comer seu fígado. Então a brincadeira se dá em convite pela ressurreição do boi. Quando o aguardado boi

---

<sup>26</sup> Referindo a um mito popular conhecido por todos os presentes no momento, que se entreolharam. A crença é de que quem passa por baixo do arco-íris se muda de sexo.

<sup>27</sup> Manifestação Cultural comum em diversas cidades interioranas mineiras e paulistas em que os três reis Magos visitam presépios e casas dos fiéis munidos de oratórias, cantos, dança e batuque. Em troca recebem presentes que podem vir em moedas, alimento, bebida etc.

ressuscita, muitas brincadeiras, danças e contos se instauram na celebração reiniciando o ciclo em busca pelo seu fígado.

*Todo mundo me dizia / que este boi não saía /  
Meu boi está na rua/ com prazer e alegria/  
Saiu, saiu/ saiu daqui agora*

*Saiu meu boi moreno/ neste instante, nesta hora*

[Extraído do Inventário do Patrimônio Histórico e Artístico do rio – IEPHA]

Na rotina de Dona Alice, duas vezes ao dia, caminha até a beira do rio e confere suas abóboras, sua horta e plantios vazantes entre a casa e o curso d'água. Nos outros momentos, prepara alimentos, limpa a casa e reza. Antes de nos despedirmos, conheci outros cômodos da casa dela. Aos fundos, respeitáveis forno e fogão a lenha; e muita terra plantada. A pedi para fazer um retrato (Figura 4) e ela concordou. Havia réstias de alho colhido em um quarto que foram composição de cenário escolhida por ela. Fui abençoada por Dona Alice na despedida e aquela visita fez ainda mais sentido.

Figura 4: Dona Alice

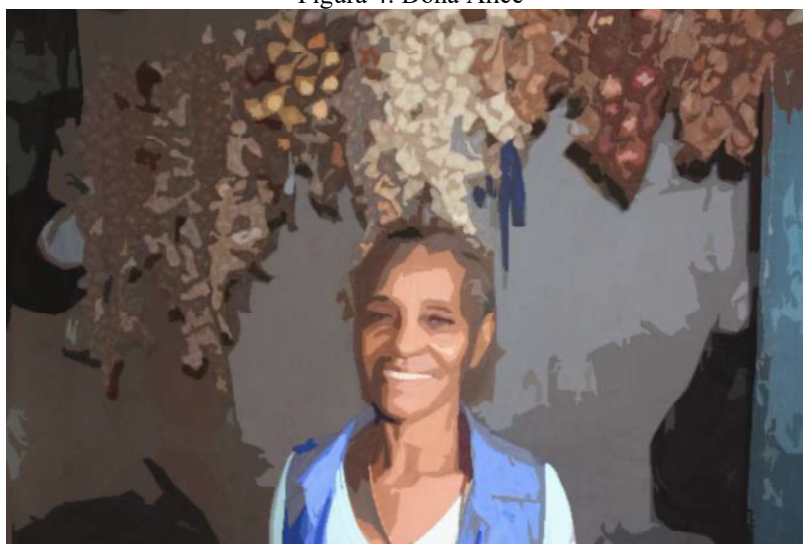


Foto: Acervo Pessoal.

Estar próxima dela me fez arrepiar em vários momentos diante de suas expressões e olhares profundos. Antes de ir, na porteira, ainda conversamos um pouco sobre a barragem. Ela disse não acreditar ser possível ou verdadeira essa história. Disse também, de súbito, que se acontecer ela não sairá de seu lar. E assim seguimos nosso rumo despedindo do dia que foi cheio de novos encontros em uma caminhada entre colheitas de mangas e amoras.

Caminhamos na direção dos barcos onde o pôr do sol apontava. Voltamos para nosso alojamento para fazer janta e deixar tudo pronto para descermos o rio pela manhã, parando em algumas ilhas do percurso.

Ao chegarmos, uma surpresa: Dona Inês e Seu Anderson estavam nos esperando aflitos e nos contaram que alguns representantes da empresa tinham acabado de sair da casa

deles, onde aplicaram um questionário social. Nesse momento ficamos atônitos, pois não poderíamos imaginar que estávamos tão próximos das ações da empresa. Sabíamos que eles estariam em fase de licenciamento, mas acreditávamos que estavam ainda fazendo a varredura ambiental e não social ou tendo contato com as pessoas.

Dentre as perguntas do questionário, algumas foram lembradas pelo Seu Anderson como: - *se na comunidade havia hospital que atendesse todos os requisitos da família, escola em todos os níveis, transporte escolar para as crianças...* Perguntas que direcionam os próprios comunitários a identificarem que a comunidade não era ambiente próprio para viverem em família. Essas indagações também podem indicar as medidas mitigadoras que serão propostas para convencimento dos moradores em posteriores audiências públicas. O estado de choque e vulnerabilidade que eles estavam sem saber se tinham feito o certo em responder os questionários revelou de forma clara o primeiro dano causado aos atingidos: o psicológico. O medo da incerteza. Aquele medo de não saber como agir e se sentir coagido por viver no próprio lar que construíram e trabalham.

O que será do amanhã para esses povos? Existimos em um mundo inconstante, mas há níveis de risco e vulnerabilidades inquestionáveis. Não podemos nos entender como pessoas que atravessam esses riscos se não os atravessamos. Não há sentimento que se iguale a fatalidade de ser atingido por uma ordem sistêmica desumana que interrompe modos de vida.

O dia foi longo, descobrimos pelo menos três escorpiões pela casa e nós próprios tivemos medo de estar na mira dos empregados do empreendimento. Dormimos com a cabeça quente depois da última janta em Chapadinha. Absorvemos um pouco do choque de perceber que os estudos do licenciamento estão de fato acontecendo e já em fase social. Acolhemos e fomos empáticos com a dor de não saber onde viver e de que viver nos próximos tempos. Isso me fez adormecer poucas horas naquela noite. Escrevi sobre os acontecimentos do dia no diário e depois demorei muito para conseguir descansar.

### ***Pra descer todo santo ajuda: o retorno***

*[26 de novembro de 2020]*

Acordamos com o raiar do sol e o primeiro trabalho foi levar as bagagens até as barcas. Um caminho que parecia ter ficado mais longo. Mas, talvez, o que distancie os caminhos sejam as noites mal dormidas... O céu era azul entre nuvens. Dia bonito. Como voltamos sem os alimentos, nossas canoas desceram ainda mais leves no rio. Nosso plano era



parar nas ilhas do caminho e chegar a Pirapora em tempo do almoço. O barco seguia seu rumo com menos ronco de motor, mas parecia estar mais rápido ainda. Seu Josemar justificou: - *Pra descer todo santo ajuda*. Voltamos na mesma canoa e então pude me aproximar um pouco da percepção de um pescador da região que participa da luta nacional pela pesca. Seu Josemar tem muita história de pescador. Olhava para o rio e dizia se era lugar de reprodução, de desova de peixes ou de redemoinho. Sua fala na reunião em Chapadinha terminou com um grito de guerra conhecido por outros pescadores que ali estavam e juntos pronunciaram:

*No rio e no mar: pescador na luta!  
No açude e na barragem: pescando a liberdade!  
Hidronegócio: Resistir!  
Cerca nas águas: Derrubar!  
Velho Chico Vivo: Terra, Água, rio e Povo!  
[Extraído da página virtual do CIMI e CPP Nacional]*

Sempre que Josemar contava algo de sua comunidade, a Marambaia, eu cantava pra ele o trequinho da música – “*eu tenho uma casinha lá na Marambaia, fica na beira da praia: só vendo que beleza! Tem uma trepadeira que na primavera fica toda florescida de brincos de princesa.*” Seu Josemar se disse barranqueiro e completou que só viveu em barrancas de rio. Disse que sempre viveu na bacia do rio São Francisco, e que já desceu e subiu suas barrancas muitas vezes. Perguntou-me sobre o que seriam esses meus escritos diários, esses que estás lendo. E respondi que na verdade, seria primeiro, uma descrição dessas andanças. Não sabia bem no que daria ainda, mas estava descrevendo tudo. Então ele me pediu que tirasse um retrato (Figura 5) dele para colocar no texto e justificou: - *pois sou pescador barranqueiro e contra a barragem*. A comunidade que mora é a jusante do projeto de alagamento e Josemar tem muita consciência, enquanto pescador, dos impactos negativos que a retenção da água causaria para ele, para o povo e para o rio.

Figura 5: Seu Josemar barranqueiro pescador do São Francisco



Fonte: Acervo pessoal.

O primeiro desembarque do retorno foi na ilha dos Prazeres. Uma ilha de altimetria íngreme em que descer da canoa não foi um trajeto fácil. Na primeira casa que passamos, percebemos que parecia vazia, mas habitada por quem não devia estar longe. A janela estava aberta. Não obstante apareceu Seu Fábio com uma enxada na mão. Apresentamo-nos e depois explicamos que estávamos descendo e subindo as barrancas da região para dialogar sobre a barragem de Formoso. Para entendermos como podemos agir contra. Ele disse: - *Que missão bonita!* E depois completou: - *Olha, enquanto tiver um lutando contra eu estarei junto.* Contou-nos que é um pescador artesanal aposentado e que trabalhou muito para conseguir levantar a sua casa na ilha, onde mora há seis anos. Desde então, cuida da sua terra e planta milho, mandioca, chuchu, quiabo... Seu Fábio (Figura 6) estava na lida, tratando sua terra, então não tomamos muito seu tempo. Trocamos contatos e percebemos que estava sabendo da construção da barragem e se posicionava contra. Adentramos para outros cantos da ilha. Passamos por algumas casas que pareciam fechadas... Até chegar a casa de Seu Celso, indicado por Seu Fábio.

Figura 6: Seu Fábio



Fonte: Acervo Pessoal.

Na casa de Seu Celso, escoramos na mureta de uma grande varanda. Lá encontramos inicialmente Seu Eduardo, o irmão de Seu Celso e Dona Vera sua esposa. Apresentamo-nos novamente e ao mencionar a barragem de Formoso, Seu Eduardo tomou a palavra e muito disse que este *“jogo estava perdido”* e que não tinha o que fazer sobre. Deixou telefones de algumas referências da política e do meio ambiente regional, indicando a quem devíamos pedir apoio. Há quarenta anos Seu Celso e sua esposa residem na ilha. Cuidam prioritariamente de gado. Plantam horta de subsistência e produzem alimentos derivados do leite. Dona Vera trouxe café, queijo frescal e bolo de Fubá para uma mesa na varanda.

Enquanto conversávamos, um senhor apareceu e foi bem recebido por todos. Todos o conheciam. Ele tem parentes e amigos na ilha da Pimenta, na Marambaia, na Chapadinha... Era Seu Joaquim Marri'égua, cunhado de Dona Alice. Durante os reencontros as conversas se passaram para um plano segundo e um quebra-cabeça do que pode ser um povo barranqueiro começou a se tecer nas reflexões.

### ***Sobre o ser barranqueiro***

*[uma varanda de reflexões que afluíram do 26 de novembro de 2020]*

Muitas pessoas que encontramos na imersão deste percurso pelo rio se conheciam ou tem parentes, amigos ou pessoas em comum. Por toda a região, muitas se identificam barranqueiras e ou vazanteiras... Conhecem músicas que cantam o rio. As práticas tradicionais da pesca artesanal e do plantio de beirada do rio são reconhecidas por todos nestes ambientes. Essas gentes sabem diversas histórias sobre o Caboclo d'água. Dançaram ou já viram as danças do Carneiro, do Boi de Reis, Folias... Sabem para que serve uma carranca talhada na madeira e também que o peixe surubim pode ter tamanho maior do que uma pessoa e é melhor feito em postas ou na brasa. Subiram e desceram o rio algumas vezes, para ocupar, visitar, plantar, morar, banhar ou pescar. Transportam-se pelo rio e o conhecem em suas características sazonais que influenciam as *vivências* em suas margens. Percebem e se organizam a partir do regime de cheias do rio<sup>28</sup>. Nos trechos do São Francisco que se aproximam de Montes Claros, Januária, Ibiaí e Manga o termo “barranqueiro” é comumente usado em descrições do povo ribeirinho no documento de patrimônio cultural estadual citado acima e ao qual recorreremos novamente.

Os povos que vivem nas beiradas e ilhas do rio, e ali trabalham, costumam se autodenominar como vazanteiros ou barranqueiros, dependendo da região. É a gente que mora no espaço inundável, onde, temporariamente, planta e colhe, até que a cheia apareça. Esses homens e mulheres da margem do São Francisco definem o tempo de suas vidas de acordo com o tempo do rio, e por isso estabelecem laços de pertencimento e de dependência com o ambiente (IEPHA, 2015, p. 36).

Talvez esse distanciamento perceptivo só possa ser observado por quem não cresceu na beirada do rio. Isso porque, aos poucos a gente vai percebendo que é sobre todos os modos de vida dessas pessoas. E que os modos de vida significam o que as constitui como seres. A variedade de nomes de peixes, passarinhos, alimentos, espécies vegetais e costumes que percebemos a cada escuta de conversas entre essas pessoas, são amplas e sempre com alguma relação imposta pelo rio. Peixes endêmicos, costumes intimamente relacionados ao correr das

---

<sup>28</sup> Essa percepção é expressa sempre como “soltaram água da barragem” ou “estão segurando a água toda lá pois esta descendo pouca água nestes tempo.” Portanto, nem sempre lidam com as cheias naturais neste trecho do rio. Apenas quando chove na região e o volume da água aumenta por causa do índice pluviométrico na região.

águas que molham as terras de suas casas. O conjunto de vivências semelhantes entre essas gentes, as fazem se identificar em linguagens, gestos e hermenêutica única. Seria uma cidade, uma região, um lugar, um costume, uma bacia hidrográfica ou uma geomorfologia de rio a desencadeadora dessa cultura barranqueira? Aquela varanda de encontros e trocas na ilha dos Prazeres me conduziu a essa indagação.

Apesar de não haver uma profunda bibliografia sobre a cultura e o termo ‘barranqueiro’, assim como grande parte da cultura tradicional e popular brasileira, encontramos alguns fragmentos de pesquisa teórica que se trançam ao que fomos percebendo durante o percurso imersivo. Nessa condição, nos arriscaremos a aproximar de significados para o que reconhecemos como cultura. Num dicionário comum<sup>29</sup> o termo ‘Barranqueiro’ significa: aquele que mora junto à margem do rio. Condizendo com uma das características semelhantes entre as pessoas que encontramos na imersão. A palavra “Barranqueiro” vem de “barranco”, que é comumente usada em todo o Brasil como signo de formação geomorfológica que apresenta uma altura relativa com escavamento de suas paredes<sup>30</sup>.

As escavações podem ser provocadas pelos movimentos das águas de um rio, ou seja, são também condições de margem que se modificam de acordo com a vazão e velocidade dos rios. Características essas que se atribuem ao rio São Francisco e também a outros. Essas pessoas que vivem na beira do rio, assim como essas barrancas e como descrito no documento do IEPHA; também definem suas vidas de acordo com o tempo e vazão do rio. Resistindo aos modos de viver condicionados pelo sistema hegemônico mundial.

As trocas musicais, de ritmos, de costumes e formas de entender a vida são possíveis porque pessoas barranqueiras são pessoas em movimento pelo rio. É uma cultura que, como as águas, se movimentam entre as barrancas. Se estiverem no rio, estão em espaços de transportes entre cidades, comunidades, estados e arraiais e, portanto, estão em espaços de trocas. Espaços onde sobem e descem barrancas reafirmando seus modos de ser; mostrando e aprendendo as melhores formas no decorrer do tempo e onde, sobretudo, definem suas características em comum. Barranqueiro deveria ser um modo de viver reconhecido enquanto povo e cultura tradicional brasileira.

Essas condições, apesar de serem explicitamente existentes na bacia do rio São Francisco e englobarem características menor presença de águas em alguns períodos, são possíveis em margens de outros rios. Assim como seu Zé da ilha do Coqueiro, seu Josemar da

---

<sup>29</sup> Oxford Languages, consultado em pesquisa remota.

<sup>30</sup> Inferências feitas a partir da constatação e leitura do Dicionário Geológico-Geomorfológico de Antônio Teixeira Guerra (IBGE,1987).

Marambaia e Dona Alice de Chapadinha afirmaram serem barranqueiros porque viveram toda a vida indo e vindo nas barrancas do rio; na filmografia “Sol do Meio Dia”<sup>31</sup> o personagem Matuin, feito por Chico Diaz, também se apresenta como um barranqueiro no seu barco. Justificando que viveu toda a vida descendo e subindo as barrancas do rio Amazonas, no Pará.

Portanto, há que se identificar até que ponto é uma cultura do povo de uma mesorregião, de uma região ou de um município. Talvez não se relacione aos limites políticos e sim os das veias naturais da Terra. Uma cultura diretamente ligada aos leitos hidrográficos das bacias brasileiras e que como o elemento principal é o rio, suas margens e barrancas apresentam modos de viver de acordo com as características do rio, dos caminhos e ritmos das águas que modulam suas margens, plantações e seus lugares de existência.

Gosto de pensar que barranqueiro é um povo que se define pela existência em movimento no/do rio, através de suas barrancas que também são definidas por este movimento. Entretanto, há algumas outras características que talvez estejam fixas em Pirapora, no norte-de-Minas ou na bacia do rio Opará que podem compor o movimento desses significados. Essas questões ainda carecem de ser investigadas através de imersões noutras bacias e no restante da bacia do rio São Francisco.

*Nas margens do São Francisco*

*Habita povo festeiro.*

*É gente de boa prosa*

*E com seu jeito brejeiro*

*Que quer mostrar para todos*

*O folclore barranqueiro.*

*Faz e dança a Catira*

*O Recortado, o Jacaré.*

*O Engenho, o Abre Roda,*

*Dança-se com muita fé.*

*E suscita, dá a vida,*

*A dança da Margarida*

*Recriação do Zabelê.*

*Ao som da sanfona e da caixa,*

*Os cantos são ritmados.*

*Homens e mulheres felizes*

*Cantam e dançam animados.*

*E com virtual beleza,*

*Com singular singeleza,*

*O som do sapateado.*

*O som das palmas vibrantes,*

*Num ritmo bem altaneiro.*

*A batida forte da caixa*

*Estremece todo o terreiro.*

*Faz o coração da gente*

*Vibrar assim contente.*

*Este povo é barranqueiro!*

*[poema de Israel Pereira Mourão In: MOURÃO, 2021, p. 140]*

<sup>31</sup> Filme do cinema brasileiro dirigido por Eliane Caffé e com produção de Van Fresnot.

Na varanda do Seu Celso e da Dona Vera a manhãzinha ia correndo como o rio Opará que cercava a ilha. À Seu Joaquim Marri'égua (Figura 7) foi entregue o recado de Dona Alice. Ele disse que precisava mesmo ir até lá, pois desde que seu irmão faleceu não foi. Perguntou como sua cunhada estava, mostrei o retrato que fiz dela e ele gostou de vê-la ali. Ele também mora na ilha dos Prazeres que é habitada por sete famílias. Durante a manhã as pessoas estavam ocupadas cuidando da terra. Decidimos seguir nosso caminho de rio. O retorno no caminho pelas barrancas da ilha foi alegrado por alguns escorregões, amoras de pé e enfim chegamos às canoas. De lá seguimos para a ilha do Calmon: - *a ilha da Cutia!* Relembrou Seu Josemar. Descemos com cuidado pelas barrancas e seguimos uma trilha que cercava plantações de mandioca, cana e milho.

Figura 7: Seu Joaquim Marri'égua e Seu Moranga



Fonte: Acervo Pessoal.

Passamos por algumas casas vazias e alcançamos um terreiro amplo de terra batida e cor forte em tons amarelo-laranja sob a sombra de um Jatobá enorme. O maior que já estive conscientemente próxima. Dona Deletiva, moradora daquele terreiro, se achegou trazendo cadeiras para sentarmos naquela sombra da senhora árvore. Também trouxe uma boa chipa e café no tempo em que reconhecíamos o quintal. A paisagem esta bordada do rio Opará ao fundo. Dona Deletiva vive junto ao Seu Moacir que se aproximou, um pouco depois, junto de um amigo que também mora em outra residência da ilha, o Seu Miruca.

*Grande anganga muquiche  
Sua gunga não bambeia*

*Unganda, berê, berê!*  
*Ah! vai te guardar, vai te proteger*  
*Na sombra de um jatobá*  
*Oh, Minas Gerais!*  
*Oh, Minas Gerais!*  
*Oh, oh, oh, oh, oh, oh Minas Gerais!*  
 [Extraído de álbum: *África Gerais de Maurício Tizumba*]

Apresentamo-nos e trouxemos a questão da barragem. Dona Deletiva demonstrou preocupação e disse que tem medo porque dizem que território de ilha fluvial são propriedades da união federativa e que eles não teriam direito a nada caso a barragem realmente fosse construída. Dona Deletiva e Seu Moacir vivem na ilha do Calmon há 27 anos. Disseram-nos que sempre viveram harmoniosamente na ilha e que apenas uma vez se envolveram em um conflito de terras com um vizinho. Seu Moacir perguntou sobre critérios de indenização e parecia sem esperança. Seu Miruca que é pescador se mostrou indignado com a possibilidade – *Nós véve daqui, da lida, planta milho, feijão e mandioca. Como seria?* No diálogo algumas possibilidades foram apontadas a partir da resistência e da união. Trocamos nossos contatos. Depois, Dona Deletiva nos deu resina de Jatobá e folha de Pariri. Remedinhos naturais para o estômago e para a digestão. Senti uma energia muito boa naquele terreiro (Figura 8) inexplicável.

Figura 8: O terreiro na ilha de Calmon; na sombra de um Jatobá



Fonte: Acervo Pessoal.

Partimos para mais uma ilha; a última do percurso. Inicialmente estávamos chamando essa ilha por um nome que descobrimos ser pejorativo para quem planta naquele pedaço de

terra fluvial. Então, aprendemos o nome certo e esse será o divulgado: ilha da Várzea da Croa. Nessa ilha não havia residência construída. Apenas plantações de vazante. Mas, Seu Moranga nos indicou que quem a ocupava com o cultivo residia na terra firme da margem direita do rio. A casa é próxima da comunidade de Pedra de Santana (Várzea da Palma); a qual estávamos planejando visitar em uma próxima imersão. Lá encontramos Dona Justina (Figura 9) e Seu Lió.

A barranca de rio que residem e a ilha ao qual cultivam aparentava ser muito bem cuidada. Dona Justina se mostrou bem instruída sobre a barragem e se posicionou incisivamente contra – *Toda vida a gente é contra isso!* Ao falar sobre o empreendimento suas veias pareciam saltar ao pescoço. Ela, que foi pescadora artesanal. Nos disse que não é um problema só da área que vai ser alagada: - *Pra baixo da barragem também vai ser problemático! E olha que pra lá é um mundé, né?* Seu Moranga brincou com ela em um momento dizendo: - *Issé filha de Caboclo d'água.* E ela sorriu se mostrando orgulhosa com a brincadeira.

Figura 9: Dona Justina



Fonte: Acervo Pessoal

Contou-nos sobre seu pai, Seu Antônio, que a ensinou a pescar e cuidar da terra. Explicou que foi pescadora artesanal com carteirinha, tentou por muitos anos se aposentar, mas não conseguiu. Disse ser uma das únicas mulheres a pescar de forma artesanal na época. Ficamos apenas escutando suas boas prosas que fecharam nossa imersão com chave de ouro. Descobrimos ainda que o filho de Dona Justina é casado com uma companheira do coletivo

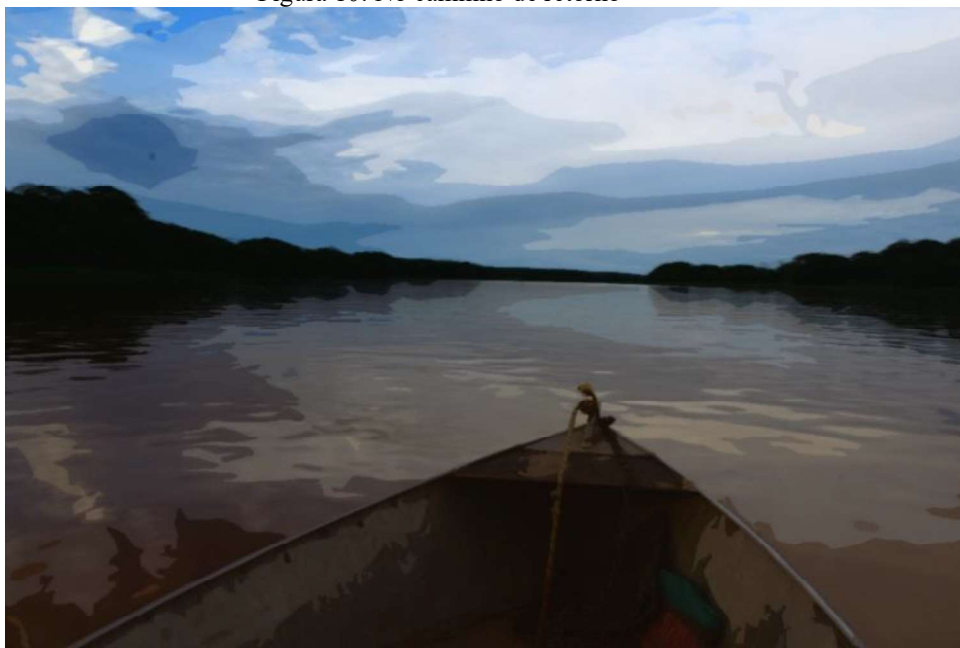


Velho Chico Vive, em Buritizeiro. Então, estávamos em casa, bem dizer, acolhidos pelo fenômeno da pessoa como referência de lugares e encontros!

Sáímos da casa de Dona Justina bem felizes. No caminho d'água todos estavam exaustos e precisando se alimentar. Antes de chegar em Pirapora, decidimos parar e preparar o almoço na ilha da Pimenta; na casa de Dona Marluce e Seu Celinho. Lá ainda encontramos uma senhora que se chama, também, Deletiva. Dona Deletiva da Pimenta, relatou ter vida barranqueira e ter nascido na Barra do *rio d'Janeiro*. Lugar que também esta na rota de nossos próximos percursos, pelas bandas de Três Marias. Lugar que adiante veremos: é lugar na literatura e na realidade.

Almoçamos e comentamos sobre nossa aventura juntos pelas barrancas desse trecho do rio. Dona Joana resumiu: - *Foi um passeio de luta!* Seu Moranga, depois de toda a imersão, pareceu não se posicionar contra a barragem. Quando perguntado como chegou a morar no porto Beira rio de Pirapora, respondeu: – *Ó! Pra falar sobre mim o dia é pequeno e a noite não dá! Vamos simhora!* (Figura 10).

Figura 10: No caminho de retorno



Fonte: Acervo Pessoal.

### ***Assentamento de Limeira (Buritizeiro); esse peixe nunca vi aqui!***

*[Imersão realizada em 5 de dezembro de 2020]*

Um cappuccino esquentas as memórias desta imersão e aqui faço a releitura para transcrição do diário imersivo. Às sete da manhã a BR365, partindo de Pirapora, era nosso caminho. Atravessamos a ponte nova sobre Opará em direção a Buritizeiro no carro do

Sindicato dos Trabalhadores Rurais. Fomos guiados por Ricardo, marido de Mônica que é a presidente desse sindicato. Ricardo é também o filho de Dona Justina, da ilha Várzea da Croa. Neste veículo estava entre eles, Clara (advogada e assessora parlamentar que atua na mesorregião norte de minas) e Pedro (músico piraporense). Mônica é também assentada, agricultora familiar e tem familiares assentados em Limeira (Buritizeiro). Portanto nossa guia conhecia bem este caminho que não é traçado pelo *google maps*<sup>32</sup>. Na estrada nos encontramos com as irmãs da CPP<sup>33</sup> que também estavam com o senhor Clarindo, pescador barranqueiro que atua como uma liderança regional.

Seu Clarindo atua no coletivo Velho Chico Vive e conhece toda a dinâmica das águas do Alto Velho Chico. Nasceu e foi criado nas proximidades do ribeirão Formoso e do córrego Doce em Buritizeiro. Sempre traz em detalhes a importância desse trecho do rio para a reprodução dos peixes endêmicos. Além disso, um dos ensinamentos importantes que Seu Clarindo sempre ressalta em suas falas é que o pescador barranqueiro guarda uma tradição ancestral que só pode ser praticada de acordo com a natureza do rio. É reconhecido regionalmente pela sua sabedoria ribeirinha, barranqueira e relativa a pesca. Hoje vive na comunidade tradicional e pesqueira de Canabrava (Buritizeiro), bem a jusante da área em ameaça de barramento. Entretanto, reconhece a importância de que esse projeto não avance para que seu povo siga sobrevivendo nas/das barrancas do rio.

Seguimos por cerradões verdes e molhados daqueles tempos chuvosos. Pegamos a esquerda numa estrada que estava úmida, mas não em sua pior condição. O carro dançou algumas vezes na lama, mas dessa vez tudo correu bem. Se deslocar de carro parece deixar-nos mais ligados nas relações entre as pessoas que ali dentro estão do que entre os lugares percorridos. Atravessamos o córrego Cedro e o rio Formoso. Completando aquelas paisagens, músicas sertanejas regionais embalavam a viagem. Mônica e Ricardo seguiam cantando todos os enredos das violas caipiras. Passamos por muitas fazendas com grandes áreas e plantação de soja (como a Fazenda Caraíva) até chegarmos à área do assentamento de Limeira. A cada pequizeiro Mônica parava o carro para colher os frutos que estavam no chão. Uma placa de possível sítio arqueológico estava colocada próxima ao leito do rio Formoso. Foram algumas horas de viagem. Buritizeiro é um município com enorme extensão territorial... A maioria das estradas está em condições precárias e sem asfalto e nessas épocas ficam mais complexas de percorrer.

---

<sup>32</sup> Aplicativo usualmente utilizado para deslocamento, pois referencia coordenadas de ruas, estradas, quadras e caminhos. Porém há extensas regiões rurais não mapeadas pelo projeto virtual no Brasil.

<sup>33</sup> Conselho Pastoral dos Pescadores de Buritizeiro.

Ao chegar, fomos primeiro na casa de Dona Maura e do Seu Domingos. Contaram-nos que estão ali desde que foram despejados da fazenda Congonhas, há onze anos. Ao todo há 45 famílias assentadas em Limeira, e dessas ao menos sete sofreram esse despejo. Outras famílias vieram de Canabrava, assentamento que houve despejo de parte dos comunitários. O senhor Domingos explicou que a divisão de terras do assentamento foi feita da seguinte forma: “*se a terra é pior o lote é maior*”. E então, por estarem próximos ao rio, conseguiram boas colheitas. Quanto mais próximos do rio, mais fertilidade na terra. Do alto do barranco, onde é a moradia dos dois, entre gatos, mata e terra molhada; pouco se vê o rio, mas o cheiro e som denunciavam a sua proximidade.

Estavam satisfeitos com a colheita, trouxeram abóboras d’água para a fotografia que os solicitei (Figura 11). Seu Domingos é natural de Brasília de Minas (MG) e também já rodou por muitas barrancas do rio. A casa onde o casal mora é feita de pau a pique exposto e lona. Essas condições não impediram que o lugar tivesse um ar de aconchego. Os dois pareciam se adaptar bem as formas que haviam construído nesses onze anos em que estavam assentados. Nessa imersão o senso de comunidade era explícito na forma com que falavam dos colegas assentados. Havia solidariedade entre si e mesmo conosco. O diálogo e as decisões da ocupação pareciam ter sido realizadas sempre de forma coletiva. Apesar do assentamento não estar ligado há uma organização maior como o Movimento Sem Terra, havia uma organização interna e comunitária que permitia a ocupação dessas terras barranqueiras. Algumas chipas<sup>34</sup> nos foram oferecidas. O café coado estava quente e em uma roda de quintal nos sentamos e conversamos um pouco sobre o barramento. A altura da barranca onde estávamos parecia nunca ser alcançada por preenchimentos ou altas vazões do rio que estava bem abaixo da altimetria que ocupavam. De toda forma, por ser uma comunidade ribeirinha no trecho de represamento, mesmo sem serem submersos serão atingidos caso ocorra o barramento.

Com o sorriso do casal, partimos para ver outras moradias assentadas e almoçar. As casas eram distantes umas das outras e havia uma estrada de terra que conduzia uma casa a outra. Era lugar de uma estrada só. O caminho foi bonito. De terra boa na cor alaranjada. Passamos por algumas casas que estavam vazias na manhã daquele sábado. Algumas de pau a pique, outras feitas no tijolo. Descemos um pouco na casa do Seu Aroldo. No seu terreiro barranqueiro estavam cães calmos e um mamoeiro bem produtivo. Além de um pomar que

---

<sup>34</sup> Biscoito assado. No norte de Minas eles são feitos sem queijo.

vimos de longe. Seu Aroldo argumentou que não poderia estar presente na reunião que seria naquela tarde (Mônica havia marcado um encontro para dialogar sobre a barragem).

Figura 11: Dona Maura, Seu Domingos; seus sorrisos e algumas de suas colheitas



Fonte: Acervo Pessoal.

O barranqueiro assentado se posicionou contra o empreendimento e disse: *“se isso tudo virar água não vai prestar, pois o veneno das plantas acaba com a qualidade da própria água”*. O que ele disse, de fato é real. Não que seja um “veneno”, mas esse material morto, do fundo das represas produzem gases tóxicos<sup>35</sup> em níveis elevados. Por isso muitas vezes os próprios peixes endêmicos não sobrevivem nos lagos represados. Dialogamos sobre isso e partimos para um almoço, na casa da tia de Mônica.

Dona Ângela tem um terreno maior do que os que passamos pelas barrancas do rio. Mas dele não vemos o curso d’água. A vegetação ali é um belo retrato da transição cerrado-caatinga. Esta condição é comum no norte de Minas. Uma Palma verde enorme se destaca do chão batido no seu quintal. O esposo, Seu Raimundo, nos disse como a cactácea é um bom alimento refogado. A casa simples de pau a pique (Figura 12) tem cavalos, galinhas, curral e um paiol. O campo cerrado em suas espécies de galhos retorcidos ajuda a sustentar a casa junto com bambu e outras espécies de galhos. A estrutura da casa era de vegetação viva em alguns pontos. Observei por um tempo como aquilo era forte e simbólico.

<sup>35</sup> Estudos mostram que a quantidade de metano e dióxido de carbono liberados na construção de um extenso represamento são mais elevados do que previsões anteriores para os lagos dessas fontes energéticas. Essa constatação não mais classifica Usinas Hidrelétricas como fonte de energia limpa. Um exemplo desses estudos está no artigo de Philip M. Farnside (2004), com referência exposta nesta dissertação. Outras publicações que tratam do tema podem ser investigadas através do mesmo pesquisador do INPA – Instituto Nacional de Pesquisa Amazônica.

Figura 12: A parede do lar



Fonte: Acervo Pessoal

Entre eles havia um senhor que foi despejado, na área da Fazenda Canabrava. Contou-nos sobre a conturbada desocupação que colocou em risco a vida de muitas famílias. Comemos galinha cozida e essas conversas fizeram parte do nosso almoço. Fomos muito bem alimentados naquele lar. A forma como a pia, a cozinha e a casa eram feitas surpreendeu. Havia uma organicidade com a natureza que demonstrou um tato simples e útil com a terra. Ares de tecnologias indígenas e quilombolas circundavam a forma com que a estrutura era feita.

Do almoço fomos até a sede do assentamento. Um casarão abandonado. Lugar diferente de tudo que havíamos encontrado até então. Havia uma energia um tanto pesada no ar. Referiam-se a casa de dois andares como “o prédio”. A referência de casa alta e com acabamento parecia ser nomeada assim pelos moradores. Antes de chegarem todos os assentados, cantamos bastante, o coro era cada vez mais alto com a chegada de cada um e as pessoas ali se mostravam dispostas a participar da cantoria.

Foi uma boa reunião. Não houve um plano de curso e ela se fez principalmente em perguntas e trocas. Não sabíamos ainda a dimensão do alagamento. Houveram alguns questionamentos se a represa realmente alcançaria a área pois são lugares de altimetria elevada. Posteriormente, ao lançar o ponto da coordenada geográfica na mancha de possível alagamento, percebemos que parte da ocupação de Limeira pode não ser submersa, como previram alguns presentes naquele dia.

Apresentamo-nos e todos os presentes também. Eram presentes alguns rancheiros e outros moradores não assentados, mas que vieram de lugares próximos presentes. Nesta

reunião algumas pessoas passaram a fazer parte do coletivo e participaram de próximas imersões. Durante a conversa um senhor que estava alcoolizado interrompia com frequência as falas. Uma frase que ele disse ficou guardada por nós “*Quebec? Esse peixe nunca vi aqui não!*”. Nesse momento todos se descontraíram com sua fala. A comunidade não havia sido visitada pelos assessores do empreendimento. Talvez porque não era ainda um arraial reconhecido ou realmente por não ser plano da área de alagamento. De toda forma, trocamos percepções sobre o empreendimento com os assentados que pareciam armados de consciência contra a barragem.

***Enquanto a chuva lavou a terra em Pedra de Santana escutamos histórias...***

*[Domingo, 6 de dezembro de 2020]*

Voltamos para Pirapora, adormecemos nos nossos lares e na manhã de domingo seguinte partimos para Pedra de Santana. Todos chamam o lugar assim, mas quando olhamos pelo *Google Maps*, o nome que esta na coordenada do lugar é Bom Jesus das Pedras. Este nome é o da igreja que esta no arraial. Partimos nos mesmos carros, mas dessa vez não era preciso atravessar o rio pela ponte nova (Pirapora-Buritizeiro). O arraial pertence à Várzea da Palma e a estrada de terra que leva até ele começa em Pirapora mesmo, do lado de cá de Opará. Acordar cedo nesse domingo foi cansativo, nem todos estavam dispostos para ir. A trupe diminuiu um pouco.

O caminho até Pedra de Santana é bem rápido se comparado ao percurso do dia anterior, até Limeira em Buritizeiro. Em menos de uma hora estávamos chegando. A estrada que percorremos é paralela à margem direita do rio. Passa-se pela Fazenda Marambaia, por longas plantações de café, plantio de monoculturas de mangueiras, de abacateiros, de mamoeiros, mognos e também por uma extensa usina solar. O cerradão ciliar fez parte da paisagem resiliente em alguns trechos. Estava atenta a paisagem e em horinhas de sorte: Veredas! Talvez elas tenham deixado o caminho mais doce e por isso a chegada foi tão rápida. Pouco antes de chegar no distrito passamos literalmente pelas águas de dois córregos. O Corrêgo do Medo e o córrego das Pedras, já na entrada da comunidade. A sensação é de que para chegar em Pedra de Santana precisamos molhar os pés, as rodas... As extremidades.

*A ver, no em-sido  
Pelos campos-claro: estórias  
Se deu passado esse caso  
Vivência é memória  
Nos Gerais  
A honra é-que-é-que se apraz  
Cada quão  
Sabia sua distinção  
Vai que foi sobre*

Esse era-uma-vez, 'sas passagens  
 Em beira-riacho  
 Morava o casal: personagens  
 Personagens, personagens  
 A mulher  
 Tinha o morenês que se quer  
 Verdeolhar  
 Dos verdes do verde invejar  
 Dentro lá deles  
 Diz-que existia outro gerais  
 Quem o qual, dono seu  
 Esse era erroso, no à-ponto-de ser feliz demais  
 Ao que a vida, no bem e no mal dividida  
 Um dia ela dá o que faltou... ô, ô, ô...  
 É buriti, buritizais  
 É o batuque corrido dos gerais  
 O que aprendi, o que aprenderás  
 Que nas veredas por em-redor sagarana  
 Uma coisa é o alto bom-buriti  
 Outra coisa é o buritirana...  
 A pois que houve  
 No tempo das luas bonitas  
 Um moço êveio:  
 - Viola enfeitada de fitas  
 Vinha atrás  
 De uns dias para descanso e paz  
 Galardão:  
 - Mississo-redó: Falanfão  
 No-que: "-se abanque..."  
 Que ele deu nos óio o verdêjo  
 Foi se afogando  
 Pensou que foi mar, foi desejo...  
 Era ardor  
 Doidava de verde o verdor  
 E o rapaz quis logo querer os gerais  
 E a dona deles:  
 "-Que sim", que ela disse verdeal  
 Quem o qual, dono seu  
 Vendo as olhâncias, no avôo virou bicho-animal:  
 - Cresceu nas facas:  
 - O moço ficou sem ser macho  
 E a moça ser verde ficou... ô, ô, ô...  
 É buriti, buritizais  
 É o batuque corrido dos gerais  
 O que aprendi, o que aprenderás  
 Que nas veredas por em-redor sagarana  
 Uma coisa e o alto bom-buriti  
 Outra coisa é o buritirana...  
 Quem quiser que cante outra  
 Mas à-moda dos gerais  
 Buriti: rei das veredas  
 Guimarães: buritizais!

[Extraído do álbum *As Forças da Natureza*, de Clara Nunes 1977]

Algo muito bom se acometeu aos ares assim que passamos pelo caminho das veredas e que pisamos em Pedra de Santana. As casas da comunidade são coloridas e cercadas de flores. Flamboyants floridos, roseiras, buganvílias... Aquela sensação de paz que uma roça traz. As casas eram próximas uma das outras e pareciam ser apenas quatro ou cinco quadras. O

silêncio dos motores deixava o lugar ainda mais charmoso. Senti nostalgia com esse lugar e a roça onde meus avós moravam. Havia escutado rumores de que aquela era terra de festa. Desde que me mudei para Pirapora, ouço que as festas sagradas acontecem nesse vilarejo. Pessoas de toda a região comparecem aos festejos...

Seu Salvio e Dona Ilsa, moram na casa em que primeiro chegamos. Pessoas muito católicas, que cuidam da igreja e guardam as chaves da mesma. No momento em que chegamos uma chuva forte despençou do céu. Na varanda, com dona Ilsa iniciando o preparo do almoço se deu lugar a uma prosa muito bem humorada... Entre cheiros de chuva na terra e alho dourando; no meio da conversa, Senhor Salvio nos disse que haviam sim passado por lá pessoas de uma empresa<sup>36</sup>. Nos disse que fizeram muitas perguntas a eles. Almoçaram por lá. Ele nos disse: *“Prato de comida a gente não usa negar, mas eu perguntei para eles: Como que essa energia vai dar muito emprego se a gente vai ficar tudo debaixo d’água?”*

Dona Ilsa nasceu e foi criada em Pedra de Santana. O vilarejo é centenário. Segundo o casal, o mais antigo morador que relembram teria idade de mais de 120 anos se estivesse vivo. Ela nos disse que sua família foi das primeiras a estar por ali. Mas com o passar do tempo a “grilagem” fragmentou as terras em fazendas e eles ficaram ilhados. Sua família foi morar na cidade de Pirapora, mas seu pai adoeceu e não suportou morar longe do rio ou dos modos de vida que tinham no arraial. Contou-nos que todos os dias ele pedia para ir ver Opará, até o dia de sua passagem. A família Santana, que tinha parte das terras doou uma parcela para a igreja, que cedeu lotes para os fiéis necessitados. Nessa toada, Dona Ilsa voltou a morar na região. A Igreja de Bom Jesus doou as terras e, portanto, essa terra é conhecida por Terra Santa pelos católicos. Os moradores possuem um termo de posse que é dado pela igreja.

Em agosto comemora-se no arraial a festa do Bom Jesus. Os dois (Seu Salvio e Dona Ilsa – Figura 13) são intensamente envolvidos com os festejos da igreja, suas quermesses, calendário e missas. Sorriam nos contando sobre a folia, o Carneiro e o Lundu<sup>37</sup> que acontece na festa anual. *“Na última fomos festeiros e ganhamos cinco vacas; sempre lota, mas nesse ano Deus mandou chuva; muitos ônibus não conseguiram chegar aqui”*. Apesar da justificativa, entendemos também que a pandemia foi um agravante para a redução de festeiros. O que não deixa de ser um acontecimento que os protegeu do mal, as tais ausências.

---

<sup>36</sup> Walm Engenharia, empresa que presta serviço de infraestrutura para obras hídricas de grande porte.

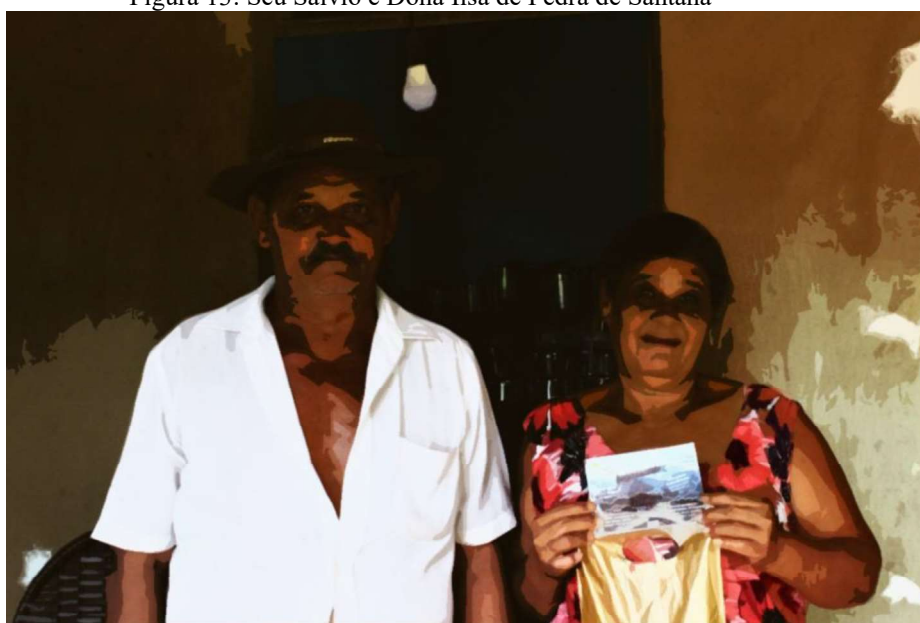
<sup>37</sup> O Lundu é uma dança afrodescendente que acontece sob atabaques em roda. É onde os dançantes praticam a umbigada como forma de cumprimentos. Foi surpreendente ouvir que essa dança acontece nessa festa católica. Não encontrei resquícios teóricos da prática cultural no patrimônio imaterial do Rio São Francisco. Só participando da festa para entender melhor como é esse Lundu e se é o mesmo citado aqui.



Nas épocas chuvosas os córregos que cercam Pedra de Santana transformam o arraial em uma ilha com muito difícil acesso.

No povoado muitos vivem do plantio de vazante. A fazenda de Santana, que fez a doação de terras para a igreja é a mesma relatada pela família Cabrito<sup>38</sup>, que antes era parte da Fazenda Bom Jardim. Pela distância entre Chapadinha e Pedra de Santana dá para imaginar a extensão que tinha as terras da propriedade. Fomos tendo um pouco da dimensão das ocupações da margem direita do Opará naquele trecho. A chuva deu uma estiada e pudemos nos encaminhar à casa dos vizinhos mais próximos: Seu Raimundo e Dona Celi.

Figura 13: Seu Salvio e Dona Ilsa de Pedra de Santana



Fonte: Acervo Pessoal.

Raimundo é carpinteiro e as marcenarias de sua casa são de uma beleza singular. O universo de teu quintal esbanja formas e flores. Foi bom sentar por ali, mas logo a chuva voltou e nos acolhemos em um toldo na entrada de sua salinha. Dali, escutamos um pouco da história de sua vida. Seu José Raimundo é de São José do Buriti, em Felixlândia (MG), mas foi “*tocado*”, nas palavras dele, por causa da represa de Três Marias. Em 1964 construiu uma casa toda de madeira na beirada d’Opara em Chapadinha. Mas a enchente de 1979 levou sua casinha. Enquanto a chuva lavava a terra de Pedra de Santana seguíamos escutando sua história e nos emocionamos.

Seu Raimundo disse que todos que chegaram em Pedra de Santana naqueles tempos (das cheias de 1979) ganharam um pedaço de terra da igreja. Ele sempre trabalhou na terra como agricultor, mas também como carpinteiro. Aos sessenta e dois anos ainda não havia

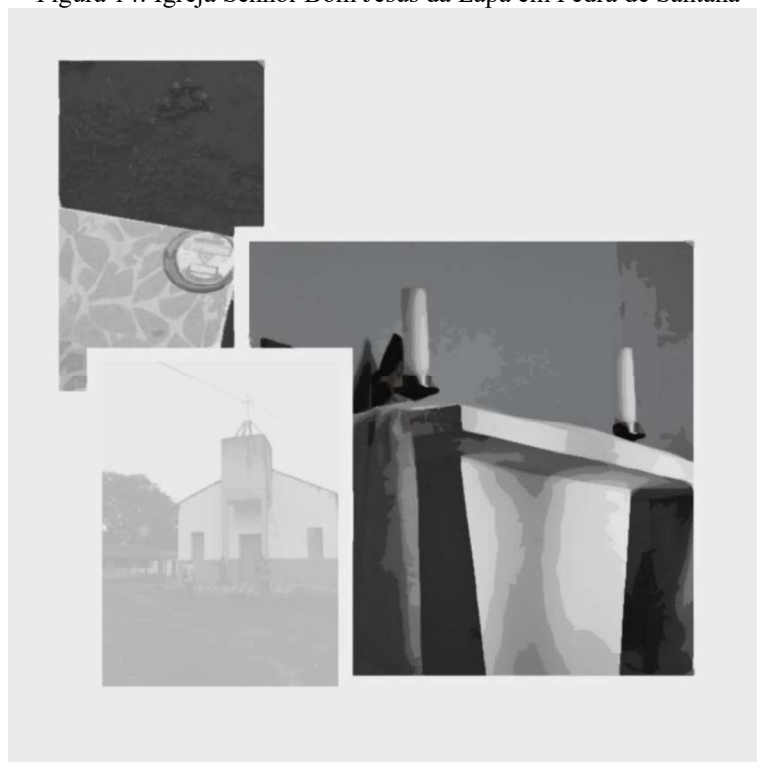
---

<sup>38</sup> Família que visitamos na comunidade de Chapadinha. Essa comunidade está há aproximadamente 10 km diretos (linha reta sobre a terra) da comunidade de Pedra de Santana.

conseguido se aposentar. Contou-nos um pouco sobre seu pai, que era vivo e lúcido aos 97 anos. Que levou uma vida inteira nas barrancas do rio... Falou em como este rio dá força para os que vivem dele. Que aos mais velhos não adianta dizer que não podemos beber dessa água. Bebem porque também a veem como santa. Pois dela se tira sustento. A chuva estiou e sentamos um pouco sob a flamboyant de sua entrada. Dali fomos nos guiando para almoçar o alimento preparado por Dona Ilsa. Arroz com açafrão, mandioca e carne cozida. Sabores inesquecíveis do dia chuvoso...

Antes de almoçar percorremos um pouco do vilarejo. Fomos ao cemitério e confirmamos que há lapides com mais de cem anos. O lugar fica nas costas da igreja e é cercado de vegetação (cerradão). Identificamos que a igreja é um patrimônio cultural presente no inventário municipal de Várzea da Palma. O santuário católico Senhor do Bom Jesus (Figura 14) é uma das materialidades patrimoniais e culturais em ameaça de submersão com a construção da represa.

Figura 14: Igreja Senhor Bom Jesus da Lapa em Pedra de Santana

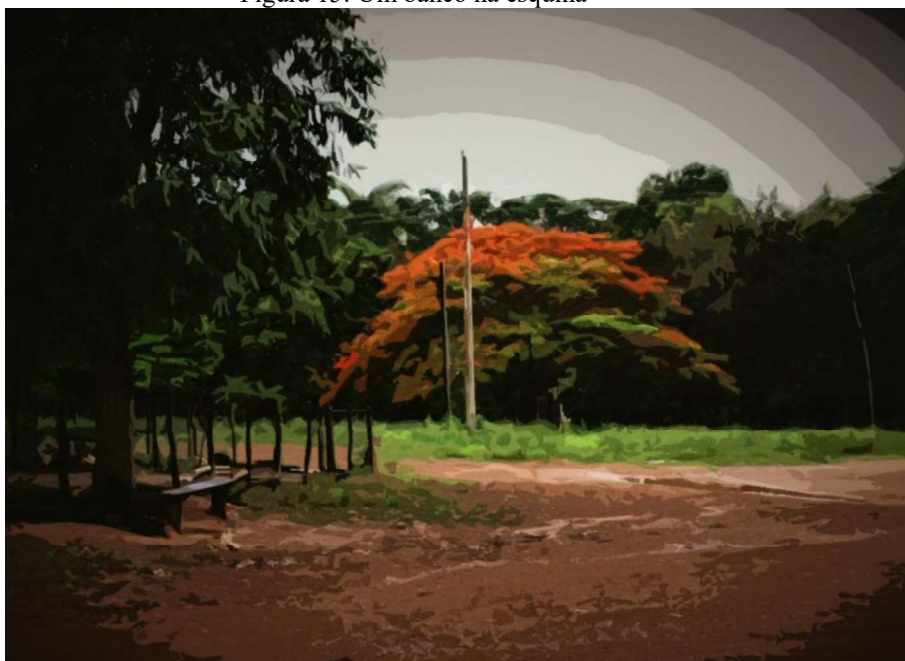


Fonte: Acervo Pessoal

No caminho para a reunião com outros moradores da comunidade, diante das belezas das esquinas do vilarejo e as histórias com as quais escutamos no devir dos encontros imersivos, sentei um pouco em um banco e não segurei a emoção. Não conseguia racionalizar tanto o que sentia, mas de repente imaginar tudo aquilo de baixo d'água foi pesado. Aquelas pessoas já carregavam histórias duras diante das barrancas de Opará. Seres que um dia

precisaram de um lugar perto do rio para morar e que por força sagrada conseguiram. Agora, poderiam de novo estar sem amparo na vida; sem onde morar ou com risco de serem “*tocados*” para longe do rio. Não somos pesquisadores antes de sermos pessoas. Poderia extrair esses momentos da escrita, mas então ela estaria distante da realidade dos fatos. Desonesta, como escreveu Maria Geralda<sup>39</sup>. Talvez nesse momento comecei a entender que não há como passar ileso ao que nos propomos em pesquisa. Nosso sentir, nosso perceber e nosso pensar esta engendrado na forma como descrevemos os fatos. Omitir isso é distanciar a descrição das potentes chamas que elas carregam. Nestes lugares da emoção podem estar a coluna dorsal ou fio condutor do estudo. A poética. A cognição com o que realmente entendemos daquilo.<sup>40</sup> E talvez se não sentíssemos tanto não estaríamos ali, dispostos a descrever um tempo-espaço. Estamos posicionados diante das vaiáveis físicas, humanas e invisíveis. Naturais e metafísicas. Dali, vendo as pessoas se achegarem para o encontro, me levantei, caminhei um pouco, fiz uma foto do lugar e segui (Figura 15).

Figura 15: Um banco na esquina



Fonte: Acervo Pessoal.

Fizemos uma boa reunião com os comunitários. Percebemos que as pessoas ali careciam de mais informações e mais didatismo nos diálogos. Elas pelo menos demonstraram isso e essa abertura alimentou nossa vontade de trocas. Todos do coletivo gostaram muito da comunidade de Pedra de Santana. Inclusive, algumas pessoas da comunidade passaram a fazer

---

<sup>39</sup> O artigo ao qual me refiro está citado com maiores detalhes no segundo capítulo deste manuscrito.

<sup>40</sup> Essa percepção coaduna com o pensamento de Merleau Ponty em *Signos* quando fala do quanto a arte está mais próxima do que realmente pensamos. Essa referência também está mais esmiuçada no segundo capítulo dessa dissertação.

parte do coletivo. Em meio às histórias e aos cantinhos, nossas vontades em defesa do rio ali aumentaram. Posteriormente voltamos lá, em uma ocasião de intervenção. A relação entre as pessoas desse lugar pareceu se aproximar do conceito de comunidade que Edith Stein<sup>41</sup> desvela. Que valoriza a coletividade antes do individualismo. Outros lugares por onde passamos também tiveram características comunitárias fortes, mas este, talvez pela história de formação tenha reverberado um sentido ainda maior de união.

Seu Sálvio ficou ansioso para o nosso retorno e disse-nos que espera que retornemos para uma festa de Bom Jesus... Do retorno que fizemos a comunidade, na ocasião de um encontro posterior nasceu uma canção envolta da fogueira...

*Em pedra de santana  
Eu subi o ri  
Em pedra de Santana eu não dormi  
Em pedra de Santana eu cheguei lá  
Em pedra de santa de baixo do jatobá*

*Subi o rio encostei meu cacareco  
Subi barranco boneco  
Com a luá mia alumia  
Chutando toco  
Parede sem reboco  
Travessado bongue Loko  
Sem deixar me atolar*

*De ilha em ilha  
Matutando pensamento  
Pra barra empreendimento  
Que querem nos arrasar  
Eu sei é foda  
Mas o povo em movimento  
É o único instrumento  
Pra gente se libertar*

*[Pedra de Santana – letra: coletivo Velho Chico Vive; musicada por Pedro Surubim]*

### ***Sambaíba no auge do verão.***

*[5 de fevereiro de 2021]*

Céu cinza-esbranquiçado, terra molhada e empoçada. Inúmeros gaviões... As chuvas de verão eram abundantes. As estradas lamacentas. Tive receio de ir nessa época, mas estava com a decisão coletiva. Em meio a isso também havia a prontidão de encontrar as comunidades antes que as ‘desarticulações’ da empresa tivessem corrompido os posicionamentos. Partimos às 16 horas de uma sexta-feira para o povoado buritizeirense de

---

<sup>41</sup> O conceito é desvelado por Stein na obra “Una Ricerca Sullo Stato” e foi estudado por Ales Bello em “Pessoa e Comunidade” (2015). Traduzido por Miguel Mahfoud e referenciado nesse documento.

Sambaíba. Popularmente a comunidade é conhecida assim, mas nas coordenadas do mapa (*Google Maps*) é nomeada de Palestina.

O Caminho segue a mesma direção que o assentamento de Limeira, atravessando a ponte nova Pirapora-Buritizeiro. Mas entramos em uma estrada, a partir da BR365, que ficava a alguns metros depois da entrada para o caminho de Limeira. Fomos todas em um carro. No percurso estávamos eu, a Mônica do sindicato, as irmãs da CPP (Letícia e Neusa) e a Laís que também faz também parte do conselho como agente da pastoral. Em Sambaíba combinamos de nos encontrar com mais companheiros do coletivo. No caminho: muitos eucaliptais, lama e gaviões.

Chegamos a Sambaíba no fim do dia, após atravessar a subida de um nítido divisor de águas com muito cerrado nativo. O lugar também parecia um campo mais alto que o entorno. Notamos que parte da comunidade não está dentro da mancha de alagamento da represa - a partir do material disponibilizado pelo IPHAN nos autos do processo de represamento. O capim estava avermelhado do fim de sol da tarde. De lá se via uma serra aplainada na paisagem voltada ao norte buritizeirense. O céu amplo arrematava o entardecer. Havia uma quadra coberta, um telecentro, uma escola e um espaço aberto. Parecia um lugar principal, ou espécie de centro dali. Era também o fim de duas ruas paralelas no vilarejo. As únicas existentes. Nesse lugar também estava uma igreja verde ao lado de algumas árvores jovens... Um chapéu-de-sol e duas mangueiras. Era quase noite, rapidamente encontramos a casa que ficaríamos. Repousamos em um lugar que foi cedido por uma amiga da Mônica que estava viajando na ocasião. Era bem próximo do espaço em que chegávamos de carro, atrás da igreja. De lá fomos caminhar antes de escurecer...

Uma forte chuva começou e então decidimos preparar o jantar e dormir. Conversamos muito também. Nessa altura já havia sido aprovada no mestrado e os papéis escritos começaram a tomar alguma forma. Até então estava realizando os diários e buscava concretizar em forma de um projeto, mas ainda eram apenas especulações. Mirava alguns editais e então acabara de entender que a pesquisa seria dissertativa. Conversamos sobre fenomenologia, sobre pesquisas em comunidades, mapeamentos, imersões... Até que os trovões e relâmpagos nos embalaram em sonhos.

Acordamos um pouco antes das sete. Chovia pouco e logo parou. Um senhor passou na bicicleta cantando e essa era a tranquilidade daquela manhã. Sentido o orvalho nas plantas matinais e ao som de muitos passarinhos fomos nos acostumando com o dia. Logo chegaram Rosângela, Dézinho e seus filhos: Júlia e João. Eles são rancheiros, cuidam de uma casa que recebe turistas para pescar em algumas épocas. Mas nessa estação de piracema estavam com a

agenda tranquila. Onde moram é próximo dessa altura do rio. Conhecemo-nos em Limeira e então decidiram participar desse encontro se dispondo nas ações coletivas.

O plano do dia era atravessar o rio e fazer um encontro do outro lado; na margem direita, distrito de Barro Branco na cidade de Lassance. Na parte da noite estava também planejada uma reunião em Sambaíba, onde estávamos alojados. A agenda estava cheia para a calmaria do lugar! No dia seguinte nossa previsão era de ir até Frade, um povoado buritizeirense que é adiante na margem esquerda mesmo, subindo rio. Isso se houvesse trégua da saudosa chuva de verão.

Antes de ir ao caminho íngreme de descida até o rio Opará, nos encontramos com um casal que confundiu o horário da reunião em Sambaíba. Adiantaram-se em doze horas, pensaram que fosse na parte da manhã. O senhor Jonas e a Dona Eulália chegaram de barco, junto com o sol atrás das nuvens de Sambaíba. Não sabiam ao certo do que se tratava a reunião e quando os perguntei se eram a favor da barragem, seu Jonas respondeu: *“Do jeito que a gente gosta dali não tem como ser a favor”*. Não pudemos conversar muito, pois estávamos partindo para Barro Branco. Deu para sentir um pouco a condição deles trocando poucas palavras e profundos olhares. Moram na beirada do rio e certamente terão suas casas submersas caso a barragem ocorra.

Fomos para a beira rio esperar o pilangueiro. No caminho: pasto, cerrado, pomares e milharais. Irma Letícia havia combinado com um barqueiro, mas ele demorou três horas para aparecer no rio. O tempo naquele lugar parecia outro e nós ainda estávamos em ritmo urbano e acelerado. O rio estava cheio, correndo bonito. Não tinha cor de sedimento tamarindo como nas águas, a jusante, próximas a Pirapora. Havia uma casa fechada cercada de plantações de milho e um alpendre voltado para a margem do rio. Ficamos ali... Entre uma chuva e outra. Quando estiava chegávamos mais perto do rio em um porto particular da casa. Na verdade, essas três horas de espera não demoraram muito por causa de Júlia e João. Nesse tempo alonguei e brinquei com essas crianças. Foi tão divertido que não vimos a hora passar.

Por volta das onze horas da manhã fizemos a travessia de barco. O pilangueiro era o Senhor ‘Nenzão’. Fez conosco duas viagens. Ali estávamos atravessando o rio e o limite municipal. Desembarcamos no município de Lassance (MG). Gledson, que nos esperava, é morador do povoado e proprietário de um rancho no porto em que descemos. Ele nos levou de carro até a rua principal do vilarejo de Barro Branco. Pelo caminho, descemos entre barros e duas corujas que nos observaram até a rua principal do povoado. Lá ficamos, em uma varanda de bar, esperando a travessia dos outros. Era um morro não muito íngreme, mas longo. No alto dele se visava um campo de futebol e uma igreja.

Naquele bar conversamos um pouco com uns moradores e soubemos que a vila tem aproximadamente 80 anos e que a maioria das terras foi também doada pela igreja. O nome ‘Barro Branco’ parece ter sido este por motivo de um córrego que esta nas proximidades do povoado. Este córrego é identificado na cartografia hídrica do lugar. Toponímia que também foi desvelada no chão do dia chuvoso, no fim do dia. Mas, naquela hora, fomos caminhando pela rua de chão batido e cascalho até alcançar a igreja. Uma boa sombra de mangueira nos manteve em uma conversa, pois as nuvens nesse momento não intimidaram o calor do sol. Em frente à igreja, estava um salão ou espaço público onde iríamos fazer a reunião na parte da tarde. Bem perto também estavam o posto de saúde e a antiga sede da associação local. Aos poucos as pessoas foram chegando para o encontro.

Iniciamos a reunião (Figura 16) contando um pouco sobre o coletivo e os lugares por onde passamos e passaríamos. Houve uma rodada de apresentação. Dessa vez a cantoria não durou muito. Durante as apresentações iam surgindo perguntas e havia uma sede enorme de informações. Um senhor falou por bastante tempo, trouxe importantes indagações. Havia um cronograma e abrimos com a dinâmica feita em outros encontros onde: muitos peixes podem cercar um peixe grande. E então, a partir disso há uma conversa sobre resistência e união. Participei falando um pouco sobre o histórico da barragem no decorrer dos anos.

Laís também falou sobre impactos provocados em barragens e houve algumas questões sobre a indenização. Os comunitários pareciam já ter conversado sobre isso antes e começaram a debater entre si. Uns diziam que a própria empresa iria contribuir para a revitalização das nascentes locais e isso seria positivo. Outros colocavam que “- *quem tinha pouca produção lutou pouco na vida e por isso merecia ficar debaixo d’água.*” Entre as falas meritocráticas uns e outros começaram a se apontar; julgando quem poderia ou não receber indenização. A conversa era basicamente entre homens. Combatemos essas falas, mas vimos que existiam pessoas realmente posicionadas a favor da barragem e de uma possível indenização.

Depois ficamos sabendo que haviam pessoas na comunidade trabalhando para a empresa, deslocando os responsáveis por fazer a pesquisa nessa fase de licenciamento no local. Tivemos receio de ter pessoas da empresa infiltradas na reunião. Alguns homens que chegaram posteriormente de carro e estavam no fundo, não se apresentaram e instigavam as falas dos comunitários. Aos poucos a chuva se intensificou. Os diálogos precisavam ser em tom mais alto para serem ouvidos por todos, mas já havia acontecido uma fragmentação do discurso.

Figura 16: Fragmento da reunião em Barro Branco



Fonte: Acervo Pessoal.

Depois ficamos sabendo que haviam pessoas na comunidade trabalhando para a empresa, deslocando os responsáveis por fazer a pesquisa nessa fase de licenciamento no local. Tivemos receio de ter pessoas da empresa infiltradas na reunião. Alguns homens que chegaram posteriormente de carro e estavam no fundo, não se apresentaram e instigavam as falas dos comunitários. Aos poucos a chuva se intensificou. Os diálogos precisavam ser em tom mais alto para serem ouvidos por todos, mas já havia acontecido uma fragmentação do discurso.

Conversamos com alguns. Aqueles pescadores e vazanteiros que vivem nas margens do rio. Despedimo-nos sem chegar num ponto satisfatório de diálogo com todos. Barro Branco não estará completamente submersa caso a represa de Formoso exista, apenas suas margens seriam diretamente atingidas. Alguns já estavam visando uma espécie de turismo de represa ou valorização da terra pela proximidade da represa. Como aconteceu em áreas próximas da represa de Três Marias. Regiões que se transformaram em alguns bairros nobres e segregaram outras classes sociais na área urbana da cidade. Portanto, observamos os posicionamentos e encaminhamos a reunião para algumas conversas isoladas. Foi um encontro difícil. Mas de certa forma realista. Onde alguns se posicionaram diante de uma ameaça que vai atingir a outros. Diretamente atingidas seriam poucas casas que estão na beirada do rio.

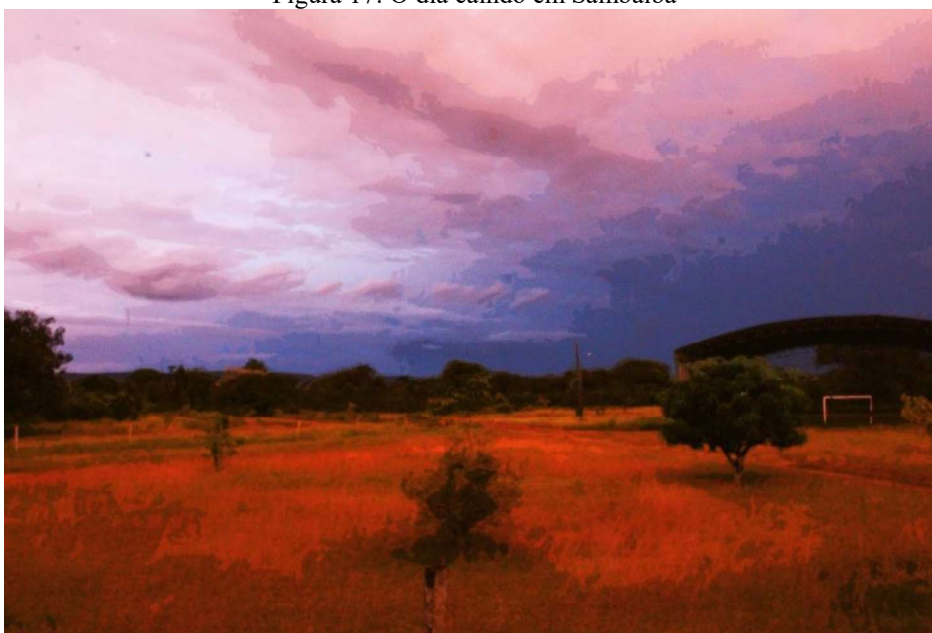
Na volta, conseguimos uma carona em uma Kombi. Chovia muito e havia muita lama na estrada. Barro Branco fez jus ao nome. Passamos por alguns momentos de apreensão no caminho. No rancho da margem comemos um ‘biscoito cinco pratos’ delicioso e tomamos um café quentinho até a chuva estiar enquanto esperávamos a volta da canoa.



Chegamos ao fim da tarde em Sambaíba (Figura 17), mais uma vez o capim avermelhado do campo nesse momento entre o dia e a noite se evidenciou. A chuva não deu trégua no momento da reunião e então o encontro foi feito dentro da igreja. Foi uma roda de conversa com poucos presentes devido às chuvas. A maioria eram os professores na escola. O diálogo foi fluido, e as pessoas pareciam conscientes dos prejuízos da represa. Denunciaram a extinção de peixes endêmicos que antes eram comuns na região. Mostraram-se dispostas a contribuir e trocaram contatos conosco. Ao fim da noite Rosangela preparou um frango caipira muito bom para nos despedirmos daquele dia de chuvas.

Na manhã seguinte tentamos ir a Frade, mas a chuva e o caminho não permitiram. A tentativa foi de aventuras onde deslizamos muito e nos deparamos com córregos bem cheios. E então retornamos a Sambaíba, almoçamos e com apenas um contato de uma moradora de Frade resolvemos voltar para casa sem conhecer a comunidade. A Zona de Convergência do Atlântico foi intensa naquele fim de semana no norte de Minas. Aprendemos que quando ela (a ZCA) vier é melhor que a gente fique em casa e adie o campo.

Figura 17: O dia caindo em Sambaíba



Fonte: Acervo Pessoal.

***O Abaeté em Opará.****[24 de setembro de 2021]*

*“Perto de muita água tudo é feliz”.*  
*João Guimarães Rosa*

Depois de uma longa janela de meses sem imersão finalmente retornamos a campo com essa mesma proposta: de reconhecimento e encontros nos territórios que estão em iminência de represamento. A região que ainda não havíamos visitado era a parte mais alta (ou montante) do trecho do rio Opará que tem previsão de ser alagada pela represa de Formoso. Essa região é próxima das turbinas da represa de Três Marias que fica à montante do projeto de represamento [para se localizar veja a coleção de mapas da região imersiva que se encontra no apêndice desse manuscrito]. Assuntamos alguns contatos locais e fomos para Pontal do Abaeté (distrito de São Gonçalo do Abaeté – MG), partindo de Pirapora. Essa área é a mais distante que percorremos nas nossas imersões.

Estávamos todos um pouco mais tranquilos, pois estávamos vacinados com duas doses preventivas para a COVID-19. Os tempos pandêmicos foram sombrios. Seguimos com os mesmos cuidados (distanciamento, máscara, álcool-gel), mas com um sentimento de segurança mais coeso. Encontramo-nos às sete da manhã no Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Buritizeiro. Dessa vez parti para imersão com Mauro (doutorando do PPGDS da Unimontes), Mônica (Do Sindicato dos Trabalhadores Rurais), Irmãs Letícia e Neusa (da CPP) e com Laís (agente da CPP).

Era um início de primavera bem quente. Percorremos a mesma BR365 em Buritizeiro com sentido a Três Marias. Em Luzilândia do Oeste, viramos a esquerda na BR040 – regionalmente conhecida como rodovia do Presidente Juscelino<sup>42</sup>. Dessa vez fomos pelo asfalto na maior parte do trajeto. Sucupiras e Jacarandás denunciavam a primavera, arroxavam a estrada com o vivo de sua flora. O cerrado e o capim em si estavam bem secos pelo caminho. Era uma primavera em que a chuva ainda não havia chegado. Diferente das imersões na primavera anterior. Os tempos esses eram bem outros... Viventes de primavera seca. Espiando a paisagem com olhos profundos, Mônica nos contava um pouco sobre sua infância nos arredores da fazenda Santa Rita. Passamos próximo a esta fazenda na BR356... A barranqueira Mônica come baru<sup>43</sup> sem precisar torrar e conhece boa parte do povo que

---

<sup>42</sup> Certamente há relação com a represa de Três Marias, já que ela foi inaugurada por este presidente e essa via leva até a obra de intervenção ao rio.

<sup>43</sup> Castanha do cerrado.

encontramos nas imersões que fizemos. Luta por direito a moradia para muitos no norte de Minas através do sindicato dos trabalhadores rurais e também é agricultora de subsistência e assentada. Conhece aquele chão como ninguém.

Em Luizilândia paramos um pouco para fazer algumas compras. Fariamos nossos alimentos em um rancho. Pela primeira vez dividimos os custos da casa que iríamos ficar no fim de semana. A distância fez com que as referências locais fossem também contatos mais distantes. Acredito que a função turística do lugar que estávamos indo colocava essa troca como uma forma de respeitar a lida da comunidade também. O calor pulsava nossos miolos no fim da viagem. Mas a energia entre nós era muito boa, de alívio pós-vacina pandêmica.

As referências que tínhamos para sair da rodovia e adentrar em uma estrada de terra até a comunidade de Pontal eram: eucaliptais. Passamos por espécies vegetais retorcidas do cerrado com um plano fundo de paisagem bordado por chapadões. Planos paisagísticos belos alinhados na janela do veículo. Cortamos o rio Abaeté por uma ponte e nesse momento me impressionei. Sua vazão é muito maior do que imaginava. Após os eucaliptos havia uma placa, então não erramos a entrada para Pontal do Abaeté. Entramos um pouco antes de chegar em Três Marias e na estrada haviam vários mirantes paisagísticos para a represa de Três Marias... Não podemos negar a beleza de muita água junta.

Entre pirambeiras, curvas íngremes e o cerrado seco da primavera chegamos em Pontal do Abaeté. O lugar tinha cheiro de praia. A vila esta localizada na ponta de terra firme entre o rio Abaeté e o rio São Francisco. Uma espécie de península de rio. Camarote para a foz do Abaeté que por sua imensidão mais parece um encontro de iguais. Ao chegar pelas ruas de largura fina e chão batido nos encontramos com o Seu “*Boneco*”, dono de um bar que nos indicou onde estava o rancho onde iríamos pousar. Neste primeiro encontro, este senhor mostrou negar a possibilidade de que o projeto da Usina de Formoso realmente esteja em curso. Disse que – *issé uma história antiga que nunca vai à frente.*

A primeira visão que tive ao entrar com o carro no rancho foi uma ossada da cabeça de um peixe surubim talhada no alto da garagem. Ao fundo Opará corria. A época sem chuva do ano e a proximidade das turbinas deixava sua cor cristalina-esverdeada. Havia um porto pequeno de cimento ao fundo... A plataforma era uma rampa que afundava sua altimetria até encontrar com a água e seguia ainda por baixo dela por alguns metros. Estávamos bem confortáveis. Preparamos o almoço e fizemos uma reunião para alinhar a agenda. Naquela mesma sexta iríamos atravessar o rio e encontrar com moradores da margem direita; de frente ao Pontal. No sábado iríamos à Beira Rio (outros trechos do rio no município de São Gonçalo

do Abaeté, divisa com Três Marias) e na Barra do Rio de Janeiro (povoado na divisa entre os municípios de Três Marias e Lassance), que também fica na margem direita do rio. No último dia, domingo, realizaríamos um diálogo com a comunidade onde estávamos: Pontal do Abaeté.

Conhecemos o Senhor Vando, pescador, pilangueiro e caseiro do rancho onde estaríamos. Quem nos atravessou para a reunião na outra margem foi um de seus filhos. A canoa deslizou com muita velocidade. Ela ia a mesmo sentido das águas do rio... Ficamos de costas para a foz. A margem direita, pra onde seguíamos é reconhecida como *Porto do Pontal* e o território político pertence a Três Marias e não a São Gonçalo do Abaeté. Portanto atravessávamos o rio e o limite municipal. Na verdade, em todas as nossas travessias de rio acabávamos cruzando fronteiras municipais, ora entre Pirapora e Buritizeiro; ora entre Buritizeiro e Várzea da Palma, Buri e Lassance ou nestas circunstâncias entre São Gonçalo de Abaeté e Três Marias. Existem muitos povoados nesse trecho que estão na margem direita d'Opará. Pensamos em passar por alguns quando estivéssemos indo para a vila da Barra do Rio de Janeiro. Este povoado também faz parte da margem direita do Opará e possivelmente percorreríamos a mesma estrada de margem para outros povoados...

Fomos recebidos no rancho do Porto de Pontal por Dona Silvia. O lugar parecia também um comércio de alimentos ou ponto de vendas. Uma mesa com muitos pescadores regionais era forrada de copos de cerveja e conversas em tons de celebração. Alguns haviam sido convidados para a reunião. Silvia explicou que entre eles haviam pessoas insulanas, da ilha da Merenda<sup>44</sup>, próxima dali e que esta em ameaça de ser submersa. Sentamos em outra mesa com nossas máscaras, álcool-gel, folhetos, cadernetas e bem dizer 'uniformes' de campo.

Muitos pensamentos me vieram nesse momento. Talvez pudéssemos participar do fenômeno de "celebração" que ocorria e assim trocar diálogos... Seria como vestir o lugar para que o lugar nos vista também. Mas não sei até que ponto daria certo. Em todos os nossos encontros estive atenta aos diálogos, com uma caderneta de tópicos principais para realizar o diário imersivo no fim do dia.

Convidamos-vos... Inicialmente alguns se aproximaram. Mas depois foram aos poucos voltando para a mesa para encher seus copos e ficando por lá mesmo. Tivemos então um diálogo com a Dona Silvia. Ela nos explicou que esse trecho do rio acabou se tornando um

---

<sup>44</sup> Não tivemos a oportunidade de conhecer essa ilha durante as imersões.

lugar de turismo pesqueiro. Os fins de semana sempre estão cheios de pescadores esportivos. O lugar se valorizou assim porque há muitos dourados<sup>45</sup> e alguns surubins nessa área do rio. Animais aquáticos endêmicos que não estão presentes nas águas da represa, onde a maioria dos pescados é de tilápia. “- *Os pescadores esportivos então preferem pescar nessa área, próxima do grande berçário de peixes que é o rio Abaete.*”

Dona Silvia é casada com o Seu Bartolomeu, que por algum tempo também sentou conosco. Contou-nos que sua família tem terras na região. Disse ter amor pela terra e pelo rio Abaeté caindo no São Francisco. Silvia relatou que quer guardar essa riqueza natural para as suas próximas gerações. Mostrou saber sobre as dinâmicas do rio e também sobre algumas características do empreendimento de Formoso.

*“A força do Abaeté é tanta que ele cresce para cima do São Francisco empurrando ele para dentro. Você já viu água correr para cima? O Abaeté faz o São Francisco subir e é a coisa mais linda que já vi”* Silvia Leal – Porto do Pontal.

Seguindo em diálogo, Dona Silvia disse que há anos os rancheiros foram procurados pela empresa que realiza o projeto Formoso para colocar alguns piquetes de marcação do represamento. Tinha informações de que o projeto mudou no decorrer dos tempos. Antes o represamento inundaria terras até as turbinas de Três Marias. Recentemente e a partir de um novo projeto ficou sabendo que a represa não alagaria grandes distancias a partir de Pontal do Abaeté até as turbinas. A comunicamos que a partir do material que tivemos acesso, realmente a área de inundação nas proximidades de Três Marias, observada a partir dos mapas, parecia ter vazão menos larga nesta região. Mas não poderíamos afirmar as dimensões a partir disso, pois os materiais divulgados ainda eram exploratórios.

Posteriormente, em posse da mancha de inundação disponibilizada pelo IPHAN e pelo IBAMA no processo de licenciamento da UHE Formoso essa área foi observada no ArcMap. Identificamos através de medições feitas pelo software que há sim áreas do trecho em que não esta prevista inundação, mas toda a área da ‘península’ de Pontal do Abaeté esta sob a mancha e a maioria dos pontos próximos prevê inundação de aproximadamente um quilômetro.

Dona Silvia comentou sobre pessoas que estão evadindo de suas casas, colocando os terrenos a venda ou deixando de produzir nas terras por medo de prejuízo. Ela se mostrou uma pessoa consciente de seus direitos. Na cartilha (Figura 18) que a entregamos havia muitas informações que já estavam nos conhecimentos dela. Na verdade, aos poucos fui notando que o conhecimento das pessoas desse trecho do rio, sobre a o projeto de Formoso e seus impactos

---

45 Peixes Endêmicos.

eram maiores do que nos outros lugares que havíamos passado. A proximidade com as turbinas e a represa de Três Marias fez com que muitas realidades de relocações fossem reconhecidas pelos habitantes da região. Portanto, apesar de haver possíveis negações para a realidade do empreendimento, muitos sabiam que se de fato acontecer será prejudicial ao rio, suas margens, vidas e culturas.

O tempo de distância entre as imersões realizadas pelo coletivo Velho Chico Vive também pode ter resultado em mais contato entre os responsáveis pelo licenciamento da empresa e os comunitários. Neste campo também notamos que a maioria dos comunitários afirmou ter se encontrado com representantes da empresa que estiveram presentes para a realização de pesquisas locais.

No retorno pudemos ficar de frente, em alto rio, com a foz do Abaeté no Opará (Figura 19) e do nosso ângulo em meio às abundantes águas que corriam em nossa contra direção os dois pareciam ter o mesmo tamanho. Neste retorno entendemos a grandiosidade do rio que estava sendo relatada por Silvia...

Figura 18: Cartilha aos comunitários elaborada pelo Coletivo Velho Chico Vive

**Manifesto: Não à UHE Formoso**

O Brasil vive inserido em uma grave crise hídrica que ameaça a existência do Rio São Francisco e por isso pode apresentar um futuro sombrio para as próximas gerações.

A defesa do nosso Velho Chico pede atenção e engajamento da sociedade e dos governos na construção de uma cultura de cuidado com a água e com o meio ambiente.

Atualmente o Rio São Francisco é um dos nossos principais mananciais para abastecimento humano, e a contaminação de suas águas por agrotóxicos, lançamento de esgotos e pelas ações predatórias de empreendimentos tornam a sua existência cada vez mais ameaçada.

Por isso, o Coletivo Velho Chico Vive, surgiu em 2020; entidade que reúne organizações e pessoas. Estamos juntos pela defesa do Rio São Francisco, pelo direito à água e ao meio natural que são bem comuns e coletivos.

Prezamos pela restauração das matas e aquíferos da Bacia do Rio São Francisco, pela proteção das suas nascentes, respeitando os territórios comunitários e tradicionais; e suas águas e cultivos.

Defender o Rio São Francisco é partilhar do maior patrimônio hídrico e cultural do território nacional. Defender o Velho Chico é cuidar da nossa identidade e lutar por nossa existência.

Velho Chico Vive  
#NãoÀBarragemFormoso

Apoio:

**PRA QUE BARRAGEM, MEU DEUS?  
QUERO MEU VELHO CHICO VIVO!**

Não à barragem da UHE Formoso! Veja o quanto podemos ser prejudicados:

Água não é mercadoria. Água não pode ser tratada como commodities. Barramento de água exclui o acesso ao rio, diminui a disponibilidade hídrica e mata o ciclo natural do rio.

Nessa área o rio já é navegável, uma barragem aqui impediria o tráfego de Pirapera até Três Marias... Expedição feita por barqueiros regionais há anos!

A UHE Formoso, é um projeto que quer se instalar no rio São Francisco, em Minas Gerais. Os municípios que podem ser afetados são: Barbacena, Pirapora, Lourenço, Várzea da Palma, São Gonçalo do Abaeté e Três Marias.

O rio que corre depois da barragem também poderá sentir os impactos: Escassez de água e Poluição. Cursos d'água ficam interconectados com violentos barramentos!

Empregos na construção da represa? São temporários, de alto risco de vida, os salários mais altos são para os que vem de fora da região.

Desenvolvimento pra quem?

Represas acabam com o ciclo de vida das espécies nativas do rio: como o girá amarelado de estocação e o dourado.

Várias lagoas /berçários dos peixes poderão ser destruídos!

Mata Ciliar e espécies de plantas do cerrado serão afogadas e mortas.

Pessoas e comunidades ribeirinhas que sobrevivem do rio no território da represa poderão ser despejadas!

O São Francisco é bonito Vivo!

Legenda

Área da represa - lagoa

Barramento - Contenção de Água

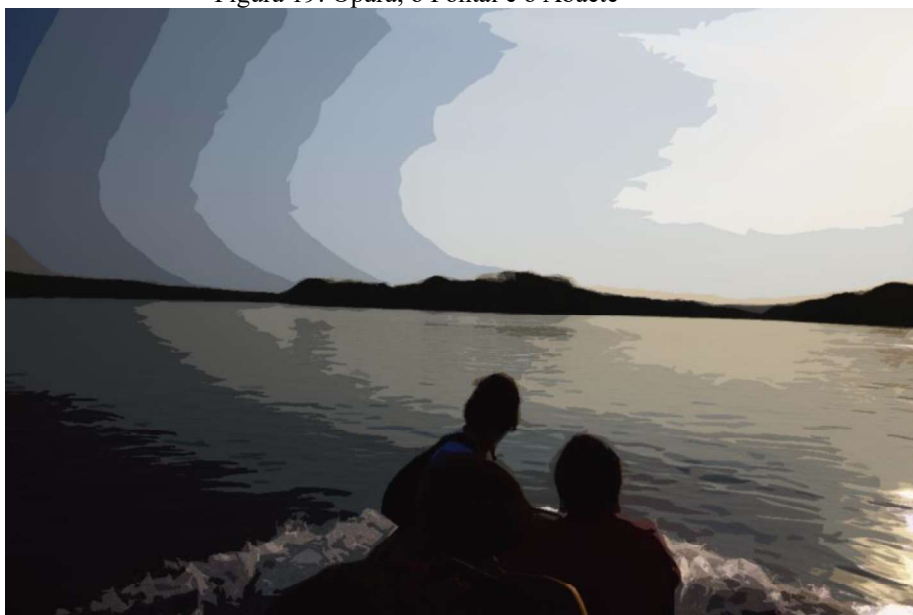
Siga as redes sociais e assine o manifesto >>>

Fonte: Acervo Coletivo Velho Chico Vive.

Ao desembarcar no vilarejo de Pontal do Abaeté, conversamos um pouco com Seu Vando. Ele é ser de fala calma e sensata. Perguntamos sobre a reunião do lado de cá do rio que estava marcada para o domingo. Parecia que essa reunião não estava bem articulada e então planejamos passar pelas casas na manhã de domingo convidando as pessoas para a conversa. Fechamos o dia combinando de acordarmos bem cedo no sábado e além de passarmos pelo Porto Beira Rio, passar também nos povoados da margem direita do rio. A pretensão que não se concretizou era passar por todas essas comunidades. Elas seriam: Aldeia dos Dourados, Barra do Espírito Santo, Escadinha, Silga, Barra dos Quartéis e pôr fim a Barra do Rio de Janeiro... *O De - Janeiro Roseano*.

Naquela noite o rio subiu acima de todo o porto-rampa de cimento da casa onde estávamos. As comportas da represa foram abertas ao fim da tarde. Permitimos que fossemos refrescados pelas águas de Opará durante a transição do dia para noite. A mesa de reunião para fechar o dia estava sobre este deck, nas águas. Ali ficamos até um pouco depois de escurecer. Vingamos o dia quente de primavera em viagens e trabalho.

Figura 19: Opará, o Pontal e o Abaeté



Fonte: Acervo Pessoal

***Três Marias e uma canoa literária pelo De-Janeiro Roseano***

[25 de setembro de 2021]

Íamos arribar na outra beira. Fiquei avistando ela naquela manhã. Partimos bem cedo. Pegamos a mesma estrada de terra a que viemos nesta “península do Abaeté” e cortamos o cerrado até chegar à rodovia Presidente Juscelino novamente. Mas, agora terminamos de seguir em direção a Três Marias (MG). Antes de atravessar a ponte do rio Opará, ainda no município de São Gonçalo de Abaeté, descemos na *Beira rio de baixo*. Uma margem de rio urbana, onde esta a casa de Senhor Norberto. Pescador que havíamos sido orientados a procurar.

Imagine um senhorzinho de fala calma e sábia em uma manhã de primavera na beira d’Opará... Seu Norberto supera as expectativas. O pescador barranqueiro nasceu nas ribeiras do rio em São Romão. Morou em Paredão de Minas, margem do rio do Sono, afluente de outro grande braço do Opará: o rio Paracatu. Paredão de Minas esta na literatura de João Guimarães Rosa, *Grande Sertão: Veredas*. Lá é um importante lugar literário onde *Diadorim*<sup>46</sup> desencarna e o seu segredo é revelado. Lugar que carrega os ares jagunços do sertão norte-mineiro. Quando o disse que já estive no povoado ele sorriu e pareceu acenar com a cabeça certo reconhecimento. Aos onze anos de idade Seu Norberto já estava em Três Marias. Contou-nos que ali viu a represa chegar e tudo mudar diante de seus olhos.

Naquela prosa em uma mesa longa de varanda diante do rio, Seu Norberto expressou que houberam famílias que só se retiraram das suas casas quando a água alcançava os seus pés. Essas famílias chegaram a se mudar oito vezes de lar. Descendo pelas beiradas do rio com a represa avançando. Histórias muito duras.

Sobre a ameaça de represamento de Formoso, contou-nos:

*“sei que esse pessoal já esta até fazendo orçamento de brita (...). Disseram que vão fazer curso para empregar; mas barranqueiro mesmo não sabe nem ler, como vai fazer curso?”* Norberto – Beira Rio.

Seu Norberto relatou um pouco da experiência de estar logo abaixo das turbinas da represa. Disse que os moradores a jusante vivem a depender da deliberação de águas das turbinas. E então o “- *ribeirinho deixa de escutar a natureza e passa a escutar o ritmo empresarial.*” Contou que a barragem acabou com o plantio de vazante da região onde estávamos. Relembrou que antes do represamento os próprios piraporenses vinham até Três

---

<sup>46</sup> Personagem na obra Roseana.



Marias de barco para buscar abóboras e depois seguirem na viagem de trem. Hoje não existem mais esses plantios no trecho.

Esses relatos me fizeram refletir sobre os plantios vazanteiros nas proximidades de Pirapora, onde percorremos. A ilha das Pimentas, Limeira, Chapadinha, Pedra de Santana... Todas tem plantio de vazante e inclusive plantam abóboras. O rio em uma jusante mais distante da barragem parece ter se reestruturado ou se aproximado de um equilíbrio natural mais evidente. Faz algum sentido já que as águas pluviométricas percorrem um longo trecho de aproximadamente 115 quilômetros<sup>47</sup> entre Pirapora e Três Marias, pelo rio. Esses reequilíbrios de trechos do rio são pesquisas que merecem atenção, já que o entendimento pode facilitar e acelerar o tempo de readaptação do rio a essas intervenções.

No diário imersivo chamei essas reflexões de “os voltares do rio”, mas talvez não seja mais o mesmo rio e sim uma espécie de resiliência das margens. Ainda é um leito dependente da liberação de águas das turbinas, mesmo que de forma mais distante. Esses reequilíbrios não aconteceram em uma jusante mais próxima da intervenção, segundo as informações de seu Norberto e as observações que fizemos em campo. Até hoje não se produzem plantios de vazante nessa região.

Seu Norberto (Figura 20) também nos falou sobre os aguapés. Vegetações aquáticas que vimos bastante nesse trecho do rio e que são indicadores de baixo oxigênio na água. - *Na represa de Três Marias há um controle que permite a existência de alguns peixes, como a tilápia*, ele nos disse. No outro lado da Beira rio há uma mineradora instalada, a Nexa Resource<sup>48</sup>. Sim, bem próximo ao leito há ações de transformação do material terreno em pó. Há pressupostos de que os impactos causados pela empresa de exploração, através de metais pesados, gerem atuais danos para as águas e doenças para as comunidades. Além disso, após o rompimento da barragem da Mina do Córrego de Feijão<sup>49</sup>, em Brumadinho, a qualidade da água se modificou causando danos drásticos a vida aquática e o aparecimento de aguapés no trecho.

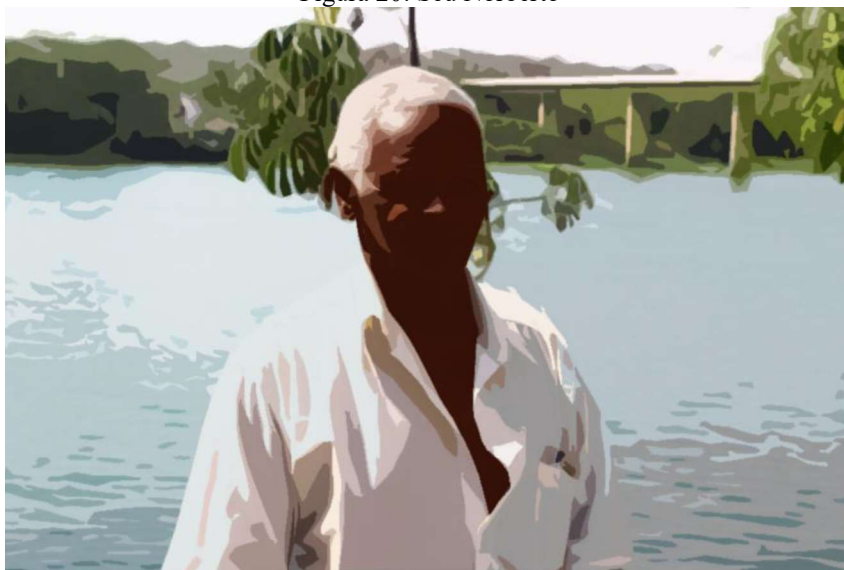
---

<sup>47</sup> Mensuração feita a partir do software ArcMap, considerando os meandros do rio São Francisco com a base hidrográfica da ANA.

<sup>48</sup> Empresa de mineração e metalurgia.

<sup>49</sup> Controlada pela Vale SA. Considerado o maior crime ambiental do país. Aconteceu em 25 de janeiro de 2019 causando a morte de 270 pessoas e da vida aquática e terrestre por onde a lama passou. Além disso, o rompimento desequilibrou o ecossistema da bacia do Paraopeba e conseqüentemente do Rio São Francisco.

Figura 20: Seu Norberto



Fonte: Acervo Pessoal.

Enquanto fazíamos as imersões, organizamos um grupo virtual em que alguns ribeirinhos de todas as comunidades que visitamos se comunicam. Entre os assuntos principais trocados nesse grupo há: a **vazão** dos rios São Francisco e Abaeté; o **controle** da estatal CEMIG dessa vazão; e a existência de **animais aquáticos mortos** no leito. Há um impacto mais latente nas proximidades das turbinas de Três Marias, talvez por ser uma região mais próxima de exploradoras de minérios e das próprias turbinas. Desse núcleo, os impactos dessa região vão sendo levados pelo rio em outras proporções e identificados pelos ribeirinhos que estão à jusante. O verão é a estação em que a comunicação no grupo fica mais intensa assim como a vazão e velocidade do rio.

Os índices pluviométricos do estado sobem durante as ZCA's, a vazão dos afluentes aumenta e o barramento não sustenta o "controle" liberando águas a ponto dos ribeirinhos terem que sair de seus lares assim como quando não havia o represamento. Quando o estio do inverno e da primavera é severo a estatal segura as águas para garantir a produção energética. A parte jusante do rio fica sem condições até de canoagem. O 'controle' é regido antes pela força climático-meteorológica. Não há segurança para quem vive à jusante desses represamentos como é argumentado pelas empresas de licenciamento dessas obras de intervenção.

A prosa estava boa e aprofundando nossas percepções d'Opará. Se pudessemos passaríamos todo o dia ali, mas era um sábado de trabalho para Seu Norberto. Atualmente ele trabalha alugando barcos, anzóis e pousadas para pescadores esportivos. A boa troca com aquele senhor fez bem ao nosso dia. Ao fim do encontro sua neta havia acordado, se

aproximou e soltou um: - *Vovô, me dá um abraço*. Dali, nos derretemos e seguimos com o coração cheio, através do gesto que ela nos fez com as mãos na despedida.

Nos encaminhamos para a Barra do Rio de Janeiro ou para o *De-janeiro Roseano*. Mas nesse em diante, quero pegar uma canoa literária e depois retornamos às pisadas imersivas. Isso, porque é difícil desvincular desse lugar a descrição feita por João Guimarães Rosa na obra *Grande Sertão: Veredas*. O lugar, que também é literário, está em ameaça de submersão pelas águas do represamento. *Riobaldo e Diadorim*<sup>50</sup> se conheceram no afluyente *De-Janeiro*, que dá nome ao povoado Barra do Rio de Janeiro. A submersão e possível morte da paisagem real não apagam as letras do livro lido por quem não, necessariamente, mata a 'sede' nas águas do rio. E então, disso, certamente podem se afogar as relações literárias e geográficas que se localizam na foz do afluyente rio de-janeiro no leito do São Francisco - Opará.

Onde *Riobaldo e Diadorim* se conheceram '*foi um fato que se deu, um dia, se abriu. O primeiro. Depois o senhor verá por que, me devolvendo minha razão.*'(ROSA,2001). É lamentável a eminência da existência dessas paisagens em lugar de encontro de rio e de encontro de personagens na obra do cordisburguense João Guimarães Rosa. As descrições literárias que contam estas paisagens se iniciam no porto do de-Janeiro...

Lhe falo do sertão. Do que não sei. Um grande sertão! Não sei. Ninguém ainda não sabe. Só umas raríssimas pessoas - e só essas poucas veredas, veredazinhas (...). Assim sendo, verdade, que se chama, no sertão: **é uma beira de barranco, com uma venda, uma casa, um curral e um paiol de depósito**. Cereais. Tinha até um pé de roseira. Rosmes!... Depois o senhor vá, verá. Pois, naquela ocasião, já era quase do jeito. **O de-Janeiro, dali abaixo meia-légua, entra no São Francisco, bem reto ele vai, formam uma esquadria**. Quem carece, passa o de-Janeiro em canoa - ele é estreito, não estende de largura as trinta braças. Quem quer bandear a cômodo **o São Francisco, também principia ali a viagem (...)**. **O São Francisco represa o de-Janeiro, alto em grosso, às vezes já em suas primeiras águas de novembro. Dezembro dando, é certo. Todo o tempo, as canoas ficam esperando, com as correntes presas na raiz descoberta dum pau-d'óleo, que tem. Tinha também umas duas ou três gameleiras, de outrora, tanto recorde. (...) Lá era, como ainda hoje é, mata alta(...)**. **Saiba o senhor, o de-Janeiro é de águas claras. E é rio cheio de bichos cágados. Se olhava a lado, se via um vivente desses -em cima de pedra, quentando sol, ou nadando descoberto, exato**. Foi o menino quem me mostrou. E chamou minha atenção para o mato da beira em pé paredão, feito à régua regulado. -"As flores:" - ele prezou. (ROSA, 1986, p. 79).

Nesta ocasião da obra - meados da página 79 da edição aqui tratada - entre as outras descrições, seus personagens principais se encontram, os rios se encontram e o fazer geográfico transcende para a arte literária em um descrever que simboliza o romance no

---

<sup>50</sup> Personagens da obra.

rio. O rio (De-Janeiro) é descrito como ainda é hoje, em curso direto-reto até sua foz (Figura 21). A Barra do rio de Janeiro é um pequeno povoado e também o nome em que os ribeirinhos regionais dão aquelas ocupações da foz do rio De-janeiro. Há ainda a existência de duas barras do rio de-Janeiro, uma que fica na margem esquerda, onde estão os ribeirinhos de Três Marias. E outra na margem direita do De-Janeiro que pertence ao município de Lassance. Esta segunda margem se aproxima do povoado de Barro Branco, percorrido nas imersões aqui enveredadas e descritas. Não sabemos se lá as pessoas chamam a margem direita de barra do d-janeiro... Nesta margem, não chegamos. O autor passa pela presença de arbustos que são muito presentes nas ciliares do leito do Alto São Francisco: gameleiras.

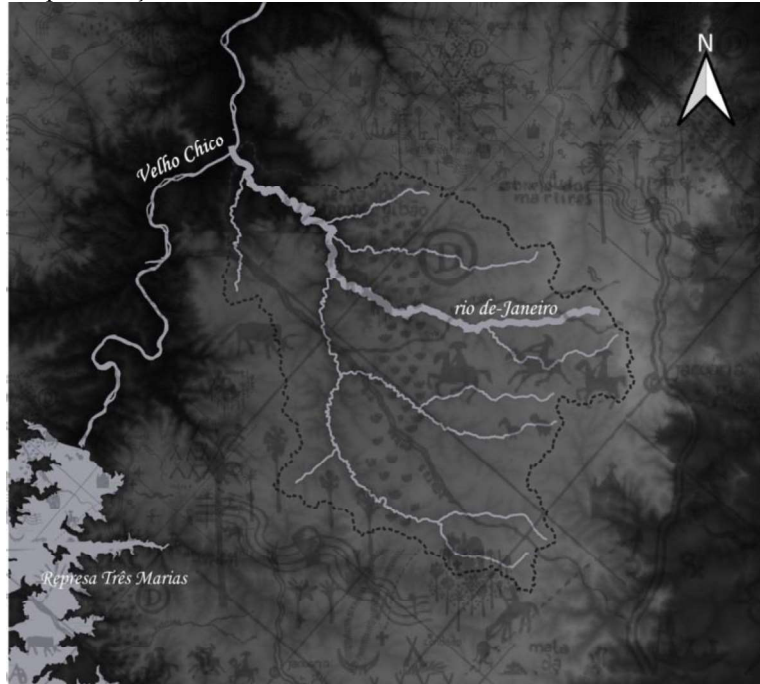
Mostram-se, na obra Rosiana, alguns símbolos reais aos mais distintos leitores do mundo sertanejo. Estes símbolos são de identidade para os povos que vivem nessa porção do rio. Há trechos da leitura, por exemplo, em que ele cita o *caboclo d'água*<sup>51</sup>. As vestes dos personagens da região quente do sertão das gerais ou mesmo o jeito mineiro quieto de se comunicar é expresso na forma de descrever os acontecimentos literários. A paisagem linguística descreve o lugar de forma minuciosa. Mineiridades interioranas, específicas do centro-norte do estado. Em trechos que estão entre as páginas 80, 81, 82, 83 e 84 o autor descreve canções que ainda hoje são cantadas pelos povos ribeirinhos dessa região. E há a canção que foi citada e sempre cantada nessas imersões - “*meu rio de São Francisco nessa maior turvação, vim te dar um gole d'água e pedir sua benção*”.

O hábito de beber água do rio, cantado na música é comum entre os pilangueiros e pescadores locais. Porém, continuamente há alertas regionais de que esse hábito não é mais saudável devido aos rejeitos de minério que estão no rio e a química usada para reequilibrar sua oxigenação na área da represa. Além disso, há vários afluentes urbanos que deságuam no São Francisco. Há constantemente relatos de pessoas que beberam suas águas e tiveram algum tipo de mal estar digestivo. Essas observações foram assistidas e vivenciadas através dessas imersões de campo. De leitor para o leito do rio, percebemos que essa obra é de uma geografia profunda.

---

<sup>51</sup> História de saber regional já citada. Ser que quando aparece pode ser para o bem ou para o mal. Já encantou-levou algumas pessoas pelo rio. No baixo São Francisco se diz Nego d'água. Nessa altura do rio se diz Caboclo d'água e foi dessa forma que Rosa nomeou em sua obra, que coaduna com o trecho do rio.

Figura 21: Representação semiótica da bacia do rio De-Janeiro e sua foz do Alto São Francisco



Fonte: DATUM: SIRGAS (2000); ANA – Agência Nacional de Águas (2022) – Elaboração: Alice Bessa (2022). As ilustrações de fundo foram elaboradas por Poty Lazzarotto e são extraídas da obra Grande Sertão: Veredas da editora Nova Fronteira.

Ainda vamos devanear mais um pouco no caminho Rosiano pelo qual passamos porque essas descrições são parte da mais fiel bibliografia geográfica encontrada sobre paisagens dos lugares por onde estivemos imersos. As diversas madeiras das árvores ribeirinhas, por exemplo, que fazem a densidade de um cerrado de transição que margeia (mata-ciliar) o corpo de rio franciscano; são descrições feitas por Rosa quando reclama o tipo de madeira do barco em que *Rioblado e Diadorim* estavam. Essas espécies vegetais também são comuns na região em que imergimos. Assim, podemos inferir que o diário de campo feito pelo escritor - produção rústica publicada com o nome de *A boiada* - serviu para que o mesmo se mante-se verídico à cultura e as formas físicas das paisagens. Seus tempos, espécies animais, vegetais e sons (paisagem sonora).

Ali estava, com **um chapéu-de-couro, de sujigola baixada**, e se ria para mim. Não se mexeu. Antes fui eu que vim para perto dele. (...) Mas eu olhava esse menino, com um prazer de companhia, como nunca por ninguém eu não tinha sentido. (...) Fui recebendo em mim um desejo de que ele não fosse mais embora, mas ficasse, sobre as horas, e assim como estava sendo, sem parolagem miúda, sem brincadeira - só meu companheiro amigo desconhecido. (...) Disque ia passear em canoa. Não pediu licença ao tio dele. Me perguntou se eu vinha. **Tudo fazia com um realce de simplicidade, tanto desmentindo pressa, que a gente só podia responder que sim; ele me deu a mão, para me ajudar a descer o barranco.** (...) Mas, com pouco, chegávamos no do-Chico. O senhor surja: é de repente, aquela terrível água de largura: imensidade. Medo maior que se tem, é de vir canoando num ribeirãozinho, e dar, sem espera, no corpo dum rio grande (...) (ROSA, 1986, p. 81).

Tive medo. Sabe? Tudo foi isso: tive medo! Enxerguei os confins do rio, do outro lado. Longe, longe, com que prazo se ir até lá? Medo e vergonha. A aguagem bruta, traiçoeira - o rio é cheio de baques, modos moles, de esfrio, e uns sussurros de desamparo. Apertei os dedos no pau da canoa. **Não me lembrei do Caboclo-d'Água, não me lembrei do perigo que é a "onça-d'água", se diz -a aririnha - essas desmergulham**, em bando, e bécam a gente: rodeando e então fazendo a canoa virar, de estudo. Não pensei nada. Eu tinha o medo imediato. E tanta claridade do dia. O arrojo do rio, e só aquele estrape, e o risco extenso d'água, de parte a parte. Alto rio, fechei os olhos. Mas eu tinha até ali agarrado uma esperança. Tinha ouvido dizer que, quando canoa vira, fica boiando, e é bastante a gente se apoiar nela, encostar um dedo que seja, para se ter tenência, a constância de não afundar, e aí ir, seguindo, até sobre se sair no seco. Eu disse isso. E o canoeiro me contradisse: - "Esta é das que afundam inteiras. **É canoa de peroba**. Canoa de peroba e de **pau-d'óleo** não sobrenadam..." Me deu uma tontura. O ódio - que eu quis: ah, tantas canoas no porto, **boas canoas boiantes, de faveira ou tamboril, de imburana, vinhático ou cedro**, e a gente tinha escolhido aquela... Até fosse crime, fabricar dessas, de madeira burra! A mentira fosse -mas eu devo de ter arregalado dôidos olhos. Quietos, composto, confronto, o menino me via. - "Carece de ter coragem..." (ROSA, 1986, p. 83)

O leito de rio descrito por Rosa, também não deixou de mencionar, as variedades e sons das aves locais, que ainda hoje compõem a paisagem sonora nas embarcações que percorrem o rio, como constatamos em campo... O tempo é descrito de forma sazonal na obra. Assim há momentos em que o autor descreve que é o mês de maio; tempo de comprar arroz quem não plantou; ou que o caminho do barco corria em tempos de pós-chuvas (pós-cheia), quando as barrancas se formam em lamaçais. Estas descrições caracterizam os tempos dessa região ribeirinha. Lamaçais que passamos em campo. Tempos em que o rio fica turvo e suas beiras lamacentas (pós-chuvas: entre novembro e maio), demonstrando assim a sazonalidade dessas paisagens que outrora (épocas secas) se mostram com águas translúcidas.

No alto eram muitas flores, subitamente vermelhas de **olho-de-boi** e de outras trepadeiras, e as roxas, **do mucunã que é um feijão bravo; porque se estava no mês de maio, digo -tempo de comprar arroz, quem não pôde plantar. Um pássaro cantou. Nhambú? E periquitos, bandos, passavam voando por cima de nós**. Não me esqueci de nada, o senhor vê. Aquele menino, como eu ia poder deslembrar? Um papagaio vermelho: -"Arara for?" - ele me disse. E - quê-quê-quê? - o **araçará** perguntava. (...) A feiúra com que o São Francisco puxa, se moendo **todo barrento vermelho, recebe para si o de-Janeiro, quase só um rego verde só**. - "Daqui vamos voltar?" - eu pedi, ansiado. O menino não me olhou - porque já tinha estado me olhando, como estava. -"Para que?" - ele simples perguntou, em descanso de paz. O canoeiro, que remava, em pé, foi quem se riu, decerto de mim. Aí o menino mesmo se sorriu, sem malícia e sem bondade. Não piscava os olhos. O canoeiro, sem seguir resolução, varejava ali, na barra, entre duas águas, menos fundas, brincando de rodar mansinho, com a canoa passeada. Depois, foi entrando no do-Chico, na beirada, para o rumo de acima. Eu me apeguei de olhar o mato da margem. **Beiras sem praia, tristes, tudo parecendo meio podre, a deixa, lameada ainda da cheia derradeira, o senhor sabe: quando o do-Chico sobe os seis ou os onze metros**. (ROSA, 1986, p. 80)

Rosa não deixou de representar e descrever, de forma muito orgânica, a cultura barranqueira do Alto São Francisco. Modos de dizer e ser, vestir, perceber, sentir e pensar descritos na obra estão ainda muito vivos na maneira com que essa cultura se faz hoje. Sua leitura é fácil quando colocamos no timbre e ritmo do povo barranqueiro do centro-norte mineiro.

Ai o bambalango das águas, a avanção enorme roda-a-roda - **o que até hoje, minha vida, avistei, de maior, foi aquele rio.** Aquele, daquele dia. As remadas que se escutavam, do canoeiro a gente podia contar, por duvidar se não satisfaziam termo. -"Ah, tu: tem medo não nenhum?" - ao canoeiro o menino perguntou, com tom. -"**Sou barranqueiro!**" - **o canoeirinho tresdisse, repontando de seu orgulho.** De tal o menino gostou, porque **com a cabeça aprovava. Eu também. O chapéu-de-couro que ele tinha era quase novo. Os olhos, eu sabia e hoje ainda mais sei, pegavam um escurecimento duro.** Mesmo com a pouca idade que era a minha, percebi que, de me ver tremido todo assim, o menino tirava aumento para sua coragem. Mas eu aguentei o aque do olhar dele. Aqueles olhos então foram ficando bons, retomando brilho. E o menino pôs a mão na minha. Encostava e ficava fazendo parte melhor da minha pele, no profundo, dêsse a minhas carnes alguma coisa. Era uma mão branca, com os dedos dela delicados. Você também é animoso..." - me disse. Amanheci minha aurora. Mas a vergonha que eu sentia agora era de outra qualidade. Arre vai, o canoeiro cantou, feio, moda de copla que gente barranqueira usa: "**... Meu Rio de São Francisco, nessa maior turvação: vim te dar um gole d'água, mas pedir tua benção** " Aí, o desejado, arribamos na outra beira, a de lá. (ROSA, 1986, p. 84).

Certamente a paisagem se coloca como interseção dos dissecares simbólicos, geográficos, físicos, humanos, históricos; literários que pode abarcar várias dimensões. Podemos pensar essa paisagem num sentido arqueológico e Paul Clavaliano; quando nos propõe que a paisagem do geógrafo transcende ângulos e os cruza em análises. A literatura Rosiana faz parte da arqueologia desta paisagem; que pode se cruzar com outros ângulos de percepção durante a imersão. Reforçando-os, identificando-os ou contradizendo-os.

Precisamos navegar conscientes dessa geografia mundana dos Gerais. Não só através da literatura Rosina, mas tantas outras barranqueiras que não são mundialmente reconhecidas, mas que tem incumbência descritiva. Guimarães Rosa é muito conhecido por trazer profundas frases filosóficas que são percebidas através da observação das simplicidades. O que está claro e nu aos olhos, mas que não desvelamos sem um pouco de arte. Para os autores Draver e Castro, que investigaram as possíveis geografias dessa obra sertaneja:

...os problemas da linguagem unem-se àqueles dos limites, das fronteiras, e dos territórios. Neste sentido, o interesse de Guimarães Rosa pelo tema da geografia não pode ficar desconectado da questão da língua e da linguagem. Tanto num como noutro, o aspecto do real e do imaginário, estão ancorados na realidade

física/metafísica, material/imaterial e real/imaginal (do sertão e do dizer/narrar). (DRAVET e CASTRO, 2020, p.48).

Entre a literatura e a geografia estava a linguagem... Bem, vamos pousar os olhos nas paisagens da imersão que se passava por nós ou que passávamos por ela... Na estrada que seguimos de Três Marias até a Barra passamos por um povoado conhecido ali: por Pedrão. Nesta estrada, na maior parte do tempo, percebemo-nos paralelos à margem direita do rio. A vegetação de alguns quilômetros ocultava a visão das águas, mas, por causa do GPS<sup>52</sup> sabíamos. Seguimos por estrada no mesmo sentido das águas. Em alguns meandros da estrada vimos um cerrado em condição bem seca. A secura era tanta que algumas vegetações haviam sido varridas pelo fogo. Quem vê a mata (Figura 22) de forma isolada nem imagina a proximidade do rio.

Figura 22: O cerrado varrido pelo fogo no caminho da margem direita



Fonte: Acervo Pessoal

A secura e o calor do caminho não são tão possíveis de descrever. Mormaço que não tem saída. O sertão tem disso, faz a gente confundir meia noite com o meio do dia. Faz molhar o corpo de sol. Faz a mente ser refém do corpo. Paramos por algumas vezes, não tínhamos mais água gelada. Passamos mal literalmente... Depois chegamos até a comunidade de Pedrão. O lugar parece não estar ameaçado de ser submerso pela represa. Todos do povoado estavam em um almoço da igreja naquela manhã de sábado. Os vimos de longe e seguimos. Perguntamos apenas se estávamos no caminho certo para a Barra. Teríamos ainda, naquele caminho, a

---

<sup>52</sup> Garmim 60CSX



surpresa de passar pela capela que Manuelzão<sup>53</sup> construiu para sua mãe no cemitério que pertence ao povoado de Silga.

“Ia haver a festa. Naquele lugar – nem fazenda, só um reposto, um currais de gado, pobre e novo ali entre o Rio e a Serra-do-Gerais, onde o cheiro dos bois apenas começava a corrigir o ar áspero das ervas e árvores do campo-cerrado, e, nos matos manhã e noite, os grandes macacos roncavam como engenho-de-pau moendo. Mas, para os poucos moradores, e assim para a gente de mais longe ao redor, vivente nas veredas e chapadas, seria bem uma festa. Na Samarra. Benzia-se a capela – templozinho, nem mais que uma guarita, feita a dois quilômetros da casa, no fim de uma altura esplã, de onde a vista se produzia.” (ROSA, 2001, p. 153).

O sertão já havia feito nossos miolos se confundirem entre o real e o imaginário há muito. E então passar por essa capela e ver a altura *esplã* desse lugar deu arte a nossa realidade. A capela estava como descrita, com um tanto mais de abandono, pois não era a ocasião da festa. Ficamos ali por um tempo, observamos a lapide da mãe de Manuelzão (Dona Quilina). Conversamos um pouco sobre as obras do autor e como elas descrevem os Gerais de forma densa. Estávamos em um lugar (Figura 23) consagrado pela literatura Rosiana dos Gerais. E tudo isso deu força para a travessia de sertão daquele dia.

Figura 23: A Capela construída e benzida em festa por Manuelzão (a da direita)



Fonte: Acervo Pessoal.

<sup>53</sup> Ser que foi inspiração para um personagem na obra de João Guimarães Rosa e que foi conhecido de muitos na região. Manuel Nardi, o Manuelzão, foi amigo de Rosa e personagem no volume *Manuelzão e Miguilim* (2001) do *Corpo de Baile*. No conto “Uma estória de amor: Festa de Manuelzão” presente na obra, Rosa narra uma preparação para a festa de consagração da capela no cemitério de Silga. Um conto de descrição e reflexão sobre a morte. A capela, Manuelzão fez para a sua mãe, Dona Quilina (Rosa Amélia Nardi).

Chegamos no vilarejo da Barra do *D'Janeiro* e observamos suas ruelas batidas de poucas casas bem próximas ao rio. A rua única fazia uma curva orgânica que parecia um caminho de formigas. O lugar estava vazio pela nossa percepção inicial. Nenhum barulho nem sinal de pessoas. Batemos palmas em algumas casas e um menino nos atendeu. Alertou que em dias de sábado as pessoas costumam sair para pescar. Richard é filho de Ana Paula, pessoa que fomos indicados a procurar. Do portão nos contou que seus pais tinham já propostas para a venda da casa por causa da construção da barragem. Eles haviam então feito uma contra proposta e estavam aguardando a resposta. O menino não soube dizer mais sobre. Percebemos que, apesar de não termos conversado com os pais, já estavam de certa forma se dando por vencidos.

Sentamos na beira d'Opará para comer. Sob uma enorme gameleira. Aquela brisa de rio e finalmente paz. Irma Neusa havia preparado uma farofa com carne seca. O alimento é resistente ao tempo e estava uma delícia. Um homem chegou de uma canoa a motor... Enquanto descansava, alguns foram conversar com ele, o Seu José Maria.

Uma casa que parecia ter pessoas se movimentando era próxima de onde estávamos. Era atrás dos sedimentos do rio que bem pareciam uma praia gramada. Decidi ir pedir para usar o banheiro e tomar água. Quando estava lá descobri que a casa era do Seu Zé Maria e estava diante da esposa, filha e mãe do pescador. Todos vieram caminhando para a mesma varanda naquele tempo de cesta...

Inicialmente sentimos uma resistência para o diálogo, mas com o tempo as pessoas da família foram se abrindo. Zé Maria trabalhou como pilangueiro para as pessoas da empresa que estão fazendo o licenciamento da represa de Formoso. A Barra do Rio de Janeiro é próxima de Barro Branco [ver coleção de mapas do apêndice - Região Imersiva II e III] e, quando estivemos por lá, Zé Maria havia sido citado. Por fim, o pescador pareceu se posicionar contra o barramento, mas não acreditou em formas de interrompê-lo. Mauro e Laís conversaram muito sobre os direitos dos povos ribeirinhos, sobre a OIT<sup>54</sup> e sobre reconhecimento das comunidades enquanto povos ribeirinhos... Sua importância.

O senhor Zé Maria e sua família (Figura 24) sempre viveram na Barra do Rio de Janeiro. Comentaram sobre a péssima qualidade dos peixes da represa - *as tilápias de lá são pura amônia*, disse Seu Zé Maria. Também nos trouxe a informação de que a empresa faria ainda mais quatro campanhas de visitas a população das áreas atingidas. Portanto o trabalho

---

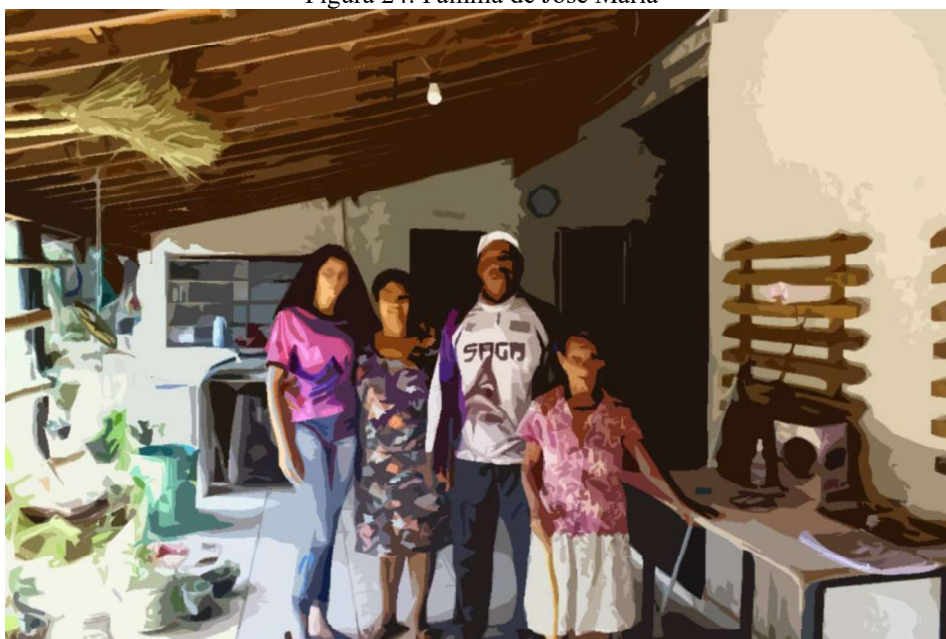
<sup>54</sup> Normas internacionais de trabalho que resguardam direitos de trabalho e reconhecimento das identidades dos diversos povos tradicionais no mundo. O Brasil tem compromisso com essas normas da Organização Internacional de Trabalho.

de licenciamento estava em plena atividade. Confirmou-nos que a mancha de alagamento do novo projeto tem represamento é até o Pontal de Abaeté e que as águas encheriam, mas não ultrapassariam o leito do rio nas áreas à montante do povoado de Pontal. Ficamos tentando imaginar como seria e quais lugares seriam alcançados. Até onde conhecemos apenas o porto Beira Rio de baixo, onde vive Seu Norberto, ficaria ileso da inundação se essa informação ao qual escutamos de alguns ribeirinhos for exata. Ficamos um bom tempo na sua varanda, conversando e tomando água boa gelada. Depois deixamos Seu Zé Maria almoçar no sábado em família e partimos.

Não conseguimos ver a foz do rio de Janeiro. Estava distante ainda em alguns quilômetros de onde estávamos e a tarde já avançava. Sua descrição ficou para a canoa literária ou o *De-Janeiro* de Rosa mesmo. Já passavam das quinze horas e decidimos mesmo partir para ir parando nas comunidades que planejamos.

Passamos em algumas comunidades que almejávamos, mas todas estavam vazias. Sábado é dia de rio, dia de pesca! No povoado de Escadinha encontramos um bar aberto onde o Senhor Eustáquio, dono do bar, confirmou que todos estavam no rio a pescar... Disse que vive na região há aproximadamente quinze anos e que no povoado há cerca de doze famílias. Caminhamos um pouco por lá. Lugar bonito. As cores vinho das flores das sucupiras faziam um tapete belo no chão cor laranja típico das épocas secas. O retorno foi mais tranquilo pelas estradas do sertão.

Figura 24: Família de José Maria



Fonte: Acervo Pessoal

Ao chegar à mancha urbana de Três Marias, lembramos ainda de passar no *Beira Rio de cima*. Assim que atravessamos a ponte, viramos em um bairro a nossa esquerda. Também um lugar mais urbano em São Gonçalo do Abaeté, na divisa com Três Marias. Havia uma pescadora ao qual fomos instruídos a procurar em Pontal do Abaeté. *Beira rio de cima* fica a montante do *Beira rio de baixo*, na margem esquerda de Opará. Lá conhecemos Dona Remilda que estava se despedindo dos filhos e netos após um dia de sábado em família.

Dona Remilda (Figura 25) se mostrou uma mulher forte. Pescadora há mais de cinquenta anos. Levou-nos até sua varanda e nos contou um pouco de sua história de vida. Muito sábia e lúcida. Sustentou sua família e construiu sua casa com o que o rio lhe deu, como nos disse. Com o tempo e as mudanças do rio passou a trabalhar mais para os turistas da região. Assim, readaptou a forma de se sustentar. Demonstrou saber sobre a barragem de Formoso e com muita indignação disse considerar um absurdo com o próprio rio, animais e pessoas que vivem nas margens dele. Perguntou sobre proteções ambientais e como isso deveria ser a forma de nos salvar desses empreendimentos desumanos.

Disse-nos que ficou sabendo que a represa chegaria até *Cachoeira Grande*, um lugar que fica à montante de Pontal do Abaeté, mas à jusante da *Beira rio de cima*, onde estávamos. Portanto, imaginava que estava assegurada de relocações. Mas Dona Remilda sabe que a região se mantém com peixes endêmicos e que o barramento geraria prejuízos imediatos. A pescadora vende muita isca em forma de peixes pequenos (*pirá e mandi*) para os pescadores esportivos tanto na represa quanto na área a jusante. Mas esses peixes-iscas são endêmicos e não se encontram na área da represa. Ela demonstrou compreender a força do turismo no lugar e a implicação que ele tem na vida de sua família e dos outros povos e pescadores ribeirinhos da região. O represamento das águas a jusante inviabilizaria sua forma de trabalho e sustento.

Os impactos da mineradora, Nexa, também foram assuntos dos nossos diálogos. Remilda especificou que haviam boatos de que em tempos de cheia a barragem de rejeitos da mineradora era também um risco para a região e, portanto, haviam implementações de sirenes de alerta e planos de fuga. Seu relato demonstrou os conflitos locais que estão além do conflito que envolve a construção da barragem de Formoso. Não alugamos muito o fim de sábado da pescadora. Partimos de um dia bem cansativo, mas voltamos cantando. Na noite do rancho a luz da lua beijou o rio em uma cena inesquecível que cercava a mesa onde descrevia o dia. Lugar de uma beleza de rio correndo noite-dia que não queremos que deixe de existir.

Figura 25: Pescadora Remilda



Fonte: Acervo Pessoal

***O dia no Pontal do berçário.***

*[26 de setembro de 2021]*

No domingo, acordamos um pouco mais tarde, por volta das sete e meia. Amanhecer no Pontal do Abaeté pede um pouco de devagarinho ao tempo. Durante o café da manhã, o Senhor Vando passou por nós e então o pegamos de prosa. Talvez ele seja um pescador que retrata bem a comunidade de Pontal. Trabalha zelando pelas casas dos rancheiros que não vivem por ali. As casas mais próximas das margens são praticamente todas desse tipo de rancheiro. Mas, as que estão nas outras ruas e até mesmo do outro lado da rua da margem são de pessoas que vivem ali e dali. São onde vivem os pescadores e prestadores de serviço para o turismo e os rancheiros. Sem os rancheiros, o povoado tem aproximadamente sessenta famílias nativas. Mesmo os cozinheiros, donos de comércio, barqueiros e pescadores hoje vivem em função do turismo e, portanto, dos ranchos que são alugados para esses.

Vando estava animado. Quando contamos que passamos pelo cemitério de Silga ele revelou que conheceu Seu Manuelzão. Disse que este era uma figura muito engraçada. Também nos contou que se curou de um câncer recentemente. Segundo ele a doença se acomete em outros moradores da ilha e há muitos casos. Ele atribui isso à contaminação do rio que pode estar ligada a Votorantim (hoje chamada Nexa) e aos outros impactos da mineração em toda a bacia. O peixe é o principal alimento da ‘península’ e os metais pesados estão presentes nos peixes de tempos em tempos de acordo com os sedimentos da cava no rio. Ele disse que depois das cheias é um perigo pescar, pois descem toneladas de peixes

“*abobados*”. Os pescadores pescam com facilidade usando em vendas, mas também em consumo próprio para não perder tanta fartura.

Entre conversas que iam e vinham nos relatou uma técnica de pescar peixes grandes que se chama *Curricá*. Para isso é necessária uma “*Cuié*”... - “*Já viu uma Cuié de Curricá*”? Até então tudo parecia uma linguagem completamente recente para mim. Ele explicou:

*“Cuié é uma isca de prata com o formato de um peixinho... Debaixo d’água essa isca brilha muito e chama atenção dos peixes grandes. Mas quando eles abocanham a cuié o motor precisa ajudar a levar o peixe grande no barquinho. É preciso rapidamente acelerar o motor... É essa aceleração que garante o pescado. Ai quem ta segurando o anzol precisa dizer “Curricá!!!”. Então o pilangueiro precisa ser ligeiro e pescar junto.”* Seu Vando de Pontal.

Depois dessa explicação percebi que pilangueiro não é apenas quem pilota um barco pequeno a motor... É quem pesca junto. Nossa manhã foi muito agradável e começou cedo com as histórias de Seu Vando (Figura 26). Após o café fizemos uma caminhada pelo Pontal. A casa que estávamos era bem perto da ponta da península e então começamos por lá. Pegamos uma trilha e enfim chegamos ao ponto em que a foz pode ser observada de perto por terra. De lá constatamos que mais parece um encontro de rios do que um rio se despejando em outro. A vazão é parecida. Desse ângulo também não vimos diferenças. Não é notável cor diferente entre eles. Talvez fosse importante entrar para sentir a temperatura. Na foz do ribeirão Formoso, como a vazão é menor e a altura rasa; é possível sentir a diferença da temperatura das águas do afluente e do curso principal. As águas do ribeirão parecem águas de vereda de tão frias... E as do Opará: mais quentes.

Figura 26: Seu Vando e suas netas



Fonte: Acervo Pessoal.

Onde estávamos era muito belo e a grandiosidade daquele lugar é reconhecida pelos ribeirinhos que vivem nele. De lá fomos seguir nosso roteiro de passar pelas casas convidando as pessoas para a reunião que seria na parte da tarde daquele domingo. Encontramos muitas pessoas que negavam acreditar que isso estava de fato ocorrendo. A todos avisava que somos contra a construção da barragem, mas muitos diziam que isso é uma história antiga que não aconteceu e nem vai acontecer.

Esperamos que eles estejam certos, que o projeto não ultrapasse o licenciamento e que a usina seja retirada do plano energético nacional de 2050. Depois de caminhar, paramos um pouco no comércio de Dona Anilta. Tomamos água no ambiente. Um lugar com paredes verdes e onde estavam algumas mesas com pessoas conversando na esquina de duas finas ruas de chão seco. Falamos sobre a reunião com todos que ali estavam. Anilta se aproximou e conversou um pouco conosco.

A Senhora Anilta (Figura 27) também é pescadora e no seu comércio vende peixes. Contou-nos como o rompimento da barragem no Paraopeba influencia negativamente suas vendas. *“O turista ficou desacreditado do peixe, perguntando a procedência e desviando ou comprando bem mais barato do que o valor anterior.”*. Anilta também relatou sobre alguns casos de violência contra mulheres em Pontal. A península é uma área ribeirinha rural e, de certa forma, distante da cidade. A vida das pessoas é intensamente ligada ao rio e as consequências dos inúmeros impactos ao rio reverberam nos entremeios da vida cotidiana das pessoas. Os casos estão se agravando assim como os problemas do rio.

Estar ali foi perceber mais ainda que o risco de Formoso é um dos riscos. A população de Abaeté, que vive na jusante imediata da represa de Três Marias esta constantemente ameaçada também pela mineradora Nexa<sup>55</sup>; pela proximidade das turbinas e do lago da represa com desequilíbrios químicos. Além disso, há as consequências de outros impactos evidentes na bacia. Todas essas condições de ameaças interferem nos modos de vida e humores desse povo ribeirinho e a complexidade dos conflitos que assolam Pontal é grande. Dona Anilta também nos alertou sobre a quantidade de casos de câncer que surgiram na última década na península. Condições de insalubridade que já haviam sido expostas por Seu Vando na manhã por Pontal.

---

<sup>55</sup> Recentemente com as cheias das águas a mineradora desapropriou alguns moradores que corriam risco direto.

Figura 27: Dona Anilta (de branco) e sua nora



Fonte: Acervo Pessoal.

Seguimos a caminhada sem entrar na casa das pessoas naquela manhã de domingo. Encontramos com o Senhor Joaquim em seu quintal. Em pouco tempo de prosa ele nos contou que na enchente de 1979 viu tudo que havia construído ir embora do alto de uma árvore. Alertou-nos que talvez houvesse missa e as pessoas poderiam se ausentar da reunião por isso. No caminho ainda conversamos com duas pessoas que relataram estar passando por algum caso de câncer na família... Realmente para a quantidade de famílias que há no povoado é um número alto os casos que ficamos sabendo através de poucos encontros.

Antes de ir almoçar fomos ao porto principal de Pontal do Abaeté. De lá se miravam muitos aguapés nas margens do Opará. Colocamos os pés um pouco na água. Aquele lugar guardava um silêncio de rio em dia de domingo... Na paisagem do rio duas mulheres sentadas em uma canoa velha ancorada na margem estavam conversando.

Almoçamos e seguimos para uma última reunião dessa imersão. Depois do almoço uma cesta bem dormida quase nos fez perde a hora. O encontro foi no rancho de Senhor Nelinho que pareceu uma pessoa muito respeitada no local. Minutos antes de começar, o vimos rodando o povoado em uma bicicleta; chamando todos para o seu quintal na beira do rio. O lugar é aconchegante com muitos quadros e objetos rústicos. Havia um balanço na gameleira e as crianças já estavam brincando nele quando chegamos. Depois de algum tempo contemplando o lugar, as pessoas chegaram para nossa roda de conversa...

Inicialmente apresentamos o coletivo e também um pouco do histórico desse projeto de barramento. Havia uma preocupação em deixarmos claro que o processo de licenciamento estava novamente em curso já que muitos moradores de Pontal estavam negando que isso



acontecera. Algumas indagações sobre “ser ribeirinho” e o que isso significa afloraram das pessoas. Possivelmente a maioria dos seres que encontramos nas imersões não se identifica como ribeirinhos, apesar de viverem no/do rio. Essa questão ficou no ar. Mauro que é cientista social conversou um pouco sobre esse reconhecimento e como ele é importante para resguardar os territórios. Fiquei pensando nessa identidade em comum de todos os que conhecemos lá e em outras imersões: a relação cotidiana e de sobrevivência com o rio. Não consegui nomear essas pessoas de outra forma que indique tal identidade... Talvez, barranqueiras? Havia também uma diferença nítida entre os beiradeiros dessa altura do rio e os que conhecemos nas outras imersões. Talvez as circunstâncias de ausência de plantio vazante e de trabalho primordial com o turismo tenha afastado um pouco essas pessoas dos signos barranqueiros. Mas, conheciam a música.

De todos os diálogos que trocamos naquele lugar ficou evidente que o rio Abaeté é reconhecido pelo povo que vive ali como um grande e sagrado berçário. Em vários momentos ele foi enaltecido. Por vezes era comparando ao São Francisco. Outras como berçário ou como salvador das pessoas que ali vivem. Afinal, os impactos que Opará sofre não atingem diretamente o afluente tão próximo e de dimensão parecida. Portanto, há alento em viver próximo dos dois grandes cursos correntes. O rio Abaeté se mostrou imenso e muito belo, mas ficou ainda maior e mais bonito a partir das falas e reconhecimento das pessoas que estiveram na reunião. O Abaeté foi o que salvou Pontal do represamento à montante, e de outros impactos. Não há como não amá-lo e percebê-lo como sagrado afluente de Opará.

Ao aproximar das despedidas uma criança chamada Isabela, neta de Seu Vando, me chamou e disse que ela iria crescer e se tornar uma defensora de Pontal do Abaeté. Dos rios que o cercam e de todo o mal que sempre fazem contra eles. Bem, se nada disso funcionar pelo menos teremos Isabela lutando pelo rio. Que junto dela tenham outros tantos...!

O turismo elevado na ilha do Pontal pode justificar a especulação imobiliária da Ilha do Coqueiro nas proximidades de Pirapora. Recentemente os preços das terras na ilha subiram e muitos terrenos foram vendidos. A Ilha é parte jusante próxima das turbinas do projeto de barramento de Formoso. Há toda uma busca imobiliária se consolidando nessas áreas. E isso divide as pessoas que vivem no/do rio. Principalmente as que não sabem que a pesca depende muito da área que será represada por serem áreas de berçário e de reprodução de peixes. Há ainda, quem sabe disso tudo, mas, coloca o individualismo acima da noção de comunidade nas áreas ribeiras. Talvez essa seja a chave das interações ou desintegrações entre essas pessoas. O modo como estão em cultura no mundo. Modo comunidade ou modo individual.

Pontal é um lugar muito confortável para visitas. Fomos acolhidos da melhor maneira na península ribeira. A mancha de inundação divulgada nos autos do processo de licenciamento da Usina de Formoso encobre toda a península. Estar nesses lugares e depois imaginar que essas paisagens podem simplesmente não existir provoca uma espécie de angústia enquanto ser que caminhou o lugar; proseou o/no lugar e participou de diversos encontros no lugar. Quem o vive certamente sente um desmoronar de vida. É como seu Joaquim disse: Ver a água levar tudo que construiu na vida de cima de uma árvore. Só que não haverá árvore e nem rio correndo. Apenas água represada. Mesmo diante desses riscos, partimos de lá com esperança. Acreditamos que esse projeto pode ser interrompido.

Aqui não se findam as imersões no trecho em ameaça. Depois dessas, houve outras viagens coletivas. Mas a partir daí o coletivo Velho Chico Vive saiu de um lugar de reconhecimento de pessoas e territórios para a ação, ou imersões com formato mais interventivo nessas mesmas áreas e a jusante. O fenômeno de encontros se transcendeu em ações comuns. Houve, a exemplo, um grande encontro que reuniu pessoas de todas as comunidades transcritas nessas imersões. Aconteceu no outono de 2022 em Pedra de Santana. Este encontro foi facilitado pelo *Coletivo Margarida Alves*<sup>56</sup> com apoio do Fundo Brasil<sup>57</sup>. As águas desse trecho do rio ainda correm e esperamos vê-las correr sempre.

---

<sup>56</sup> Coletivo de assessoria popular no campo dos direitos humanos, formado por mulheres.

<sup>57</sup> Instituição que constrói mecanismos inovadores e sustentáveis que canalizam recursos para fortalecer organizações da sociedade civil e para desenvolver a filantropia de justiça social.



## II. Surgências d'água

*Não se entra duas vezes no mesmo rio.  
(Heráclito)*

Há rio dentro de cada um. Decerto por isso, alusões a características humanas para descrever cursos d'água são invocadas com frequência na literatura. Elas foram feitas por Shama (1996)<sup>58</sup> nas alíneas de sua obra, expondo os leitos dos rios como veias e artérias da Terra. 'Correntes sanguíneas' e 'fluxos de consciência' são parte de sua poética que traduz a relação profunda que o ser humano tem com as hidrografias terrenas. Encadeamentos que além de fisiológicos alcançam o plano da psique através das memórias de paisagens. A simbologia do rio, num dicionário de símbolos<sup>59</sup>, perpassa os mais antigos pensadores como Heráclito e Platão. Os significados desses cursos d'água para diversas culturas nas considerações alcançadas pela obra simbolizam sempre "a existência humana e o curso da vida, com a sucessão de desejos, sentimentos, intenções e a variedade de desvios" (CHAVELIER, 2019). O rio esta em expressão falada assim como sua temperatura atua nos ventos que tateiam as peles dos habitantes de suas planícies.

O rio São Francisco não corre despercebido nas expressões culturais populares. Seus fluxos são roteiros para as prosas cotidianas das pessoas que habitam sua planície, na cidade de Pirapora, mesorregião norte de Minas Gerais. Ainda que os passos desses seres os guiem ao mercado para comprar coentro, pimenta de cheiro, cachaça de Januária (MG) ou baru torrado; os encontros estão sempre cerceados de fluências d'água: – *Opa, você viu como ele esta baixo? – Choveu até, achei que iriam soltar mais águas da represa, moço!* Caminhar observando esses encontros é notar o quanto os dizeres d'águas do Velho Chico<sup>60</sup> são presenças. Ainda que os piraporenses tenham vivências culturais que correspondem aos modos urbanos de existência; o elo com as águas que correm neste leito barranqueiro é evidente até para um transeunte forasteiro. Nas entradas dos mais tradicionais lares há comumente uma carranca como as que espantavam mau agouro nas proas das velhas embarcações. Nos dizeres mais frequentes e populares, alertam sobre o caboclo d'água; são saudosos com os tempos das embarcações a vapor<sup>61</sup> e alguns difundem que entre a meia noite e às duas da manhã o rio cessa de correr por uns segundos. Dizeres estes que aguçam os ouvidos, o respeito e as memórias simbólicas regionais de rio. Para Oliveira (2009), as vozes dos vaporzeiros (antigos pilotos das embarcações a vapor) são como a continuação dessas

---

<sup>58</sup> A obra foi escrita em 1945 e traduzida para o português brasileiro em 1996 pela Companhia das Letras.

<sup>59</sup> Foi publicado originalmente na França em 1969 e sua 33ª edição brasileira de 2019 se encontra nas referências deste documento.

<sup>60</sup> Modo como o rio é popularmente chamado.

<sup>61</sup> Desde o séc. XVII o Rio São Francisco foi principal fonte de comunicação entre os estados que ele percorre. Entre 1900 e 1950 este rio teve a maior parte de suas atividades ligadas aos barcos a vapores entre Juazeiro na Bahia e Pirapora em Minas Gerais (PEREIRA, 2021). A construção da hidrelétrica de Três Marias, junto à infraestrutura rodoviária que este empreendimento estabeleceu esta entre as principais causas do fim destas embarcações de acordo com Pereira (2021).

águas em travessias de rio e vida; em memórias. Mas este rio, que não é mais navegado por grandes embarcações, não está morto. Basta imergir nas geografias cotidianas de seu leito em trechos sem contenções para perceber que há longas porções de vida e readaptação natural em suas margens.

Depois de um tempo que estive em imersão e vivências por Pirapora - que foi moradia entre 2019 e 2021 - alguns pleitos surgiram. Nascentes distantes do que vem a ser o curso principal destas descrições, porém fontes precursoras. As indagações surgiram, sobretudo, de um olhar urbano - belo horizontal - onde a maior parte da rede hidrográfica é encanada. Sendo o rio parte do cotidiano dos habitantes apenas quando transborda ou quando exala odores. Por que há presença expressiva tão forte de percepção simbólica do rio nos habitantes de Pirapora? Essas seriam expressões de qualquer comunidade que esta em planície ribeirinha? Isso significaria a cultura barranqueira<sup>62</sup>? Seria uma herança dos Cariris ou de outros povos originários que habitaram a região? A presença desses povos originários parece ressurgir nos traços étnicos dos habitantes de Buritizeiro (MG) – extenso município; situado à margem esquerda do Rio São Francisco e com o centro urbano em paralelo próximo à mancha urbana de Pirapora. Ou seja: o outro lado do rio.

Seria essa ancestralidade indígena fator que impulsiona a percepção de rio? A luta contra a transposição do rio, em meados de 2007, pode ter favorecido que estes povos culturalmente reconheçam o rio com mais veemência? Essas indagações certamente conduziram a abordagem da geografia cultural e por tratar de percepção - do limiar sensível de significados e signos expressivos - afluíram pela dimensão humanística, fenomenológica e, por vezes, além de representacionais na geografia.

Apesar destas diligências não serem a coluna dorsal das descrições dissertativas aqui, conduziram ao caminho perspectivo deste trabalho. Evidencia, sobretudo, que as primeiras inquietações já estavam relacionadas com uma abordagem da ciência que parte dos seres humanos para a natureza - presente em territórios com história marcada pelo curso de um rio. Ou, da natureza deste rio para os seres humanos. O rio que passa pela cidade levou às indagações pela cidade que passa no caminho do rio. Pirapora com seu histórico de travessia de imigrantes nordestinos para o sudeste foi o primeiro ponto de partida para esta pesquisa. Lugar onde a paisagem do rio São Francisco é matriz<sup>63</sup> de traços culturais evidentes. Mas... O

---

<sup>62</sup> Esse signo foi discutido com profundidade no capítulo anterior. Atualmente existe um projeto de lei (nº3716/2022) para que a cultura barranqueira seja reconhecida no município de Pirapora (MG).

<sup>63</sup> O sentido de paisagem matriz é extraído do artigo de Augustin Berque (1998). De forma simplificada significa a paisagem como o que funda os modos de ser e estar culturais.

que seria esse rio tão presente na cultura popular local? Outrora, este rio fora chamado de Opará por povos originários, como Siqueira (2007, p. 2) esclarece;

Costuma-se traduzir o nome original indígena do Rio São Francisco – “Opará” – por “Rio-Mar” simplesmente. Um bom dicionário jesuíta de Tupi, que tinha Dom José Rodrigues de Souza, bispo emérito de Juazeiro, grande lutador do povo de Sobradinho (a quem aqui rendemos homenagens, nessa memória de 30 anos da barragem e de suas lutas), dizia que “Opará” é rio “sem rumo definido, de limite incerto, errático”. Como em quase todos os topônimos brasileiros de origem indígena, é perfeito. Assim era o “Opará”, batizado São Francisco no dia do Santo em 1501, pelos navegadores Américo Vespúcio e André Gonçalves. Assim era antes das barragens, hidrelétricas e canais de irrigação e do interminável “ciclo do desenvolvimento” contra o povo. O ciclo natural de cheias e vazantes, altas e baixas, grandes e pequenas, fazia jus ao nome de um rio.

O rio Opará<sup>64</sup> não foi ileso ao desenvolvimento predatório proveniente de diferentes partidos e lideranças políticas, como podemos ler sobre, nesse trecho da fala de Siqueira (2007). Desde sua ocupação, a dinâmica da bacia sofreu inúmeras intervenções que colocam como incerta a sobrevivência de sua vazão. Seguindo esse modelo de dominação das paisagens naturais, cavas de mineração fazem parte da história e da atualidade da bacia; situadas nas coberturas geológicas e geomorfológicas dos topos de morro sobre o Cráton São Francisco. Imagens de satélite desta bacia sedimentar demonstram um verdadeiro campo minado de ocupações que são daninhas ao rio. Uma simples busca por essas imagens raster da bacia do rio Opará evidenciam extensas monoculturas, pivôs, represamentos das águas, erosões, manchas de ocupações desordenadas e feridas minerárias. De 2013 até 2019 fortes tempos de secas assolaram a história do rio. Acarretando incapacidades técnicas dos empreendimentos hidrelétricos e, entre outras consequências, levando sofrimento à população ribeirinha.

No correr das águas que me levavam a pensar sobre a descrição dessas paisagens, mais uma ameaça de interferência no curso d’água principal da bacia do Opará se evidenciou – foi e será tradada dentro em breve. Como nos tempos de chuva que turvam as águas, outras cores foram sedimentadas na pesquisa, mas esta não se distanciou das relações seres-natureza que minaram nas nascentes da busca. As percepções ser-natureza se encontraram com um tempo de risco, onde as paisagens bruscamente podem se modificar para as comunidades ribeirinhas. O epicentro da interferência está no Alto São Francisco<sup>65</sup> - Entre Três Marias e Pirapora – e, em decorrência, arriscam-se as dinâmicas naturais e sociais de toda a bacia hidrográfica.

---

<sup>64</sup> A partir da citação feita acima justifico a utilização desse nome nesse manuscrito pela raiz desvestida do rio. Um símbolo na forma filológica de palavra que pode ter sido proferida por povos originários. Nome que leva uma entidade reconhecida por outras cosmologias religiosas. Em licença dessas sacralidades, que são também poéticas, o nome do rio é Opará e aqui é referido como São Francisco quando houver necessidade sintática.

<sup>65</sup> Denominação de regiões do rio Opará. O Alto São Francisco é uma região mais próxima da nascente principal do que o médio e o baixo São Francisco. O rio dessa regionalização corre no estado de Minas Gerais.

As descrições se recortaram para meandros do rio que sofrem ameaça de uma nova interferência de represamento. Então nos atentamos às renovadas surgências de problemas na pesquisa. Que rio é esse depois de tantas interferências e diante de mais uma? Quais seriam as percepções de rio diante das ameaças de interferência que o mesmo sofre? Qual é a relação dos povos beiradeiros e o rio, sendo habitantes de uma mesma paisagem em risco? Que reações as pessoas que habitam essas paisagens em iminência expressam quando diante dessa situação de ameaça? Que paisagens são essas e quais os signos e símbolos elas revelam? Os conhecimentos empíricos de cheias e vazões das antiguidades do rio Opará desapareceram junto às gerações de pessoas que conheceram suas dinâmicas naturais? Se a água doce é um recurso que proporciona a vida na Terra porque os estudos de suas dinâmicas naturais podem ser extintos junto à construção de diversas interferências aos leitos naturais dos rios? Adiante das perguntas o que fica evidente é que o poder de ocupação cultural do leito de uma bacia hidrográfica está nas mãos dos seres que dominam as áreas montantes do rio.

A busca pela percepção ribeirinha em expressões culturais, nas descrições, se moldou a partir do contexto recorrente na história das bacias hidrográficas brasileiras. Contexto de dominação dos recursos naturais em nome de um ‘desenvolvimento’ ou dominação que não se direciona as comunidades que vivenciam esses lugares ou às dinâmicas naturais da hidrografia. Neste caminho temos como mirada a assimilação desse curso principal; do caminho estrutural de risco que sofre os povos comunitários que beiram um rio em iminência e, almejaremos desse partir, chegar próximos da dimensão paisagem-rio de cada um. Dimensão que por falta de rumo definido do rio Opará, passou a perceber os fenômenos que podem se externar na condição de ameaça às vidas das beiras do rio.

O fio d’água da relação entre os seres humanos e o que vem a ser essa natureza de rio para cada ser envolvido continuou a fluir das nascentes desta pesquisa humanista. O curso principal da dissertação, entretanto, foi atravessado por um meão no tempo-espaco, que anuncia interferência na vida dos povos comunitários, nas paisagens da bacia e nas suas dinâmicas hidrográficas. Portanto, as imersões e descrições do percurso na pesquisa meandram entre os significados e as organicidades para além das representações que orbitam nas relações seres-rio. As surgências d’água dessa pesquisa alcançaram intenções ou fins (desejos para uma foz reflexiva) que permearam as correstes descritivas.

Mesmo com a riqueza cultural dos povos que vivem os rios, os impactos socioambientais, a importância das dinâmicas naturais das águas e a biodiversidade que envolve esses sistemas, o avanço de grandes intervenções-empreendimentos persiste. De

frente a uma transição de geração energética no Brasil<sup>66</sup> que enxerga a insustentabilidade atual dessa exploração que intervém de forma intensa aos rios, ainda considera-se a construção de mais barramentos no leito do rio Opará. O discurso de desenvolvimento se torna escudo para essas ações escoltadas de diferentes ideologias políticas. Um claro e recente exemplo disso foi a construção da Usina Hidroelétrica de Belo Monte, onde mesmo sem condições físico-ambientais e humano-sociais para licença da obra; e diante da ampla divulgação feita pela mídia nacional de mobilização contrária, a operação seguiu deixando rastros de dor aos povos originários e de desequilíbrio a natureza do rio Xingú (PA).

Em uma mesa redonda virtual do VII Congresso em Desenvolvimento Social: Saberes e direitos em disputa; Antônia Melo, liderança fundadora do Movimento Xingu Vivo Para Sempre (Altamira, PA), expôs sua narrativa sobre a realidade psicológica dos jovens que foram realocados pela UHE Belo Monte. A condição retratada mostrou suicídios e doenças psicológicas associadas às mudanças nos percursos de vida. É como se o percurso do rio estivesse tão entrelaçado ao percurso dos seres humanos que habitam suas margens que conter significasse conter os corpos das vidas humanas que ali estão. O dossiê dessa construção que entrou em operação em 2019 demonstra que mesmo diante de uma luta articulada entre a sociedade civil, os movimentos políticos e a ciência, o empreendimento seguiu e causa ainda inúmeros danos aos atingidos.

Não precisamos ir tão longe já que em nosso caminho imersivo encontramos pessoas que contaram histórias sobre parentes próximos adoecidos pela distância do rio; ou pelo abrupto arranque de seus modos de vida<sup>67</sup>. São diversas histórias sociais trágicas que envolvem o processo de construção de hidroelétricas. Poderíamos ainda nos ater à prostituição que é consequente das nuances do enredo desses empreendimentos; ou à diáspora indígena do povo Guarani, desencadeada pela construção da hidroelétrica de Itaipu em Foz do Iguaçu. Essas reverberações são raios crescentes do impacto social que um núcleo de grande alteração nas paisagens pode causar. A dimensão do ato alcança os atingidos antes mesmo de se estabelecer, através do medo, da ameaça, da incerteza.

Em *Paisagens do Medo*, Yi-Fu Tuan, ao refletir sobre o alimento caçado por esquimós, traduz que estes não sentem medo da presença dos grandes animais a serem caçados, já que são alimentos escassos. O medo sentido é o medo da incerteza de não haver o alimento. Segundo o autor “... a incerteza é uma forma mais estressante de medo do que os perigos físicos que podem ser evitados com habilidade” (TUAN, 2005, p. 83). O que sente os

---

<sup>66</sup> Investigações para alcançar o que está nesta frase estão na parte de mergulhos contextuais deste documento.

<sup>67</sup> Refiro-me a Dona Ilza de Pedra de Santana e a história de seu pai.



atingidos por um empreendimento de grande porte, que esta em fase de licenciamento é proveniente de incerteza.

Incertezas se estarão nas suas casas nos próximos tempos; se devem continuar produzindo nas terras onde vivem; se seus lares serão fundos de reservatório; se vão passar a viver de um modo completamente diferente ao que vivem; se continuarão vivendo de pescados, de plantio, de turismo ou se terão de reiniciar a vida em outras terras em breve. Se haverá reassentamentos, indenizações; se enfrentar o empreendimento pode impedir seu avanço; para onde se deslocariam ou se tudo isso é só um susto e não avançaria da fase do licenciamento. Sentimentos estes que conduzem ações ansiosas aos passos desses seres humanos. Durante o enfrentamento, a construção da hidrelétrica de Itaparica gravada pelo audiovisual da TV VIVA que será citado em breve no mergulho contextual às intervenções do rio, um atingido expressou o que esse parágrafo traz em uma frase sucinta: - “*Essa dor de não saber para onde ir*”.

Nas ramificações das vivências, pesquisas e descrições foi possível entender que o empreendimento que está em fase de licenciamento assombra os atingidos há muitos anos. O projeto da UHE Formoso se iniciou na década de 1980 do século XX. Entretanto, a criação da lei de nº10.629 de 16 de janeiro de 1992, transformou o trecho à jusante do barramento de Três Marias em área de preservação permanente. A estatal CEMIG<sup>68</sup> que havia realizado os estudos de viabilidade técnica renunciou o projeto; levando empresas privadas a desenvolverem a articulação. Segundo o portal do Programa de Parcerias e Investimentos (PPI)<sup>69</sup>:

A legislação pertinente foi alterada por uma série de normas até que em 2018, o Decreto Estadual nº 47.369, de 6 de fevereiro de 2018, incluiu a geração de energia elétrica, como uma das tipologias passíveis de serem desenvolvidas no trecho do rio compreendido entre a UHE Três Marias e a cidade de Pirapora (MG) (BRASIL, 2020).

Desde o decreto federal que divulgou o apoio do PPI, em 2020, o processo de construção da UHE Formoso se reacendeu para a fase de licenciamento ambiental. A empresa privada responsável conduz, nos tempos atuais, ações de pesquisas na região do preenchimento do reservatório. O coletivo *Velho Chico Vive*<sup>70</sup>, fez, em consequência da ameaça, imersões de campo, que respeitaram os protocolos dos tempos pandêmicos, para conhecer e informar sobre o decreto às comunidades que ocupam as áreas a serem atingidas

---

<sup>68</sup> Companhia Energética de Minas Gerais

<sup>69</sup> PPI, programa de apoio a UHE Formoso anunciado pelo Decreto Federal de 22 de maio 2020.

<sup>70</sup> Coletivo de pessoas contra empreendimentos insustentáveis ao rio, presentemente atuando contra a construção da UHE Formoso.

pela represa. As descrições do capítulo I foram elaboradas durante essas imersões de campo, junto ao coletivo. O caminho desses encontros revelou diversas reações dos atingidos a montante do possível barramento na área que está em ameaça de represamento. Das comunidades por onde passamos se afloraram relações com o rio; paisagens e os modos de viver das pessoas que encontramos. Sobretudo, afloraram incertezas sobre o empreendimento.

Há forças desiguais de contenda nestes conflitos. De um lado, grandes empresas, por vezes multinacionais, experientes na desocupação compulsória dos espaços. De outro lado, há a liberdade frágil das dinâmicas naturais e as comunidades vulneráveis economicamente e também no sentido de muitas vezes não serem, inicialmente, organizadas para enfrentarem tais riscos que assolam seus modos de relacionar com a natureza em suas territorialidades.

E então, o augúrio de mudança intransigente para comunidades, pessoas, bichos, plantas e dinâmicas naturais nesse espaço do alto rio Opará está delatado. Considerando o nível de risco para a natureza e as pessoas encontradas no fluxo dos caminhos percorridos durante as imersões de campo. Sendo assim, estas imersões se justificam como ações e a forma de expressões descritas ocupam uma materialidade do lado mais frágil da oposição, o lado da natureza, dos povos e de suas relações em fluxo.

### **Meandros metodológicos**

*Mas o Tejo não é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia  
Porque o Tejo não é o rio que corre pela minha aldeia  
(...)  
O rio da minha aldeia não faz pensar em nada.  
Quem está ao pé dele está só ao pé dele  
(Alberto Caeiro)*

O ser e o mundo. O ser-mundo. O ser no mundo. O ser é o mundo... Essas frases conduzem à compreensão filosófica fenomenológica e também a perspectiva compreendida por alguns como pós-fenomenológica<sup>71</sup>. Na verdade, a busca de perspectivas teóricas para o empirismo a que o fazer geográfico concebe nessa pesquisa são passos posteriores às imersões que foram concluídas entre as primaveras de 2020 e 2021. Diante das descrições elaboradas em campo, pousei por um tempo em práticas do pensamento para entender quais caminhos me foram apresentados no devir e quais perspectivas teceriam esses passos da forma mais

---

<sup>71</sup> Perspectiva esta que foca nos aspectos processuais e cotidianos para além das leituras da realidade e das experiências humanas (PAIVA, 2017). “Baseia-se na noção de que o conhecimento não é divisível da realidade da qual emerge, contrariando a clássica divisão cartesiana entre representação e realidade; entre mente e corpo. Nesse sentido, a produção de conhecimento passa a preocupar-se não apenas com as representações mentais da realidade (e.g. significados, sentimentos, discursos, estruturas), mas também com o modo em que essas representações são produzidas corporeamente no decorrer das ações e interações de que o mundo é constituído” (PAIVA, 2017, p.161)

orgânica possível. Há uma complexidade em engendrar teorias no ato de expressar as geografias que são tecidas nos fluxos cotidianos e imersivos. É como se tivéssemos que revisitar labirínticas filosofias como justificativas para validar formas seculares de fazer geografia. E neste trabalho, o caminho que, em perspectiva fenomênica, partiria sempre do ser humano para abrangências do mundo tal qual se apresenta, também se mostrou em movimento contrário - do mundo para o ser - nos fluxos da descrição densa elaborada e nos mergulhos contextuais deste segundo capítulo.

O percurso do trabalho se faz da literatura em forma de descrições densas do mundo, tal qual se apresentou nos fluxos imersivos. Descrições são hábitos que se iniciaram na geografia clássica. Segundo Claval (2012), os viajantes do século XVIII, descreviam suas viagens e expressavam por gravuras e desenhos os fenômenos que não conseguiam traduzir em palavras. Depois, essas iconografias foram se aprimorando e atualmente as descrições em si não são fundamentais para as obras na Geografia.

De acordo com Nogueira (2020) a geografia se distanciou do *mundo vivido*. A mesma autora em uma obra anterior evidenciou uma falha das correntes contemporâneas da Geografia ao reduzir<sup>72</sup> o que havia de passos construídos pela corrente tradicional descritiva. As correntes geográficas não deveriam superar uma a outra e, sim, complementar ou transformar considerando a importância dos passos epistemológicos (NOGUEIRA, 1994). Gertz (2015) também argumenta neste sentido descritivo; afirmando que muitas vezes as chaves para as interpretações das culturas estão nos fundos descritivos de escritas densas e não nas “grandes idéias” expressas e seguidas de análises.

Gertz também nos traz que as interpretações descritivas são complexas, mas, que mesmo podendo não alcançar as razões das problemáticas, são materiais que guardam relatos de um tempo e que podem ser interpretados com mais proximidade dos fatos em diversos outros tempos. Essa concepção leva a relacionar o estudo de uma descrição literária com o estudo das paisagens. Relação que coaduna com a metáfora descrita por Coosgrove & Jackson (2010) ao configurarem a paisagem como um texto, dentro de suas metodologias interpretativas.

As paisagens escritas percorrem características de observação de quem as elabora. São descritas de acordo com o tempo imersivo em lugares. Muitas vezes percorridas em poucos detalhes. O caminho de rio, destas imersões aqui tratadas, parecia breve e intenso aos

---

<sup>72</sup> Essa redução não é a fenomenológica. O sentido é de diminuir a importância.

momentos. Muitas vezes as paisagens foram captadas durante olhares, conversas e silêncios das pessoas no caminho. Concordo com a afirmação de Andreotti (2010) de que as paisagens somos nós mesmos. No sentido que as observações descritas partem das personalidades perceptivas. Ou mesmo: geograficidades<sup>73</sup>. Portanto há um esforço de denotação escrita da paisagem dos caminhos imersivos do primeiro capítulo, mas este é um esforço na maioria das vezes caminhante, que em algumas horinhas se queda por mais tempo em algum lugar adentrando melhor em sua dimensão paisagística.

### **O barco: ações coletivas a bordo**

As imersões nas comunidades beiradeiras, foram feitas apoiadas na atuação do coletivo Velho Chico Vive (Figura 28). Esse coletivo se constituiu com a reunião de pessoas, organizações, grupos de pesquisa, instituições e atuações políticas que se contrapõem a concretização de intervenções insustentáveis ao rio Opará – principalmente pelo projeto UHE Formoso em fase de licenciamento. O Velho Chico Vive tem início a partir do Decreto de nº10.370 que qualificou o projeto da UHE Formoso ao Programa de Parcerias de Investimento (PPI) da Presidência da República. Este decreto foi posterior a uma reunião ministerial divulgada por mídias virtuais e televisivas em que o Ministro do Meio Ambiente brasileiro defendeu a metáfora ameaçadora de que “as boiadas deveriam passar” enquanto as atenções do país estavam voltadas para a situação pandêmica da COVID-19. A posição do Ministério do Meio Ambiente se compreende, nesse contexto, em diversos atos contrários à preservação do meio ambiente natural e seguindo a lógica da dominação da natureza através da ação humana predatória.

Figura 28: Identidade visual do coletivo Velho Chico Vive



Fonte: Acervo do Coletivo Velho Chico Vive<sup>74</sup>.

O coletivo Velho Chico Vive, foi formado por pessoas que habitam ou nasceram nas proximidades da região entre Três Marias e Pirapora e também por atuantes do MAB (Movimento dos Atingidos por Barragem); do Conselho Pastoral de Pescadores (CPP); Comissão Pastoral da Terra (CPT); por advogados populares, artistas, professores e assessores

<sup>73</sup> Conceito de Eric Dardel que pode ser interpretado de forma simples quando o entendemos como a geografia de cada um.

<sup>74</sup> A arte foi elaborada pelo artista piraporense Davi Nascimento e a logomarca foi realizada pela comunicadora social buritizeirense Larissa Rocha.

parlamentares. Diversas ações do coletivo são e foram anunciadas nas redes sociais virtuais<sup>75</sup>, ferramentas onde as interações se ampliaram no período de pandemia em que a articulação se fez. É importante ressaltar que, todas as pessoas envolvidas nas imersões de campo, residiam em áreas próximas às comunidades atingidas e respeitaram os protocolos adequados municipais à prevenção da circulação do vírus COVID-19.

Foram colocados em prática, nessas imersões comunitárias, os protocolos de distanciamento entre as pessoas; medidas de higiene (uso de máscaras faciais e utilização de álcool em gel) e também os *parâmetros de controle por ondas* do protocolo estadual *Minas Consciente*. As imersões de campo foram feitas de acordo com as divulgações municipais das *ondas*; parâmetros que estavam relacionados aos cuidados estabelecidos pelo Ministério da Saúde. Neste sentido, os campos foram feitos em períodos em que os municípios em questão estavam em *ondas* “verdes” e “amarelas”, respeitando todos os protocolos que envolviam cada uma dessas ondas.

Os tempos de imersão comunitária que estão descritos no trabalho de dissertação, foram tempos de recuperação e controle social a partir de protocolos que previnem a propagação da corona vírus - COVID-19. Portanto, além desses protocolos, ainda certificávamos que nas duas semanas anteriores às imersões, nenhum envolvido houvesse manifestado sintomas gripais. O imediatismo das ações se deu porque o trabalho de campo conduziu-se em meio a uma situação emergencial - em que a empresa de engenharia envolvida no licenciamento da obra do projeto UHE Formoso encaminhava suas ações entre os campos de inspeção ambiental e também social a partir de aplicação de questionários aos comunitários desavisados.

Sendo parte desse cardume contra a corrente do represamento das águas na bacia do Rio São Francisco, descrevi durante o trabalho coletivo as jornadas dos fluxos imersivos até às comunidades em *diários de bordo* que acompanharam principalmente os fins das tardes. Quando o trabalho coletivo se findava, iniciava um trabalho de descrição dos acontecimentos do dia. Esses manuscritos repassaram os devires dos acontecimentos diários e também a caderneta de anotações durante a ação coletiva em si.

É importante trazer que essas primeiras imersões coletivas foram feitas com intuito de conhecer os territórios e as pessoas que habitam esses territórios em ameaça. Esta foi uma das ações a que o coletivo se propôs. Os caminhos do coletivo foram depois se estruturando

---

<sup>75</sup> As ações podem ser acessadas pelo instagram e facebook @velhochicovive. Uma linha do tempo das ações de enfrentamento também pode ser acessada através do link: <https://padlet.com/abessageo/ba6n5bi38i8u1ltw>

em outras ações; mas as descrições que aqui estarão evidenciam um momento de reconhecimento das áreas que estavam sendo observadas anteriormente como mancha de alagamento pelo empreendimento de construção da Usina Hidrelétrica de Formoso.

### **Fluidos d'água: notas sobre rastros de paisagem-eu e a literatura**

As descrições feitas em forma de diário foram elaboradas em campo e estão reescritas no primeiro capítulo desta dissertação com a liberdade de expressão escrita no fenômeno. Desta forma, a ferramenta - *diário de bordo* - utilizada no trabalho, é também o sujeito do trabalho, pois incorpora a asserção de Brosseau (1997)<sup>76</sup> de que a Geografia deve considerar a literatura - **ou os engendramentos expressivos dos seres** - como indissociável a apresentação dos lugares. O mesmo autor também nos trás que o texto do poeta apresenta uma nova maneira de ler e escrever o mundo e, por isso, já diz muito. Essa afirmação coaduna com a coloquialidade geográfica expressa na linguagem da descrição.

A distância da escrita acadêmica nos manuscritos evidencia um teor literário à proposta. E as emoções diárias são reverberadas na forma de escrita dos mesmos. Essas são as peculiaridades dos diários que os diferenciam de um relatório. Há uma distância que é fenomênica. A literatura é uma expressão que envolve a arte da escrita. A arte poder ser vista como a expressão de cada um que não está subordinada a nenhum outro tipo de seguimento. Nem mesmo o acadêmico. As sensações e percepções vivenciadas não estão preocupadas com a forma acadêmica de escrever. Contudo, há uma perceptível prosa simples entre a narração e o leitor que, por vezes, se abre ao diálogo com as pessoas que estão no caminho.

A proposta desses manuscritos que ocorreram no devir imersivo, não se encaminhou como uma coleta de narrativas e há motivos. Muitos trabalhos comunitários são feitos dessa forma, porém aqui há a narração de paisagens, pessoas e lugares percorridos. As descrições das pessoas se passaram como parte das descrições da paisagem. Há sim, descrições de diálogos com essas pessoas quando os diálogos foram parte do enredo imersivo, ou da mudança de paisagens. Mas, não há uma proposição participativa, ou perguntas, ou ainda redirecionamentos voltados para esta pesquisa com as pessoas. É exatamente nesse lugar que o devir da proposta é respeitado. Pois apesar de estar acompanhada de um coletivo, os diários guardaram uma percepção que é de descrição da *morfologia das paisagens em movimento* e,

---

<sup>76</sup> Tradução feita em 2013 do capítulo Geografia e Literatura do livro *Des romans-géographes* de 1997 na antologia organizada por Rosendahl e Corrêa presente na bibliografia deste documento.

portanto, personalidades estão ora implícitas e ora explícitas. Há uma consciência dessa presença pessoal na narrativa.

A descrição imersiva foi feita em narrativa em primeira *pessoa do singular e do plural* por dois motivos. O primeiro é que isso não foi decidido. Foi o que aconteceu no reverberar do fenômeno escrito. De repente estava descrevendo os fatos acontecidos no dia com a honestidade de ser eu mesma parte dele. Há uma lógica simples e realista nisso. O segundo motivo é que com o tempo fui entendendo a importância fenomenológica de me colocar como parte da pesquisa; quando reconheci que as paisagens, pessoas e lugares descritos teriam muito a ver com minha própria absorção do mundo, dos signos. Os diálogos descritivos com esses lugares são reconhecidamente feitos através de parâmetros psíquicos pessoais. E todos fazem isso, porém alguns de forma consciente se colocando em primeira pessoa e outros não. Há então uma verdade nisso.

A geografia do nosso corpo precede a geografia da Terra em nosso caminhar e mesmo quando nos percebemos como partícula do universo; não devemos esquecer-nos de onde e quando nos expressamos. Se aprofundarmos sobre os pronomes de escrita nesse sentido ainda podemos traduzir as ausências que me parecem fugas e estão presentes no formato de escrita acadêmica hegemônica. Almeida (2020) se envereda sobre o significativo reconhecimento de um(a) pesquisador(a) nos capítulos descritos em sua pesquisa através do uso da primeira pessoa. A autora, após se justificar com citações que demonstram que não há honestidade em se passar como neutro na escrita acadêmica, concluiu:

De fato, o emprego do eu permite-nos reforçar a lembrança de que nós escrevemos com base em nossa percepção, em nosso contexto. Ao empregá-lo indicamos nossa posição e, além do mais, reconhecemo-nos como produto de uma história. Sem dúvida, o pesquisador que emprega o eu fala de uma experiência pessoal, de suas percepções, de um ponto de vista seu, refletindo sua própria subjetividade, em vez de escondê-la. Concluo que não é uma arrogância acadêmica e sim uma atitude de honestidade intelectual usar o eu (ALMEIDA, 2020, p. 45).

Diante disso o “eu” subjetivo algumas vezes se mostra ainda enquanto *eu lírico* nos *diários imersivos* e o entendimento dessa dimensão poética só pode ser alcançado através da transcendência debruçada por filósofos, poetas e pensadores. Entretanto, o desvelamento dessa transcendência não é o foco deste trabalho geográfico.

Se as paisagens somos nós mesmos; ou, sua mirada é na verdade o que somos<sup>77</sup>. As descrições das paisagens também fazem parte do que somos. A forma escrita da paisagem é então uma literatura, ou uma forma própria de escrever o perceber dessas paisagens, que

---

<sup>77</sup> Aqui estou me voltando as ideias contemporâneas propostas por Andreotti (2010) sobre a paisagem.

também é próprio. Alcançar a essência do que somos é uma arte. Corroboro com as idéias de Andreotti (2010) que coloca a dificuldade de compreensão das paisagens quando queremos ir até o fim. Não acredito que esse fim seja alcançado. Um fim no âmbito da *morfologia* humana, da alma, há uma profundidade temporal que é difícil ser medida quando não através da poesia. Mas ainda assim, ser poético não significa alcançar totalidades. Há poesias e poesias. Talvez uma fria descrição objetiva seja mais poética do que a própria poesia em algumas descrições. Não houve em nenhum momento da imersão a intenção de findar tudo o que pode ser descrito de uma das paisagens, por exemplo. Pelo contrário, houve sutis descrições de paisagens em formas de uma frase, um parágrafo, uma estrofe ou mesmo uma palavra, que tentava coletar a essência primeira de passar por elas (as paisagens).

Há uma diferença brusca entre sentar para observar uma paisagem e movimentar-se por paisagens. Apesar de a primeira forma obter um alcance mais profundo que está no *habitar*<sup>78</sup> de um tempo maior. Não há como passar ileso por paisagens. Há uma essência que fica nos seres que percorrem as paisagens, esses rastros são moldados por nossas próprias percepções. Não há como entrar na água sem se molhar. Ou sentir o calor de Pirapora sem transpirar. Isso não é uma escolha perceptiva. Há ainda, símbolos que se repetem nas paisagens de regiões percorridas fazendo com que uma atmosfera ampla seja observada em movimento por paisagens. Além disso, há muita força no que fica das paisagens que não foram habitadas. Em pequenos pousos ou em movimento elas deixam rastros perceptivos consideráveis às primeiras atenções. Revelando quem são as paisagens e então, por isso, quem é a pessoa que passou por elas. Pois se ficaram descrições de curtas passagens é porque essas tiveram muita força e alcançaram o lugar da percepção mesmo em tempos curtos. Essa força pode ser do lugar ou da pessoa. Mas o que fica é o rastro descritivo da paisagem.

Ademais, preciso deixar aqui que há um alcance sensível das paisagens nas descrições imersivas por que envolve *empatia*<sup>79</sup> com a paisagem das pessoas que foram encontradas nas comunidades. Essas paisagens foram reverberadas de forma sutil e serão retomadas no último capítulo de deságue das águas correntes desse trabalho. Por enquanto, o que podemos aferir é que, gestos demonstram paisagens... Olhares, silêncios, posições, linguagens, ações, cheiros, toques; Tudo isso diz a paisagem dos lugares. E então a perspectiva que é humanista encontra com a paisagem do outro no lugar da *empatia*.

---

<sup>78</sup> Conceito heideggeriano que tem a ver com um estar em certa profundidade que é temporal. (2012)

<sup>79</sup> Devo mencionar que esse conceito será devidamente colocado e referenciado melhor adiante, no subcapítulo: Caminho d'águas de diversas fontes: Perspectiva múltipla.



A imersão de campo leva os sentidos às *morfologias* das suas paisagens. Essa palavra ‘morfologia’ vem sendo usada diversas vezes aqui e faz parte de uma concepção saueriana<sup>80</sup>. A área física da geografia se habilitou em trabalhar com o termo sem considerar toda a amplitude que ele reverberava. Hoje, quando os geógrafos se referem às morfologias das paisagens entende-se que está se falando das formas físicas da superfície da Terra. Mas, na verdade, quando o termo foi proposto esse modelamento das formas também era consequência aos fatores culturais. Os movimentos e formas naturais da superfície da Terra, o que hoje chamamos de geomorfologia, era um meio pelo qual os fatores culturais e o tempo comporiam para fazer a morfologia da paisagem. A morfologia também incorporava toda a vida biológica que transforma a paisagem: vegetal, animal, humana... A morfologia da paisagem então seria uma concepção que abarca toda a organicidade que compõe uma paisagem e o próprio Sauer (1998) afirma que a palavra que mais se aproxima a esta é *ecologia*. Ainda assim não há implícito na palavra “ecologia” a “forma” que é cara à geografia.

Não há, é claro, intuito de alcançar de maneira descritiva toda essa concepção morfológica da paisagem. Mas com o termo aproximamos do entendimento das paisagens em suas configurações modificadas ora pelas águas, ora pelos seres animais e vegetais. E talvez essa percepção da dinâmica orgânica da paisagem seja precursora da perspectiva não representacional nesta pesquisa. Ou seja, que não se representa por um objeto ou símbolo e sim pela dinâmica do caminho. Sendo assim as descrições ora miram nos percursos, ora nas pessoas, na fauna, na flora ou seres celestes. O reconhecimento de que a paisagem é um resultado dessas morfologias que estão em movimento aos olhos nus é essencial para que simples presenças de fatores, meios ou formas descritas seja entendida como parte do todo indescritível, mas que dá sinais interpretáveis.

Claramente não haverá aprofundamentos em descrições físicas, que demandam estudos com outras metodologias. Porém, algumas características que remetem a fatores físicos evidentes na imersão, eventualmente estão nas descrições que podem inclusive partir daí. Essas outras abordagens da geografia são essenciais para compreender a cultura que se faz nas/das margens do rio. Também são justas ao pensamento que manifestaram durante as descrições imersivas.

O esforço na verdade se colocou em averiguar as sutilezas das paisagens percorridas. Não há sequer racionalidade nisso, mas guarda intensidade dos momentos e trocas reais. As

---

<sup>80</sup> Morfologia das Paisagens (1998) está nas referências deste documento.

míticas e sacralidades do caminho são recebidas com respeito e referidas com a intensidade que uma imersão cultural provoca. Sauer (1998) nos brinda com um bom pensamento sobre este além:

A melhor geografia jamais deixou de levar em conta as qualidades estéticas da paisagem, para a qual não conhecemos outra abordagem a não ser a subjetiva. A “fisiogonomia” de Humboldt, a “alma” de Banse, o “ritmo” de Volz, a “harmonia” da paisagem de Grandnann, todas estão além da ciência.(...) Para alguns, o que quer que seja místico é uma abominação. Entretanto, é significativo que existam outros, e entre eles alguns dos melhores, que acreditam que, tendo amplamente observado e catalogado de forma diligente, ainda existe uma qualidade para ser compreendida em um plano mais elevado que não pode ser reduzido a um processo formal (SAUER, 1998, p. 61).

### **Espelhos d’água: o Diário de Bordo**

A expressão escrita é enaltecida, neste trabalho, a partir de um desencadeamento de reflexões em torno da própria escrita, buscando aproximar da substância corpórea da linguagem. Desprende-se de uma estrutura descritiva acadêmica ou de imposições coloniais de arranjo para mirar na liberdade da arte literária. A breve contextualização que faz parte do segundo capítulo é uma edificação secundária às imersões de campo, onde foram elaboradas as descrições que foram reescritas no primeiro capítulo, como já evidenciado algumas vezes.

O diário inicialmente trata, como já colocado, de descrições densas ou traduções de pensamento e sensações que foram feitas ao longo das imersões. E, que posteriormente foram revisitadas e ampliadas. Portanto, as descrições primeiras são **descrições imersivas**. As descrições imersivas foram textos feitos em campo que vão compor, junto a transcrições posteriores, o que chamo de *diário de bordo*<sup>81</sup>. O diário de bordo deve ser mirado também como *texto artefactual*<sup>82</sup> ou sujeito literário do trabalho. Essa ferramenta é a ponte dos acontecimentos imersivos, durante o campo, ajuntadas às reflexões tecidas nos capítulos e as poéticas dos lugares.

Os fenômenos do devir nos trabalhos de campo, foram expressos em descrição densa e imersiva. Descrições que foram reescritas. Assim, há uma ampliação posterior aos fenômenos descritos durante o processo imersivo. Incorporando ao diário, expansões tecidas a partir de reflexões e relações com as bibliografias. Entendo a **descrição densa** como aquela que busca descrever de forma ampla os fenômenos ocorridos, acontecimentos que não estão diretamente relacionados a uma causa específica. Simplesmente descrições dos passos e fenômenos

---

<sup>81</sup> Material onde as ações diárias foram descritas no fim do dia de imersão. Será mais bem exemplificado no decorrer desta sessão.

<sup>82</sup> Expressão extraída do artigo “O Geógrafo Fenomenólogo: sua oralidade e escrita no/do mundo” de Maria Geralda Almeida (2020).

desvelados na imersão. No caso da descrição densa imersiva, há ainda um fenômeno à parte de intensidade durante o processo de escrita; pela proximidade temporal dos acontecimentos.

No decorrer das imersões geográficas, na elaboração de um diário, não conseguimos entender em totalidade os reflexos que o fenômeno vivenciado nos causa. Descrevemos de forma densa as sensações e espontâneas aos fenômenos. O “agora” é mais bem entendido depois por nós mesmos. Entretanto, é abastecido das intensas nuances que compõem as vivências. Nestes momentos, estamos literalmente respirando a poética do lugar em que estamos imersos. Os instantes em que habitamos o presente são súbitos e únicos. A proximidade de um dia também é súbita e única; carregada das emoções que vivenciamos durante aquele dia de imersão.

As frestas descritivas de expressões escritas próximas aos fenômenos, podem nos apresentar diversas geograficidades. Portanto, a reescrita desses diários imersivos no primeiro capítulo da dissertação, buscou aprofundar nas reflexões vivenciadas em campo, sem extraviar as densidades dessas memórias em forma de descrição imersiva. As descrições densas e imersivas se incorporam às reflexões posteriores aos fenômenos vivenciados no diário de bordo.

O termo “diário de bordo” não é muito usado na geografia. Para as artes-cênicas os *diários de bordo* são importante aporte pedagógico; documentos relacionados ao processo de criação de uma obra. Parafraseando Larcher (2019), ele pode ser denominado como um conjunto de vestígios concretos dos processos de pesquisa. Pode ser gerado intencionalmente ou não, pelos envolvidos na elaboração de uma obra de arte, revelando e desvelando seus bastidores. Ao compilar as anotações do encenador-criador, as situações descritivas de ensino e aprendizagem desses fazeres artístico são desveladas. Machado (2002), que também escreve sobre a utilização dessa ferramenta nas artes cênicas, afirma que a mesma possui ‘vida própria’ e é uma ferramenta fenomenológica que delimita e amplia a criação, revelando a presença do artista durante o processo.

Ainda nesse específico termo, o *diário de bordo*, foi utilizado primeiro em navegações. Foram descrições e anotações de acontecimentos relacionados à localização, direção, datação e situações importantes em um dia sobre as águas. Por influência de Merleau-Ponty, considero aqui, o corpo que estamos como nosso primeiro lugar e o ponto de partida para os lugares e outras categorias geográficas. Portanto, um diário é sempre “de bordo” ou a bordo de nós mesmos. No caso específico deste trabalho, o rio Opará é onde estivemos a bordo em corpo: especificamente no recorte entre Três Marias e Pirapora. Então,

o termo - de bordo - também coaduna com os deslocamentos sobre o rio, ou por/entre as comunidades ribeirinhas.

Quando as imersões nas comunidades beiradeiras foram vivenciadas, já estava acostumada a escrever diários em campo. O trabalho de conclusão de curso<sup>83</sup>, para a formação no bacharelado em Geografia (na UFMG), foi onde houve o amadurecimento do reconhecimento do diário como ferramenta de pesquisa. Inicialmente, o trabalho do campo cultural interpretaria a expansão do Maracatu de Baque Virado em Belo Horizonte. Contudo, durante a pesquisa, uma imersão em Recife (PE) conduziu a perspectiva até um diário por/entre os becos onde nasceu a Nação Estrela Brilhante de Maracatu - núcleo da cultura que se expandiu em Belo Horizonte no início do século XXI. Portanto, o instrumento se vestiu do trabalho até a sua defesa e seria apenas um manuscrito de memorização da imersão, mas se tornou artefato fenomenológico e poético da pesquisa. Antes disso, diários me acompanharam desde a infância.

Diários também são expressões que além de próximas ao ser, são livres em forma de descrição. Onde a escrita se aproxima da literatura. Através desta ferramenta, vários signos subjetivos que podem ser estudados pela fenomenologia são a florados. Por isso, acredito que se aproximam do fenômeno de forma mais atingível. Na obra “Signos”, Merleau-Ponty se debruça sobre a complexidade da linguagem, que é expressa de muitas maneiras; inclusive em silêncio. Ao trazer essa fenomenologia hermenêutica, esclarece que o que está em nosso pensamento se traduz em expressões, diante de signos internos que não cessam e que sozinhos nada significam. Portanto, a linguagem é indireta ao pensamento; e a arte é, a meu ver, uma forma mais legítima de aproximação. Para o autor:

A linguagem significa quando, em vez de copiar um pensamento, deixa-se desfazer e refazer por ele. Traz seu sentido como o rastro de um passo significado, o movimento e o esforço de um corpo. (...) a palavra verdadeira, aquela que significa, que torna enfim presente a “ausente de todos os buquês” e liberta o sentido cativo na coisa, não passa de silêncio com relação ao seu uso empírico, uma vez que não vai até o nome comum. A linguagem é por si oblíqua e autônoma e, se lhe acontece significar diretamente um pensamento ou uma coisa, trata-se de um poder secundário, derivado de sua vida interior. Portanto, como tecelão, o escritor trabalha pelo avesso: lida apenas com a linguagem, e é assim que de repente se encontra rodeado de sentido. (MERLEAU-PONTY, 1991, p.45)

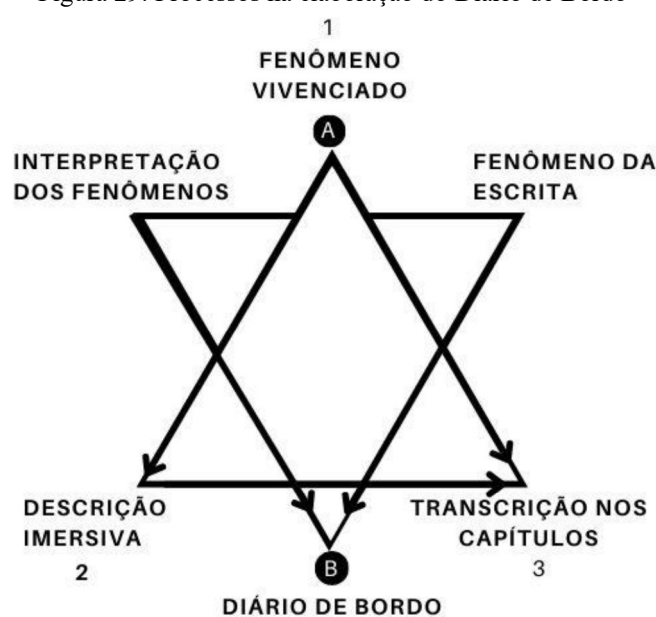
Diante da complexidade da expressão da linguagem escrita que o autor apresenta, os diários imersivos buscam alcançar mais proximidade dos acontecimentos e da forma de percebê-los que está abarcada pela poética dos lugares percorridos na imersão. Esse exercício

---

<sup>83</sup> Este diário imersivo pode ser lido no blog do Núcleo de Pesquisa em Geografia Humanista da UFMG pelo link: <http://npgeoh.blogspot.com/2020/05/das-avenidas-centrais-mineiras-ate-o.html>

de escrita e releitura para transcrição escrita, também são etapas que buscam respeitar o devir fenomênico. Sendo o primeiro fenômeno os devires em fluxos de imersão (Figura 29), o segundo fenômeno a descrição imersiva, próxima ao fenômeno - durante os trabalhos de campo. E o terceiro fenômeno uma transcrição do diário imersivo que está no primeiro capítulo desta dissertação; abrindo espaços para reflexões instauradas durante a releitura e a reescrita. Portanto, a condução da leitura dos fenômenos que ocorrem no devir, passa por outros processos que são parte dos fenômenos da linguagem e que incorporam a densidade da escrita imersiva consumada próxima ao fenômeno.

Figura 29: Processos na elaboração do Diário de Bordo



Elaboração: Alice B. S.

Fonte: Acervo Pessoal.

As etapas de **fenômeno vivenciado** e **descrição imersiva** foram realizadas em campo e fazem parte das primeiras realizações deste trabalho. A transcrição no primeiro capítulo desta obra foi elaborada em gabinete, apoiada pela **descrição imersiva** e pelas memórias do **fenômeno vivenciado**. Além disso, há nesta fase a ampliação da escrita que abrange além da **interpretação dos fenômenos**, reflexões, hermenêuticas e relações bibliográficas que fazem parte do **fenômeno da escrita** e contextualizam enredos relacionados à pesquisa que sucedem a descrição imersiva.

As imersões são intensas e descrever suas densidades é um propósito do diário imersivo. Organizei um mosaico imagético que desenha um pouco como esses primeiros manuscritos são elaborados (Figura 30) para exemplificar como passamos por essa etapa. Nem sempre os caminhos do pensamento são traduzidos por palavra escrita. Esboços, croquis e desenhos manuais são artefatos que ajudam na compreensão dos signos dos nossos

pensamentos. Essas produções compactuam com a função de externalizar o que está mais próximo das sensações nos momentos de descrição imersiva. Muitas vezes o próprio cansaço do dia é externalizado a partir da morfologia das letras e etc.

Figura 30: Mosaico fotográfico: Exemplos de descrição imersiva



Fonte: Acervo Pessoal.

### **Caminho d'águas de diversas fontes: Perspectiva múltipla.**

Os fenômenos da geografia desvelaram-se em presença imersiva através das paisagens, dos lugares, dos espaços e de pessoas de diferentes comunidades com um problema em comum; relacionado à iminência da paisagem. A perspectiva toca inicialmente a dimensão do mundo vivido<sup>84</sup> e da percepção através da abordagem humanista que se encontra ao campo cultural na geografia. O estalo que conduziu às descrições e expressões desta pesquisa é a realidade - de ameaça de construção da UHE - no espaço geográfico que é desvelado a partir dos encontros nos caminhos percorridos.

A fenomenologia não é uma (BUTTMER apud ALMEIDA 2020) e também não se refere a uma perspectiva metodológica. Nesta pesquisa, se instaura como um singular filosófico que justifica o aflorar do sensível ancorado através de expressões advindas de ângulos do mundo vivenciado. Ângulos que, durante a elaboração dos diários imersivos

<sup>84</sup> Conceito husserliano.

conduziram a uma descrição de escuta e observação dos significados e das percepções culturais através da paisagem.

No campo teórico filosófico, a perspectiva fenomenológica se funda no início do século XX, através de Husserl<sup>85</sup> e da crítica à racionalidade positivista constituída nos tempos modernos. A crítica à fragmentação da ciência, também foi feita por Nietzsche, quando escreveu *O Nascimento da Tragédia*; e por outros pensadores contemporâneos (do início do séc. XX) que resistiam a uma especialização tecnicista a qual a ciência cartesiana institui hoje. Portanto, não é uma perspectiva recente e ela se refaz de acordo com a andada do percurso; ou tal qual o mundo se apresenta no percurso.

A fenomenologia husserliana, se dá a partir de uma *redução* do ser que coloca em *suspensão* os conhecimentos prévios para a percepção do mundo através de um desvelar consciente. Merleau-Ponty, completa esse desvelar com a percepção dos fenômenos feita no/do corpo. Edith Stein também amplia o conhecimento extraindo do espaço intersubjetivo a *empatia* e as dimensões existentes entre a pessoa e a comunidade. O conhecimento do processo da *empatia* desvelado por essa filósofa que foi orientanda de Husserl, aclara as emoções que são despertadas durante a escrita imersiva que acontece em meio aos encontros com as pessoas e comunidades, durante a realização da **descrição imersiva**.

O conceito de *empatia*, desvelado por Edith Stein em sua dissertação “El problema de la Empatía”, alcança planos invisíveis do encontro entre as pessoas. O espaço intersubjetivo se faz também em expansão de sensações e sentimentos que são de um espaço alheio às próprias subjetividades. Contudo essa ação, por ser passageira, não é tão profunda quanto as sensações do indivíduo e seu próprio espaço subjetivo. Sobretudo, auxiliam na compreensão do mundo vivido ou das paisagens de outras pessoas.

Assim como a maioria dos desencadeamentos fenomenológicos, acredito que esse seja um conceito que não precisa necessariamente ser estudado para ser colocado em prática. Popularmente o conhecemos como “se colocar no lugar do outro”, mas essa é uma falácia que pode levar a descrença do próprio poder da empatia. O lugar não é o mesmo. O que se encontra por um espaço curto de tempo é proveniente de sensações do sentimento. Sobretudo, a empatia está engendrada na forma como buscamos compreender as pessoas que vivem nas beiras dos rios, seus sentimentos e/ou o que assenhoram com ele nas descrições imersivas. Como exemplo, o medo, um gatilho de não mais poder viver tais relações e modos de ser. A

---

<sup>85</sup> Sua obra mais conhecida no Brasil que introduz a perspectiva do fenômeno é: *A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental: uma introdução à filosofia fenomenológica* (traduzida em 2012).

empatia abre espaços intersubjetivos entre os seres e não deve ser inconsciente nos trabalhos imersivos. Ela é feita principalmente através de escuta e observação.

Alguns aprofundamentos na dimensão do fenômeno devem ser entendidos para seguirmos juntos na compreensão da importância descritiva. Dentro da dimensão imersiva, a laboração da *experiência* e da *vivência* acontecem. Existem inúmeros autores que se debruçam sobre esses ‘conceitos’ na vertente humanista. Contudo, os desenvolvimentos dos mesmos conceitos feitos por Edith Stein e estudados por Ales Bello (2015) pontuam diferenças profundas entre os dois. Para Stein a experiência é uma relação dos seres com o mundo externo que esta ligada ao seu *estado vital*. O *estado vital* é uma das manifestações da *força vital* de cada um, que além de ser algo diferente de pessoa para pessoa é um dos primeiros substratos da realidade psíquica. A experiência então é o movimento ou o “andar” cognoscitivo (imersão corporal) que desencadeia *estados vitais* e *sentimentos vitais*. Portanto a experiência esta num lugar do psíquico e é *consciente*. As vivências as quais temos consciência se tornam experiências (especificação feita por Husserl). Ou seja, as vivências estão ligadas a qualidades diversas, mas quando desencadeiam conhecimento são experiências.

As vivências estão em um andar mais amplo e existem vários tipos. A percepção está na escala da vivência. Quando elas são compreendidas se tornam experiências e talvez estejam entrando no campo da geografia humanista. Estou me referindo à percepção de mundo ou das categorias geográficas. Compreender isso é necessário para percebermos onde alcançamos a geografia através dos fenômenos vividos. As descrições são ferramentas dessa compreensão. É importante salientar que elas nem sempre estão no lugar da experiência. Existe muita descrição inconsciente nas suas nuances e densidades. Porém, são materiais que podem levar a compreensões múltiplas. A poesia talvez esteja nesse entremeio entre o que é compreendido e o que é sentido e significado em letras. Na descrição densa há vivências e há experiências; elas se entrelaçam. Talvez existam descrições incompreensíveis, mas que alcançam o âmago das vivências.

Até agora enveredamos pelas filosofias, absorções e contato com o mundo. Mas, no tempo dessas descobertas a geografia também caminhava em sua epistemologia. A geografia do tempo em que a fenomenologia se teorizou (do princípio do século XX e final do século XIX) estava se constituindo em formas e finalidades de seus estudos após abandonar um caráter enciclopédico (SAUER, 2003)<sup>86</sup>. Era, no entanto uma geografia que caminhava para a

---

<sup>86</sup> A bibliografia referida foi traduzida em 2003 no Brasil, mas o texto de Sauer data de 1931.



fragmentação ao qual nos encontramos. De um lado, existia o objetivo de fixar a geografia na relação homem-natureza, e de outro, um esforço em definir o material de observação desse estudo. A presença do ser humano enquanto parte do pensamento epistemológico da geografia, perpassa por fundamentais nomes deste campo; como Ritter, que ampliou ao naturalismo de Humboldt o entendimento do comportamento cultural ligado ao meio; por La Blache, a partir das singularidades do *gênero de vida*; por Ratzel, através de categorias do meio físico como influências ao ser humano, em sua antropogeografia; e também pela escola saueriana de Berkeley que aprofundaram e alvoreceram estudos culturais. Aos poucos e com o fluir dos anos dos meados do século XX, a geografia humanista foi se afluando enquanto campo teórico que surgiu da dimensão cultural. Holzer (2012) descreve este percurso entrelaçado à fenomenologia através de Relph, Sauer, Whright, Lowental, Tuan, Dardel, Buttimer e alguns outros. A geografia humanista, segundo Holzer, se consolidou como um campo independente da geografia cultural e histórica. Ainda para ele:

Cabe ressaltar que a geografia humanista sempre esteve sintonizada com a questão ambiental, e que foi dentro do coletivo humanista que os problemas ambientais como vemos hoje, tomaram visibilidade e avançaram conceitualmente na disciplina geográfica. (...) Outro aspecto que deve ser apontado é que nunca houve um afastamento efetivo da geografia cultural, mas uma procura em se distinguir dos que utilizavam o positivismo como método (HOLZER, 2012, p. 175).

Todavia, o andar desta pesquisa não buscou ser arraigado de apenas um autor específico do campo humanista ou filosófico. Ele deu passos a partir de ideias e teorias que se calçaram aos pés das vivências e experiências imersivas. O desencadeamento descritivo não parte da teoria em si. Parte da vivência e da experiência. Empirismo que desencadeou o desvelamento dos fenômenos geográficos, que conduziram o trabalho até as expressões que refletem sobre os significados e não significados encontrados. A partir dos desvelares, algumas âncoras bibliográficas se relacionaram às reflexões desencadeadas. O professor Dr. Oswaldo Bueno Amorim filho, presente no recente lançamento do livro *Fenomenologia do ser-situado: crônicas de um verão tropical urbano*<sup>87</sup> apontou a importância de a geografia humanista contemporânea estar abarcada por filosofias unificadoras, ou que permitem uma geografia unificadora.

O mesmo professor Dr. Amorim Filho, em uma aula expositiva também recente<sup>88</sup> ocorrida no auditório do Instituto de Geociências da Universidade Federal de Minas Gerais, apresentou-nos o tempo em que Sauer (2003) se referiu como um ‘caráter enciclopédico’

<sup>87</sup> O livro de Eduardo Marandola Jr. foi lançado e transmitido virtualmente pela editora UNESP em setembro de 2021. O lançamento foi feito a partir de um debate e esta disponível no youtube, no canal da editora.

<sup>88</sup> Em 26 de agosto de 2022. Encontro realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFMG.

como mais próximo do *espírito geográfico*<sup>89</sup> do que os tempos atuais. Discutiu a fragmentação do fim do séc. XX e início do séc. XXI como um excesso de especialização das áreas da geografia que distanciou os atuais geógrafos do elo que frutifica o *espírito geográfico*. E então, diante de uma explanação epistemológica que começou na Grécia antiga, passou pela Idade Média, pela unificação da Renascença e pelos riscos da fragmentação; convidou-nos mais uma vez para uma *unificação vital da geografia*.

Assente nesta colocação, o caminho que descreve a imersão de campo, nesta pesquisa geográfica, se alimenta de conceitos e ideias de pensadores, filósofos (as), fenomenólogos(as), geógrafos(as), mitos, senso comum, entidades sagradas e seres que afluem para o diálogo da percepção das paisagens, espaços e lugares percorridos. Além disso, o trabalho ainda desprende-se em alguns momentos, de um objeto focal, trazendo o percurso fluido e orgânico – no sentido dos movimentos – como principal fonte de descrição, avançando para perspectivas que são além de representativas ou simbólicas. Essa pluralidade de perspectivas e de metodologia corrobora com a complexidade e originalidade das vivências na Terra e com uma geografia unificadora. Ainda além, a busca por uma contextualização espaço-temporal presente nos meandros desse segundo capítulo também preenche lacunas que são de perspectivas vistas por muitos como excludentes na geografia. Na realidade, são partes que conversam dentro da geografia. Talvez na filosofia seja excludente, o que também é difícil de acreditar mesmo sendo reproduzido por muitos. Mas na geografia, essas distintas perspectivas fazem parte do *espírito geográfico*.

Ainda é indispensável mencionar que esta pesquisa não é apenas descritiva. É também **especulativa**: desvela a geografia por entre as pessoas e as paisagens. Quando a dissertação ainda era um horizonte, a entendia enquanto trabalho estritamente etnogeográfico. Em parte ela é. Pois consente com interesses da etnogeografia expressada por Claval (1999) de que:

1- O mundo que estudamos é moldado pela ação dos homens e se encontra marcado pelos seus saberes, desejos e aspirações. 2- a geografia que praticamos e acreditamos científica, ou seja, independente de qualquer valor particular e de toda referência étnica, não é tão universal quanto nós imaginamos (CLAVAL, 1999, p. 70).

Este trabalho também busca responder ao campo das *relações com o meio*, identificadas por este autor como um dos seguimentos da **etnogeografia**. Contudo, Claval (1999) explica que após o processo descritivo há, na metodologia etnogeográfica, a

---

<sup>89</sup> Jean Brunhes (1962) é o autor que primeiro tratou desse termo em sua obra Geografia Humana. Diante de uma profunda e densa abordagem, o autor descreve uma essência geográfica através de alguns exemplos de observações que só podem ser feitas por um geógrafo (a). Nesta essência se capta nuances da geografia física, humana, social, econômica etc

interpretação dos levantamentos em uma espécie de quadro. O trabalho que aqui está, interpretou os fenômenos durante e após o próprio processo **descritivo, fenomenológico, fluido e imersivo**. Essas ações foram feitas durante a descrição imersiva e a transcrição no diário de bordo. Portanto, talvez essas perspectivas se entrelacem neste trabalho com um carácter de etnogeografia que por vezes é fenomênica, depois contextual e outrora, além de representacional. Mas não existe a pretensão de alcançar uma descrição que atenda as expectativas de uma etnogeografia em sua complexa completude.

Para uma vertente da antropologia mais rígida a descrição etnográfica pode ser vista como a que estuda as expressões sem especular suas possibilidades e fenômenos. Tim Ingold (2012)<sup>90</sup> não concorda com essa abordagem da antropologia e traz uma preocupação do ângulo desta disciplina que coaduna com uma descrição existencial e fenomenológica:

Não que haja algo errado com a etnografia, mas isto deixa de lado o elemento especulativo. Eu acho que a antropologia deve ser especulativa sobre as possibilidades de como a vida humana pode ser. Se a especulação é deixada de lado teremos uma disciplina que não está muito apta a se pronunciar num contexto no qual outras disciplinas, como a psicologia, economia e a história, são capazes de criar grandes plataformas para si mesmas. Então é por isso que eu ainda faço antropologia. Um dia vou escrever um livro introdutório, e eu sei como vou chamá-lo: “Voltando para casa: uma odisseia antropológica”. Pois eu tenho a sensação de que o estereótipo popular da antropologia é de pessoas indo para lugares distantes e descobrindo coisas estranhas. Minha sensação sobre a antropologia é que ela é de fato um esforço de vida inteira para trazer as coisas de volta para casa e para entender tanto quem somos como, ao mesmo tempo, entender o mundo. Então, nesse sentido, meu caminho é o de volta para casa, de minha própria descoberta. (INGOLD, 2012, n.p).

Concordo com Tim Ingold nessa fala e acredito que os esforços descritivos para os caminhos, paisagens, pessoas, comunidades, ameaças e relação desumana com a natureza acaba por desvelar nós mesmos. Nossas relações com o rio e a natureza do rio. As paisagens e nossos posicionamentos sobre as interferências na/da natureza.

Mas, o fio condutor dessa pesquisa, por dentre os fenômenos descritos nas imersões, se segue a partir da busca das percepções desveladas que correspondem à relação dos seres humanos beiradeiros com a natureza do rio em que convivem. E deste ponto em diante, a lógica racional faz ainda menos sentido já que as relações dos seres e a natureza são tão sentidas quanto pouco tangíveis. O entremear da dicotomia entre a dominação da natureza e o sentido de natureza para os seres serão presenças discursivas constantes nas descrições. Elucidações de Merleau-Ponty (2000) sobre a palavra “natureza”, nos revela um pouco do

---

<sup>90</sup> Uma entrevista realizada pelo departamento de antropologia da UFMG com o antropólogo Tim Ingold, referência na antropologia contemporânea que lida com a percepção.

desafio que se seguiu enquanto debruçávamos pelas descrições imersivas. Encontrar essa dimensão intersubjetiva ser-natureza esta no plano de um campo de *interpretação sensível*.

O autor a que nos referimos há pouco ensina que a palavra “natureza” em grego deriva de um verbo que faz alusão à palavra “vegetal”. A palavra latina vem de “nascor”, “nascer”, “viver”; e é extraída do primeiro sentido, mais fundamental. Para este filósofo fenomenólogo:

Existe natureza por toda parte em que há uma vida que tem sentido, mas, onde, porém, não existe pensamento; daí o parentesco com o vegetal: é natureza o que tem sentido sem que este sentido tenha sido estabelecido pelo pensamento. É a auto-produção de um sentido. A natureza é diferente, portanto, de uma simples coisa; ela tem um interior, determina-se de dentro; daí a oposição de “natural” a “acidental”. E não obstante a natureza é diferente do homem; não é instituída por ele; opõe-se ao costume, ao discurso (MERLEAU-PONTY, 2000, p. 4).

Aprofundar nessa filosofia é reconhecer que na verdade a natureza em si nunca será dominada pelos seres humanos. Talvez o tempo em que vivemos será profundamente modificado e prejudicado por essas tentativas. Mas ela tem sentidos próprios e indomáveis. Dentro e fora de nós mesmos. Reconheço neste trabalho, que perceber a relação entre os seres e a natureza das águas que eles vivem é um campo da imaterialidade que se relaciona com o sentido da existência. E por isso atinge as camadas da espiritualidade. Estivemos em fluxo nas imersões, passando pelos olhares que habitam as ribeiras do rio, entendendo que há sentido neste viver, mas reconhecendo que denotar em totalidade os significados desses sentidos não é possível de forma lógica.

No entanto, sabemos que essa pesquisa, que tem início na perspectiva fenomenológica, busca partir do ser humano para o encontro ao mundo dessas paisagens e dos outros fatores que compõem estas paisagens. Conduzimos-nos então, a partir de encontros descritos em fluxo que se iniciaram, tanto do ser para o mundo quanto do mundo para o ser. Pois, por uma perspectiva intangível e transcendente, isso quer dizer partir do mesmo uno; e nos reconhece como filhos da natureza, parte dela e portanto: ela.

### **Das nascentes ao caminho das águas**

O percurso imersivo realizado teve um trabalho prévio de identificação das áreas de alagamento através da Ficha de Caracterização da Atividade (FCA) disponibilizada pela empresa de engenharia responsável. Esse documento é de acesso público e esta nos os autos do processo de licenciamento em curso pelo SEI (Sistema Eletrônico de Informações) do IBAMA<sup>91</sup>. A investigação prévia também se deu a partir de um polígono georreferenciado ou mancha de preenchimento da possível represa; disponível também nos autos do processo de

---

<sup>91</sup> Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e de Recursos Renováveis

licenciamento pelo SEI do IPHAN<sup>92</sup>. As coordenadas de cruzamento do polígono e de imagens de satélite foram fundamentais para que através dos sistemas de informações geográficas (SIGs), os lugares que ainda seriam percorridos fossem traçados no plano.

Pontos e áreas de ocupação humana no interior do polígono foram observados através das imagens de satélite e posteriormente descobrimos que se tratava de comunidades em meio a matas de galeria, pastos, usinas fotovoltaicas e monoculturas. Inicialmente reconhecíamos enquanto povoados no território de determinados municípios e aos poucos fomos alcançando os nomes de cada distrito.

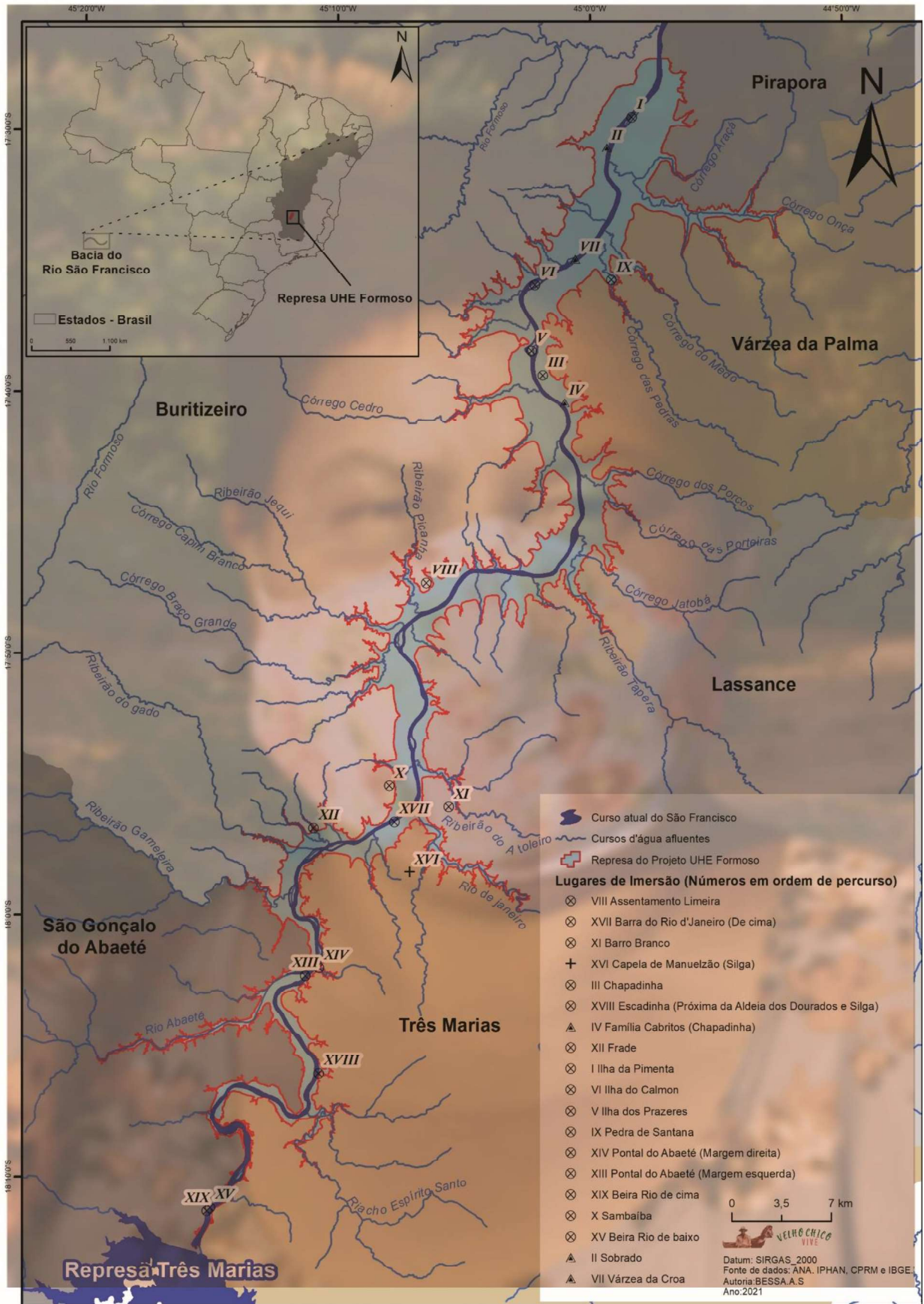
A atuação do Conselho Pastoral dos Pescadores e do Sindicato rural dos trabalhadores de Buritizeiro foi essencial na busca dessas comunidades. Um projeto do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social da Unimontes, que visa fazer uma cartografia social dessa e doutras áreas nas margens do rio São Francisco também possibilitaram que as imersões fossem realizadas enquanto diagnóstico comunitário.

Desde o início da busca coletiva, tivemos a noção de que os impactos do empreendimento não estariam restritos a área de alagamento; inclusive, há em meio aos atuantes do coletivo, pessoas atingidas e que residem em comunidades ribeirinhas à jusante do empreendimento. Contudo, inicialmente, percorremos apenas as áreas com risco de alagamento e assim se faz o recorte espacial dessa pesquisa (Figura 31). Através das identificações das comunidades, as ‘caravanas’ coletivas partiam de Pirapora e Buritizeiro para o encontro dessas territorialidades que pertencem a municípios distintos e que cercam o rio. O percurso se fez em cinco viagens com aproximadamente vinte imersões por lugares entre as ruelas das comunidades barranqueiras, escolas, igrejas, casas e também a Capela da mãe de Manuelzão – sujeito sertanejo que se transformou em personagem na literatura por Guimarães Rosa. Esses lugares têm ameaça de serem submersos por água represada ou estão próximos da estimativa mancha de preenchimento da retenção. O percurso de campo sempre se deu em sentido norte-sul. Iniciado por Pirapora e Buritizeiro, onde está o ponto de partida dos fluxos imersivos coletivos. Através do referido mapa, a sequência dos crescentes números romanos indica o sentido e a temporalidade dos trajetos nas travessias de campo.

---

<sup>92</sup> Instituto de Patrimônio Histórico Brasileiro.

Figura 31: Mapa dos lugares de Imersão



Fonte: Acervo Pessoal.

## **Breves mergulhos contextuais nas águas d'Opará**

Sabe-se que a energia é movida pela natureza. O interesse pelo uso das águas do rio visto pelo prisma das diversas esferas e escalas é composto, intensamente neste país, por redes de transmissão energética. A produção elétrica brasileira é integrada historicamente e, principalmente, por geradores hidroelétricos. Entre 1965 e 2020 a produção hidrelétrica no Brasil ascendeu da décima para a segunda posição no cenário mundial (EIA, 2020). A alavancada se deu na década de 1970 quando a construção de diversas usinas hidroelétricas chegou ao estágio de operação. Em 2017, 80% da eletricidade total do Brasil foi gerada pelo parque de usinas hidrelétricas do país (EPE, 2018). Contudo, o PNE 2050 - Plano Nacional de Energia, revisado pelo Ministério de Minas e Energia (BRASIL, 2020) traçou outro caminho para o consumo energético do país. Planejamento que corresponde também a uma tendência energética de consumo mundial. Há neste documento uma predisposição para revitalização ou repotencialização das hidrelétricas já existentes ao invés de expansão do parque. Neste sentido, outras fontes renováveis (eólica, solar e biomassa) estão sendo aos poucos constituídas como complementos para a estrutura hidroelétrica brasileira. Esse caminho responde a identificação de que há tempos de estiagem em que as operações de algumas represas hidrelétricas são comprometidas e não controláveis no país. Portanto, compensações para esses períodos são necessárias, corroborando com a preservação das águas do Brasil e com a crescente demanda por energia.

Todavia, o PNE (2050) indica que existem algumas usinas hidrelétricas (UHE's) inventariadas e com status de licenciamento ativo pela ANEEL – Agência Nacional de Energia Elétrica. Esses projetos são considerados pelo planejamento energético como parte do parque hidrelétrico futuro. A geração de energia estimada por cada UHE inventariada esta no cômputo energético dos cenários até 2050. Então, apesar do caminho traçado pela empresa de pesquisa energética, ainda serão construídas contenções nas bacias hidrográficas brasileiras.

A água deveria ser considerada renovável a partir de escalas de reconhecimento do recurso. A afirmação de que é um recurso renovável acaba camuflando nuances regionais ou condições que manifestam sua escassez. O próprio discurso de que o Brasil tem geração de energia principalmente renovável não traduz os momentos de crise energética atravessados pelo país. A renovação da água deve-se ao respeito de seu tempo. Ser renovável não deveria ser justificativa para execução de empreendimentos que muitas vezes não são sustentáveis para as dinâmicas das bacias hidrográficas.

Há outros desprezos consideráveis na construção desses empreendimentos que apesar de atravessarem licenças, atestam um discurso de desenvolvimento econômico que é dominador. O PNE (2050) em sua cartografia que apresenta áreas aptas para a instalação de usinas fotovoltaicas (instalações que desmatam grandes extensões de territórios) demonstra como áreas verdes - ou biomas que não estão aptos a instalação - apenas o Pantanal e a Amazônia. Sabemos que esses biomas precisam sim de reconhecimento e preservação, mas existem outros que não são considerados na proposta: Áreas verdes do Cerrado, de Caatinga; Mata Atlântica, vegetações rupestres de altitude, zonas de transição e matas de galeria com suas espécies endêmicas. O Cerrado, os resquícios de florestas da Mata Atlântica e a Caatinga parecem biomas menosprezados pela abordagem tecnicista, como se o valor das espécies não estivesse ligado à biodiversidade específica de cada bioma. Além disso, a diversidade corológica da vegetação brasileira carece de especificações para além dos biomas. Assim alcançariam um reconhecimento mais apurado para a preservação. As dinâmicas morfoclimáticas Ab'saberianas talvez se aproximem mais da realidade de nossas espécies. Ainda assim generalizam grandes áreas e invisibilizam as espécies rupestres, por exemplo. Quantificar as expressões da natureza regional atropela qualidades únicas dessas vegetações. É preciso reconhecer os valores intrínsecos de cada espécie. Além da flora e da fauna correspondente, outras dimensões não são consideradas nessas propostas com as tais transformações das paisagens que esses empreendimentos ocasionam. Como, por exemplo, a consequentemente mudança drástica na vida dos seres humanos atingidos pelos empreendimentos; através da alteração nas dinâmicas ecossistêmicas naturais e dos deslocamentos compulsórios.

Diante das diversas esferas que a geografia é capaz de se ocupar, havendo-se das categorias do espaço; a partir do risco de modificação abrupta de paisagens; e logo da geografia cultural na região da bacia franciscana que esta sendo aqui tratada, vamos nos enveredar por fatos documentais dessa proposta. Como já referenciado, em 25 de maio de 2020, o Diário Oficial da União publicou o Decreto nº10.370 de apoio federal ao licenciamento ambiental para mais um empreendimento de hidroeletricidade no leito do rio Opará. A contenção do barramento d'água está prevista para se localizar a alguns metros montantes da foz do afluente ribeirão Formoso. Onde demos o mergulho introdutório na paisagem descritiva inicial desse manuscrito<sup>93</sup>. Onde também passamos de barco a caminho de Chapadinha nos meandros descritivos das imersões<sup>94</sup>. O Reservatório é previsto para

---

<sup>93</sup> Estou me referindo ao texto de abertura: Paisagem da foz de um afluente d'água à humana parte da natureza.

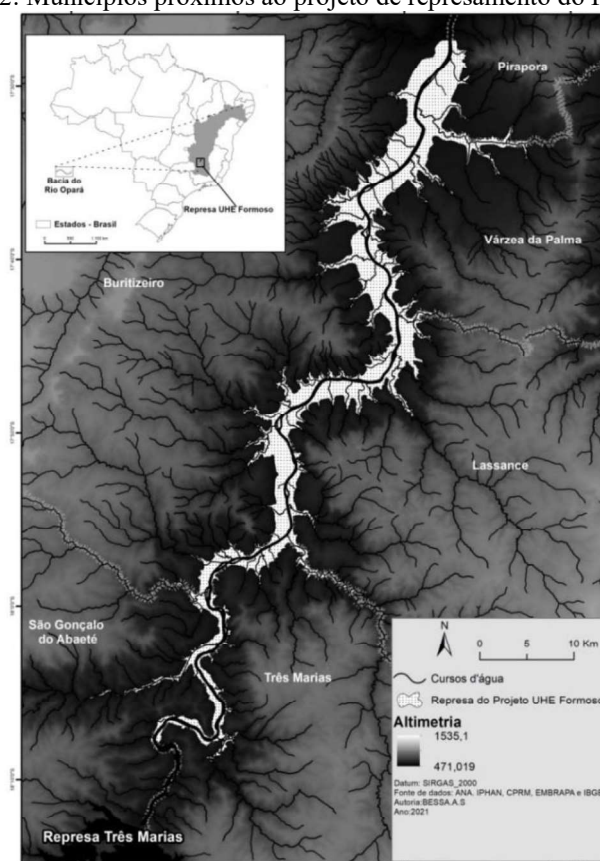
<sup>94</sup> No início das descrições imersivas; quando entendemos a "cachoeira do Formoso".



situar-se entre a foz deste tributário d'água, que surge do território de Buritizeiro; e os pés das turbinas da Usina Hidrelétrica de Três Marias segundo a FCA<sup>95</sup>. As comunidades próximas à Pontal do Abaeté, que percorremos nas imersões dessa pesquisa são próximas às turbinas da Usina Hidrelétrica de Três Marias.

As primeiras ocupações urbanas à jusante do projeto são o centro de Pirapora (MG) com aproximadamente 57.000 hab. e de Buritizeiro (MG) com cerca de 29.000 hab. Na área de represamento e à jusante do barramento previsto há diversas comunidades rurais de pescadores, vazanteiros<sup>96</sup>, quilombolas e indígenas<sup>97</sup>. A área de represamento do projeto tem 312 km<sup>2</sup> de extensão e alcança as margens dos municípios mineiros de Três Marias, São Gonçalo do Abaeté, Lassance, Várzea da Palma, Buritizeiro e Pirapora (há um mapa hipsométrico de localização adiante). As comunidades ribeirinhas que estão em ameaça de represamento foram os caminhos das imersões de campo e estão na mancha de hachura, que demonstra o represamento na Figura-mapa 32.

Figura 32: Municípios próximos ao projeto de represamento do Rio Opará



Fonte: ANA; IPHAN; CPRM; EMBRAPA; IBGE. Elaboração: Alice Bessa (2021).

<sup>95</sup> Ficha de Caracterização de Atividade técnica do empreendimento já citada anteriormente. Esses documentos públicos são disponibilizados pelo SEI das estatais brasileiras.

<sup>96</sup> Pessoas que plantam espécies para cultivo nas margens vazantes do rio.

<sup>97</sup> A aldeia do Povo Tuxá, que sofreu deslocamento compulsório pela construção da UHE Itaparica, está hoje em área jusante próxima deste empreendimento.

O Estudo de Viabilidade Técnica do Empreendimento (EVTE) - da Usina Hidrelétrica Formoso - tem registro ativo na ANEEL (Agência Nacional de Energia Elétrica) e está em fase de licenciamento ambiental, em busca de licença prévia até a data deste escrito. Os impactos ambientais, considerando a complexidade desses estudos, certamente vão além das áreas com iminência de alagamento em que as imersões desta pesquisa alcançaram. O território à jusante do empreendimento - que se localiza na região do Alto São Francisco – poderá ser significativamente transformado. E, além disso, toda área da bacia à jusante do empreendimento é atingida de alguma forma caso a intervenção ocorra.

Algumas consequências importantes no meio ambiente em questão podem ser previstas. A dinâmica de fluxos d'água na foz da bacia – divisa de Alagoas e Sergipe - que enfrenta o avanço das águas do oceano Atlântico decorrente das inúmeras intervenções ao rio pode ter mais propensão ao desaparecimento das suas margens com a construção da UHE Formoso. O material morto do fundo do represamento pode causar o óbito de diversas espécies aquáticas naturais e contribuir para a eutrofização<sup>98</sup> das águas.

Este problema já é enfrentado nas proximidades da represa de Três Marias como identificado nas descrições imersivas<sup>99</sup>. Muitas espécies da fauna e da flora são executadas no processo de construção desses barramentos, pois, as turbinas são construídas em espaços de deslocamento de alguns desses seres. Os peixes endêmicos que circulam a jusante próxima da represa perderão suas lagoas de reprodução, e, portanto podem desaparecer. Alguns inclusive fazem parte da Lista Nacional de Espécies Ameaçadas de Extinção divulgada pelo Ministério de Meio Ambiente a partir da Portaria de N° 148.

O lago da represa do empreendimento, por sua dimensão e previsão de situar em áreas de alta irradiação solar, pode enfrentar perda de vazão com a evapotranspiração da água. A vida de ribeirinhos que lidam com a pesca e com o plantio de vazante será modificada e em alguns casos o deslocamento compulsório será a única forma de sobrevivência. Além disso, o curso das águas pode sofrer alterações químicas e físicas diversas e pouco mensuráveis nas áreas dos territórios em que o rio flui, modificando a natureza e os modos de viver à jusante do projeto.

A falta de liberdade ao rio que é agravada pela construção desse empreendimento causará impactos aos entes humanos que habitam esses territórios como percebemos nos caminhos imersivos do primeiro capítulo. Em verdade, a vida das pessoas que estão nas áreas

---

<sup>98</sup> Um artigo sobre a ameaça aos peixes pela eutrofização nesta região do rio foi publicado por Gomes et al (2020)

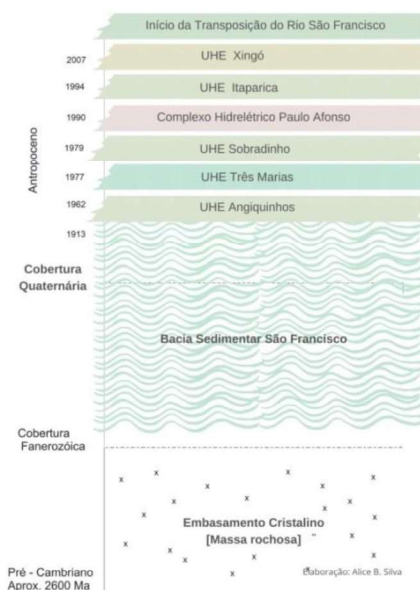
<sup>99</sup> Principalmente na conversa com Seu Norberto em São Gonçalo do Abaeté. Quando ele nos alertou sobre a presença de aguapés e a ausência de oxigênio nas águas.

com previsão de represamento já está atingida em dimensões profundas. Algumas palpáveis, quando evidenciam evasão das pessoas em terras marginais ao rio, ações grileiras e vendas imobiliárias que atendem a especulações do empreendimento. Outras que apesar de não serem visíveis previamente, já indicam mudanças de comportamentos cotidianos e enfermidades psicológicas nos seres envolvidos. Esses comportamentos foram identificados nas imersões de campo e serão discutidos no deságue do último capítulo.

### ‘Arqueologia’ de represamentos de Opará

Ante as histórias tristes e os tempos bruscos de estiagem do rio que corta o sertão, Opará é um rio vivo. Apesar das diversas interferências no seu leito principal e dos sedimentos de rejeitos de mineração que turvam seus afluentes, ainda há vida e reequilíbrios naturais em muitos trechos das suas águas. Ao longo de seu curso há barramentos de cinco reservatórios hidrelétricos (Figura 33). Seus afluentes também atravessam inúmeras contenções na forma de PCH’s – pequenas centrais hidrelétricas. Há diversas memórias de paisagens das cidades e vilas que foram submersas nos processos de represamento dos lagos das UHE’s ao longo do rio. Além das ocupações e feridas minerárias há múltiplos usos e outorgas (domésticas, agrícolas e industriais) da água. Usos que junto aos comitês da bacia - e microbacias - enfrentam distintas e conflituosas legislações e fiscalizações municipais e estaduais decorrente do longo percurso de cinco estados do território brasileiro por onde o rio passa. Ainda assim, o rio Opará vive; diante das diversas interferências no curso de sua história.

Figura 33: Linha do tempo - Intervenções em grande escala no leito principal de Opará



Elaboração: Alice Bessa (2022).

A primeira grande contenção às águas por geração energética construída no leito principal do rio Opará foi a UHE Angiquinho em 1913 (GALDINO, 1995). Incontestavelmente, antes dela, muitas PCH's; menores turbinas hidráulicas e rodas d'água existiam nos afluentes da bacia. A UHE Angiquinho se estabeleceu no município de Paulo Afonso - região do baixo São Francisco, na margem alagoana. Teve função de gerar energia para a indústria têxtil. Atualmente, nas proximidades do vale encaixado da UHE Angiquinho existe um complexo hidrelétrico com cinco usinas que represaram a cabeceira das cataratas da Cachoeira de Paulo Afonso (Figura 34). O complexo entrou em operação em 1979 e gera 4.279 megawatts de energia. Quando as turbinas das usinas são fechadas a cachoeira que inspirou o poeta Castro Alves se transforma num paredão seco. Sua vitalidade é coordenada não mais pela equanimidade natural, mas por intervenções humanas.

*A cachoeira! Paulo Afonso! O abismo!  
A briga colossal dos elementos!  
As garras do Centauro em paroxismo  
Raspando os flancos dos parceiros sangrentos.  
Relutantes na dor do cataclismo  
Os braços do gigante suarentos  
Aguentando a ranger (espanto! assombro!)  
O rio inteiro, que lhe cai no ombro!  
(Castro Alves)*

Figura 34: Registro da Cachoeira de Paulo Afonso por Marc Ferrez (1875)



Fonte: Arquivos Canoa de Tolda

Subindo em direção aos fluxos contrários d'água e avançando nos tempos históricos das retenções na bacia... Em 1956 o presidente Juscelino Kubitschek inaugurou a obra da

UHE Três Marias com um discurso característico deste personagem; prosperando desenvolvimento e expansão para o Brasil (Arquivo Nacional, 1956). A operação da usina se iniciou em 1962 com parte dos territórios de municípios mineiros encobertos pelo represamento - Três Marias, Felixlândia, Morada Nova, Biquinhas, Paineiras, Pompéu, Martinho Campos, Abaeté e Três Marias. A lagoa represada tem 2.700 metros de comprimento; e a energia gerada abastece o SIN – Sistema Interligado de Energia Nacional. Entretanto a promissora UHE do Alto São Francisco entre os recentes anos de 2013 e 2019 padeceu com a estiagem, revelando imagens desérticas dos solos do fundo do rio em toda a região (Figura 35). Muitos conflitos pelos usos da água se assolaram nesses tempos e a operação hidrelétrica no Alto São Francisco mostrou que não está ileso às estiagens. Além disso, clarificou-se para os povos que vivem suas margens que as UHE's não têm total controle das vazões como se afirma em justificativas para as construções das mesmas. Durante a estiagem, mesmo com a capacidade de geração reduzida, o reservatório de Três Marias reteve a água na região alta da bacia. Como consequência toda bacia a jusante sofreu com a estiagem nesse longo período.

Figura 35: Ponte Marechal Hermes em Pirapora (2016)



Fonte: Ricardo Jean Alves.

No passo das imersões de campo que foram realizadas nesta pesquisa, encontramos com uma família ribeirinha que desceu o rio compulsoriamente pela ocupação das águas do reservatório de Três Marias. Esses ex-moradores de Felixlândia, contaram sua história barranqueira<sup>100</sup>. São seres que reconstruíram suas vidas se deslocando para outras paisagens de rio. Paisagens a jusante do empreendimento de Três Marias. Lugares que hoje estão em

<sup>100</sup> Refiro-me ao Seu Raimundo de Pedra de Santana e a história contada de sua família. Também me refiro a conversa com Seu Norberto que também nos clarificou sobre o processo vivido pelas pessoas que moravam em áreas que foram alagadas (represa de Três Marias).

ameaça de represamento pelo projeto da UHE Formoso. São histórias de rio espelhadas nas histórias das vidas que o cercam. As camadas da cartografia do empreendimento, vistas do olhar do desenvolvimento do país parecem ser favoráveis para o povo; para a geração e utilização de energia. Mas, mesmo nas proximidades da UHE Três Marias existem áreas rurais dos afluentes do rio que tiveram acesso à energia apenas no meio da década de 90 do fim do século passado.

No Submédio São Francisco há um dos maiores lagos represados para hidroeletricidade do mundo (4.514km<sup>2</sup>). Este reservatório encerrou sua submersão e entrou em operação em 1977. Partes de quatro cidades e muitas comunidades na Bahia estão no fundo desse reservatório. A UHE Sobradinho provocou a remoção forçada de 72 mil pessoas “que foram deslocadas dos municípios de Pilão Arcado, Casa-Nova, Remanso e Sento-Sé para outros lugares, deixando sob as águas os seus espaços de referência, de sociabilidade e o seu habitat natural” (AMARAL, 2018). As realocações tiveram inúmeras inconsistências, segundo Zitzke (2007), pois povos que praticavam a agricultura vazanteira foram deslocados para ambientes áridos e distantes do rio; não houve assistência técnica necessária; as indenizações foram insuficientes e arbitrárias; um grande contingente de pessoas atingidas foi ignorado do plano de compensação e deslocamentos.

O reservatório situa-se nos municípios de Sobradinho e Casa Nova e tem aproximadamente 300 km<sup>2</sup> de comprimento e 25 km de largura em alguns trechos. Há relatos de memórias narradas e documentadas de pessoas que se retiraram as pressas quando as águas começaram a subir e outras que recolheram os corpos de seus entes nos cemitérios antes de abandonarem suas terras. Essas ações nos aproximam de uma paisagem espiritual, que será aprofundada no capítulo III desse manuscrito. Segundo Amaral (2018), há impactos socioambientais que também causam deslocamentos compulsórios em habitantes; alguns ainda, que não vivem diretamente na área do represamento. Portanto, escutar as muitas memórias narradas desses povos comunitários para dimensionar todos os deslocamentos compulsórios causados por esses empreendimentos é uma medida necessária nessas investigações.

As estiagens no semiárido são regulares e resistem boa parte do ano. Nessas épocas de seca reaparecem algumas estruturas arruinadas das comunidades submersas pela UHE Sobradinho em um cenário paisagístico que expressa memória de abandono. O reconhecimento das histórias póstumas desses lugares que viraram fundo de represa não é amplamente divulgado como as gerações elétricas dessas usinas pelas empresas responsáveis;

no caso de Sobradinho foi implantada por uma concessionária da Eletrobrás, a CHESF – Companhia Hidrelétrica do Vale do São Francisco.

A filmografia ‘Narradores de Javé’ (2003), dirigida por Eliane Caffé é uma expressão fictícia desses processos que alcança a realidade de muitas comunidades no Brasil. O audiovisual apresenta as forças desiguais de contenda entre o povo e as empresas que conduzem grandes empreendimentos nos territórios. A quantidade de alagamentos de reservatórios no país foi reconhecida, expressada e contextualizada através da arte.

Atualmente diversos conflitos relacionados à mineração e à pobreza econômica social devido à modificação das dinâmicas do rio assolam os atingidos que foram deslocados e também habitantes das áreas à jusante do barramento de Sobradinho; como aponta o Mapa de Conflitos nacionais organizado pela NEEPES - FIOCRUZ (2010). O país, que está no segundo lugar da produção de energia hidrelétrica mundial, também é o país que subiu no ranking dos deslocamentos compulsórios, das desapropriações, das desigualdades, dos desequilíbrios hídricos, das ameaças socioambientais e da mudança forçada nos modos de vida dos atingidos. É o país que cresceu no ranking de ‘dar adeus para algumas de suas cidades e comunidades’ como cantaram Sá e Guarabyra:

*Vai virar mar, dá no coração  
O medo que algum dia o mar também vire sertão  
Remanso, Casa Nova, Sento-Sé  
Pilão Arcado, Sobradinho  
Adeus, adeus, adeus !(Sá e Guarabyra)*

Nesta mesma bacia coexistem pelo menos mais dois grandes reservatórios hidroelétricos que tiveram suas construções finalizadas no fim da década de 1980 e início da década de 1990 do século XX. A UHE Itaparica, entre o sudoeste de Pernambuco e o nordeste da Bahia; e também a UHE Xingó, entre o noroeste de Sergipe e o oeste de Alagoas. As turbinas do barramento de Itaparica se encontram com o reservatório do complexo de Paulo Afonso, à jusante. Assim como aconteceu em Sobradinho, que ocupa o leito a montante dessa intervenção, a UHE Itaparica condicionou o deslocamento compulsório de muitos lavradores do cultivo de extensas terras produtivas nas vazantes do rio. Como evidência a produção audiovisual documentada sobre a barragem de Itaparica feita pela TV VIVA – *Barragem: A ocupação, 1986* – houve intensas manifestações dos atingidos para que a reparação social fosse estabelecida. A ocupação paralisou as obras da represa e garantiu documentação necessária para que as indenizações de terra fossem estabelecidas aos proprietários e trabalhadores rurais da área do reservatório. Uma comissão federal foi criada para tratar dos reassentamentos que utilizaram empréstimos do Banco Mundial (ZTZKE, 2007). Os gritos e

paródias de luta desse bem sucedido ato de ocupação estão arquivados nas memórias do CPV – Centro de documentação e Pesquisa Vergueiro; que digitalizou notícias e jornais dos movimentos dos atingidos de Itaparica. Essas letras reais e poéticas dos atos evidenciam que o conhecimento sobre o processo de outros atingidos por barragem impulsionou a articulação.

*“Sem casa, sem terra; sem ter o que comer  
O povo de Sobradinho o que é que vai fazer?  
E nós com casa e terra ameaçados de perder!  
Companheiros lavradores o que devemos fazer?  
Operários, Camponeses, povo pobre e explorado  
Acabou-se aquele tempo de vivermos humilhados  
Começamos a ter forças, unidos e organizados”  
“Como pode um povo livre agüentar tanta folia?  
Como poderei viver; como poderei viver dia e noite,  
noite e dia sem terra, sem moradia!”  
[Extraído do CPV em 2022].*

Parte do povo indígena Tuxá, que habitavam terras alagadas pelo lago de Itaparica, foram expropriados desta terra onde estão seus ancestrais e vivem em outras áreas de Rodelas (BA). Os indígenas desse povo também se dispersaram em outros territórios que margeiam o rio, já que na terra concedida pela CHESF não se estabeleceu a restauração dos modos de vida e cultivo dos mesmos. A aldeia de Rodelas ainda necessita da verba de manutenção temporária (VMT) repassada pela CHESF (NEEPES-FIOCRUZ, 2010). Anália Tuxá, Cacique da aldeia Tuxá que se situa em Cachoeira do Manteiga - distrito de Buritizeiro - demonstra preocupação com a ameaça de construção da barragem de Formoso. O território do seu povo está há 65 anos nas proximidades de Pirapora, a jusante do projeto de represamento. Em entrevista concedida ao coletivo Velho Chico Vive<sup>101</sup>, a cacique narrou que seu povo não imaginava o que significaria o alagamento da terra onde estão seus ancestrais. Disse também que as águas desta bacia representam seu povo, são águas onde estão os encantados ancestrais. A diáspora do povo Tuxá está diretamente relacionada às consequências das interferências na bacia do rio Opará.

A UHE Xingó tem o reservatório mais próximo da foz atlântica nas águas da bacia do rio Opará, se comparada aos represamentos descritos até aqui. O fim de sua construção se data em 1994 e o processo foi reconhecido pela riqueza de sítios arqueológicos encontrados na área do reservatório. Algumas medidas compensatórias voltadas ao turismo de reconhecimento arqueológico na região foram estabelecidas apenas no início deste século. Parte das peças dos sítios arqueológicos foi resgatada durante a fase de construção da UHE

---

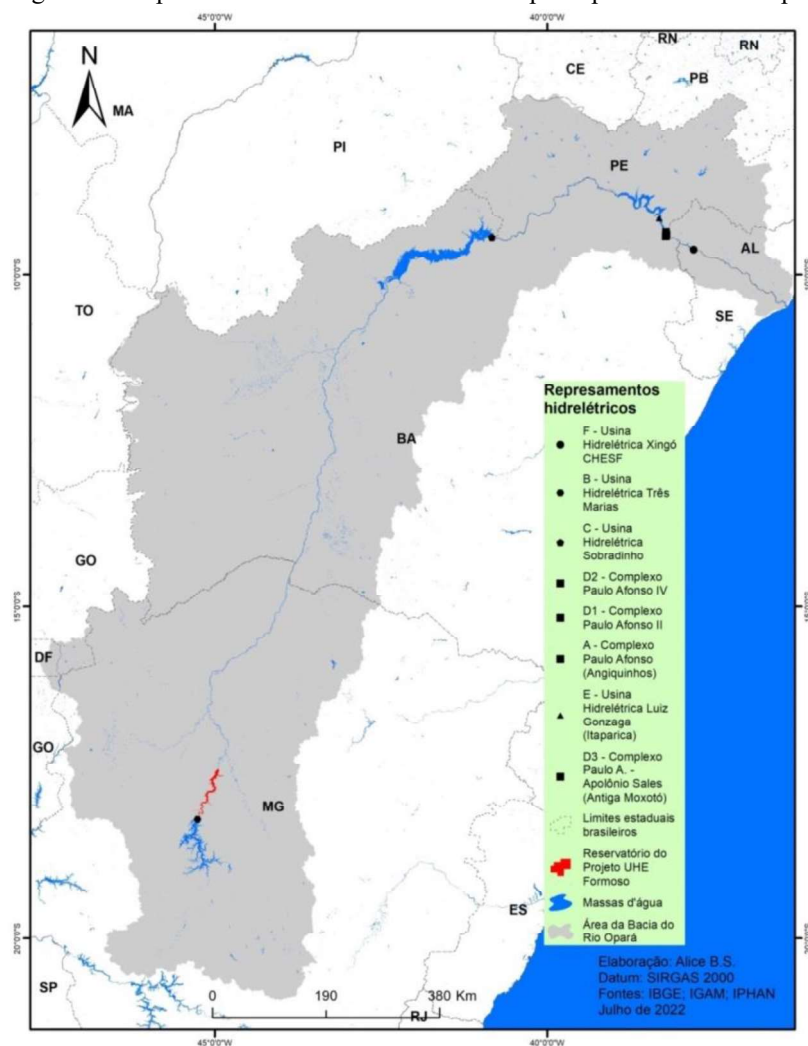
<sup>101</sup> Essa entrevista está exposta em forma de audiovisual no youtube, no seminário em defesa do Velho Chico; página virtual do coletivo.



que durou sete anos e, estão atualmente no Museu de Arqueologia de Xingó. Aproximadamente dezoito famílias foram deslocadas da antiga cidade Canindé do São Francisco em Sergipe. Um arquivo audiovisual do canal midiático de Porto da Folha (SE) – de onde Canindé do São Francisco se emancipou em 1953 – mostra como era a relação íntima com o rio dos moradores que foram realocados. Famílias de pescadores que viviam em meio a Caatinga, se alimentavam de pesca, se banhavam diariamente no rio e seus modos de vida eram intensamente relacionados ao curso d’água naquele trecho.

Diante das diversas intervenções para geração de energia hidroelétrica na bacia do rio Opará (Figura 36) há ainda extensas áreas do seu curso que passaram por processos de reequilíbrio sistêmico, junto às suas margens próximas e suas dinâmicas regionais. Nesses leitos, que são como refúgios de liberdade para o rio, há resquícios de flora e fauna endêmica. Há espaços de fluxos de rio livre, onde as ocupações de suas margens estão adaptadas a um recente sistema reconstituído entre o tempo-distância das intervenções.

Figura 36: Represamentos Hidrelétricos no leito principal da Bacia de Opará



Fonte: IBGE; IGAM; IPHAN (2022). Elaboração: Alice Bessa (2022).

Cada uma dessas histórias de barramento hidroelétrico na bacia do rio Opará; das bacias brasileiras e dos rios no mundo estancam relações profundas dos seres humanos com as veias e artérias da Terra. O prejuízo com adubos, gasto por lavradores reassentados em áreas longe das vazantes do curso natural do rio, descrito por Zitzke (2007), realçam reflexões sobre relações que alcançam tanto as dimensões das histórias mitológicas quanto científicas.

Na tradição Seneca - de povos originários norte-americanos - a vida na Terra é vista em sua origem a partir de um berçário aquático ‘e todas as formas de vida passaram a serem nutridas pelo sangue/água da Terra’ (SAMS, 1993). Nos ensinamentos do povo Seneca há epistemologias que coadunam com a ciência. Neste trecho descrito pela antropóloga e indígena Jamie Sams, há encontros com a teoria da evolução das espécies:

O Berçário Aquático deu origem a todas as coisas. [...] As sementes foram levadas pela maré até os solos, onde se enraizaram – assim teve início a vida vegetal. Algumas criaturas começaram a emergir dos oceanos, rios e lagos, iniciando suas vidas na superfície, enquanto outras seguiram vivendo nas águas. Enquanto ainda estão no ventre da mulher, todos os seres humanos vivem num ambiente quente e aquoso. Foi assim que a Mãe Terra pariu as formas de vida, dentro de seu Berçário Aquático da criação (SAMS, 1993, p. 138).

A fertilidade das planícies do rio Nilo é explicada ora pelo poder do choro de Ísis - Deusa mitológica egípcia - quando descobriu que Osíris foi morto e suas partes foram jogadas no rio; ora pelos mistérios femininos que rondam a nascente do rio e o mistério da vida (SHAMA, 1996). Essas histórias são *sentir-pensadas* por povos que habitam seu leito. Além disso, existem técnicas milenares que foram adotadas para medição da vazão dessas águas. A ciência das refutações também alcançou o conhecimento de que a sedimentação transportada pelos rios carrega composições das características geológicas e biológicas por onde passa. O material orgânico que é transportado pelos rios auxilia na gênese dos solos das vazantes. Portanto, esses cursos d’água são ricos em sedimentações diversas que transformam os lugares por onde percorrem. A menos que seus percursos sejam interrompidos por ambientes de necrotério aquático – reservatórios –, as dinâmicas de fertilização das terras abastecem o sistema de plantações vazantes nas planícies da bacia.

A dominação ou controle de vazão das águas dos rios pelo ser humano não apenas se mostra como uma tecnologia usada para geração de energia que causa deslocamento compulsório. Retém também o desenvolvimento de epistemologias das diversas cosmologias culturais<sup>102</sup>. A represa Assuão, no leito do rio Nilo não só modificou o ciclo das cheias que

---

<sup>102</sup> Aprendemos isso com as falas sempre sábias de Seu Clarindo, que foi apresentado no primeiro capítulo, na imersão do Assentamento de Limeira. O mesmo sempre evidencia que os conhecimentos tradicionais dos

movia secularmente as culturas locais relacionadas à história do princípio das medições de vazões no mundo. Também inundou, no lago Nasser, Templos que contavam essas histórias em suas paredes. Inundou o território de um povo milenar Núbio, descrito na Bíblia cristã... Parece não haver razão que desmotive a dominação das águas e da natureza. É como se não houvesse outros caminhos. Mas existem! Exemplos de adaptações culturais a dinâmica natural dos rios se expressa no norte do Brasil, em cidades como o Careiro da Várzea (AM), que se organiza de acordo com as cheias do rio Amazonas. Entretanto, ‘controlar’ as cheias do rio são justificativas dos empreendimentos de barramento; causadores de grandes impactos naturais, sociais, culturais e sagrados. São justificativas para a contenção de cheias d’água que poderiam ser estudadas e adaptadas a existência humana de forma menos extrema.

A simbologia que atravessa culturas mundanas de que o rio é como a vida humana em seu início (nascente), meio (curso d’água) e fim (deságue) pode significar nos tempos contemporâneos inúmeras interrupções e represamentos de culturas, vidas e afetos... E talvez isso esteja em um curso programado.



### **III. O Deságue**

*Só na foz do rio é que se ouvem os murmúrios de todas as fontes.*  
João Guimarães Rosa

As imersões que foram concebidas no período de quatro estações deixaram aqui rastros manuscritos que traduzem primeiros encontros e diagnósticos iniciais de uma perspectiva humanista em diversos territórios de um mesmo trecho do rio - que corresponde a aproximadamente 90km em linha reta no mapa. O tempo e recurso destinado a esta pesquisa nos permitiu tatear paisagens e abrir caminhos para investigações diversas que são compreendidas pela geografia e pelos (as) geógrafos (as). Ou seja, o que foi realizado neste trecho do rio abre caminho para diversos aprofundamentos posteriores. É como se as regiões imersivas (melhores entendidas nos mapas do apêndice) pontualmente descritas pudessem se ramificar em muitas outras observações, categorias e nascentes investigativas que são caras à geografia. Os aprofundamentos que reverberaram na laboração dissertativa estavam afeitos ao que a paisagem em movimento nos entregou, junto às pessoas que também integram a morfologia dessa categoria geográfica.

Durante as descrições imersivas, as características das paisagens vivenciadas são indícios de aprofundamentos que podem ser elaborados posteriormente. Como por exemplo, as espécies vegetais citadas, podem ser ‘objeto’ de uma pesquisa mais ampla sobre a característica das ciliares com amostras de caatinga e do cerrado de porte elevado. A cor do chão que foi revelada algumas vezes pode, por exemplo, indicar a presença de goethita ou indício de um latossolo. Os estudos geológicos obtiveram algumas hipóteses a partir dessas descrições. As especulações imobiliárias identificadas podem ser relacionadas aos contextos estruturais de domínio da natureza e do território que privilegia, segrega e traz uma discussão de classes. As manifestações culturais ou rituais identificados podem ser interpretadas de forma imersiva e então traduzir melhores identidades para esses lugares. Essas são características de leituras geográficas que podem abrir profundas minudências. As três regiões imersivas podem ser estudadas também em aspectos a partir dessa divisão ou de descobertas de áreas/paisagens em ameaça dentro das mesmas e que ainda não foram visitadas. Portanto, chegamos a um mar de possibilidades investigativas e de ações pelo rio... Uma foz. A foz de São Francisco. Ou mais profundo, a foz de Opará.

Recordo-me de ficar estarecida e me perguntando se era sonho ou miragem quando estive na foz de Opará. Faz alguns anos, mas ainda faz carinho essa memória de paisagem. Chegamos através de uma balsa de Piaçabuçu (AL). Manguezais eram fortes presenças do caminho margeado. Até que aproximamos das dunas de sedimentos arenosos finos na cor laranja. Havia muitos poços d’água doce com vista para o mar... Visível era o céu azul inteiro; a areia ondulada pela brisa; a água até se confundir com o céu e uns poucos coqueiros soltos

no além daquela paisagem. Lá soube que o mar adentrava naquela beira cada vez com mais força e, portanto, era uma margem frágil. Lá ouvi alguns murmúrios de todas as intervenções humanas ao rio que ali chegava cada vez com menor vazão por isso. Sobretudo, vejo as ações de pesquisa ética e de defesa do rio como as próprias águas de rio que se preparam para um deságue ou encontro. Ainda temos esperança de levar muita água, e água boa, para a foz.

O desaguar dos tempos vai nos mostrar o caminho dessas águas. Talvez enredos das cosmologias ancestrais que tenham bases sagradas possam livrar-nos de tanta desumanidade e contenções às liberdades das águas e das pessoas. Enredos que estão na sabedoria dos povos que estão em suas margens. A ciência explica, mas não age. As vozes das águas nos dizem de várias formas que precisamos também agir. Ailton Krenak<sup>103</sup> nos traz, e, concordo que não adianta apenas fazermos a nossa parte de dentro do nosso conforto. Precisamos agir em ações coletivas e de forma estratégica. Nas ruas, nas escolas, nas florestas, nos morros e nas águas. Agir como Guardiões. Talvez quando a sabedoria da transformação de Exú, os ventos do tempo de Iansã, o conhecimento de floresta dos Caboclos, a sabedoria das águas de Oxum, a força de Ogun ou a cura dos xamãs estiverem nas citações dos desenvolveres científicos, estes estejam num caminho mais próximo da ação consciente, pois serão ao menos evocações em forma de preces...

O problema da ciência está, além de sua fragmentação, em sua *razão* masculinizada. Lacunas importantes passam pelas frestas do que chamam científico. Mulheres aprendem e aprenderam com o empirismo desde que não eram consideradas nas criações de perspectivas científicas. **Talvez por isso sejam as que mais se posicionaram num lugar de proteção das terras próximas às águas do rio nas imersões que percorremos neste trabalho.** No entanto a ciência é muitas vezes usada para conter os fluxos naturais do rio; modificar seus caminhos e os das pessoas que vivem nos seus arredores. Os licenciamentos ambientais são feitos a partir da legislação e das armas científicas que podem ser manipuladas para diversas ambições. Há ainda uma ilusão de controle da natureza que com o tempo é reequilibrada pela própria natureza de forma tão danosa à vida humana quanto fomos a ela. E isso é sobre lógica.

Todas as águas que correram nessa construção escrita e coletiva foram importantes para entender o que está aqui e também reconhecer que esta não é uma busca solitária. Não é solitária no plano humano e nem nos planos etéreos. O mesmo fervor que senti quando soube do decreto do barramento do trecho próximo de onde vivia, estava em mim quando reconheci parte do teor cultural das barrancas ribeirinhas; e também quando mais ações que conduzem a

---

<sup>103</sup> Escritor, filósofo e ativista ambiental indígena do povo Krenak do Vale do rio Doce.

construção desse barramento surgiram... Entendi, sobretudo que **o reconhecimento de escala da bacia é importante para que saibamos a dimensão do que devemos proteger**. Talvez, agora, minha maior utopia seja que as territorialidades se reconheçam enquanto bacia e protejam-se nessa escala. Cada uma cuidando melhor de seu fio d'água principal. Como em um campeonato. Entendendo também a importância de seus afluentes e morros para que esse cuidado seja efetivo. As pessoas que defendem o rio e o reconhecem já se comunicam assim. Imagine você se apresentando e dizendo em seguida do seu nome o vale de que você faz parte. A bacia... - *Sou Alice, da bacia do Opará e você? É de qual bacia?*

**Há refúgios de rio livre e vivo no Opará.** Não vou me cansar de trazer que este rio tem vários trechos de percursos livres, vivos e readaptados à natureza. Talvez se olharmos pela quantidade de intervenções que existem em toda a sua bacia, seja fácil classificar este ente aquático como um rio morto. Escutei isso algumas vezes. **Mas é nesse lugar que está a importância das imersões, das vivências e das experiências não generalistas.** Quem conhece uma margem deste rio, conhece um ponto em 2.814 quilômetros. Neste trabalho percorri um trecho de aproximadamente 115 quilômetros de rio vivo, onde há áreas de reprodução de espécies endêmicas e também vegetações nativas. Há conduções de materiais geológicos e biológicos de seus afluentes sedimentados nas águas do trecho; sedimentos que fertilizam as vazantes dos povos que habitam essas áreas. Conhecer essas movimentações do rio faz parte das cosmologias culturais das pessoas que vivem nesse trecho do rio. São tecnologias que podem desaparecer com o represamento dessa área...

Há diferenças nessas movimentações e dinâmicas do rio que estão relacionadas principalmente a proximidade das turbinas interventivas à montante. A região imersiva III, que é mais **próxima das turbinas de Três Marias mostra maior presença de aguapés e ausência de cultivos vazanteiros.** Ali, as águas parecem ambientes menos reequilibrados às características naturais do rio. O afluente Abaeté que está na proximidade jusante é que abastece esse trecho de espécies endêmicas, pois atua como um berçário de peixes regionais. É um rio de grande vazão que corre longos trechos de liberdade antes do deságue no rio São Francisco. As diferenças identificadas nessas regiões reverberam nas vidas das pessoas que habitam essas margens.

Há semelhanças e diferenças entre os que vivem nas margens de Opará - e que nos encontramos nas imersões. **A semelhança entre todos é ter o rio enquanto reitor das suas vidas.** Mas há diferentes funções que atuam envoltas dessa causa maior: a proximidade do rio. Na região entre o Pontal do Abaeté até o afluente De-janeiro que divide Três Marias e

Lassance, no sentido descendo o rio [Região Imersiva III], há muitos trabalhadores que vendem a **pesca esportiva** no rio. Essa função movimentou comércios e as pousadas locais. Convocando também para um lugar **de turismo apreciativo**. Os pescadores comunitários penduram seus anzóis para os momentos de lazer, pois o que é mais rentável é receber outros pescadores que procuram os peixes endêmicos. A comunidade gira em torno desse tipo de turismo. Não são ações tradicionais. Mas são executadas por pessoas que têm vivências tradicionais em suas trajetórias de vida e que se readaptaram aos novos tempos da vida do rio para sobrevivência.

O turismo de pesca esportiva é alto na região porque em uma montante próxima e represada não há peixes exóticos ou com o porte dos peixes endêmicos que há no rio São Francisco que corre livre. Apesar das químicas que existem nessas represas para que os peixes resistentes sobrevivam; na área próxima à jusante das turbinas há a existência dessas espécies endêmicas e isso se deve principalmente, como descrito em parágrafos anteriores, à presença de um grande afluente que deságua nas proximidades. Portanto, ao observar de forma regional percebemos o quanto o **Abaeté tem real motivo para ser adorado pelos comunitários** de Pontal do Abaeté e de toda a região. Contudo, ainda assim é uma área que já é bastante atingida não só pelo represamento na montante próxima, mas também pela presença de exploração minerária local, pelo rompimento da barragem no Paraopeba e pela ameaça de ser fundo de represa nos tempos contemporâneos.

No trecho em que estivemos imersos entre os povoados de Sambaíba, Limeira, Chapadinha e até a ilha da Pimenta [Ver coleção de mapas do apêndice – Região Imersiva I e II] há modos diferentes, dos ditos até aqui, de se viver. Há alguns ranchos de pesca, mas há também comunidades inteiras que vivem **principalmente da pesca artesanal e do plantio de vazantes**. Sambaíba, Pedra de Santana, Limeira... Há famílias que vivem da **subsistência** do que plantam e pescam. Vivem a partir do regime de cheias e baixas do rio através de seus cultivos... Ou seja, vivências que ainda resistem com certa tradicionalidade às culturas hegemônicas. **O reequilíbrio do rio nessas áreas é mais nítido** e apesar de haver o mesmo controle da liberação das comportas da represa de Três Marias há um trecho maior de rio que recebe também as influências meteorológicas e da sedimentação de suas margens que muitas vezes estão ocupadas por vegetações ciliares.

Além disso, existem nessas áreas manifestações ou **rituais católicos** e **implicitamente sincretistas** nos seus calendários anuais. Culturas que atravessam os rios, trazendo e levando identidades barranqueiras em todas as regiões imersivas percorridas neste



trabalho. Essas características também estão em diversas margens do leito do rio São Francisco como podemos identificar no inventário de patrimônio imaterial do Alto São Francisco. Isso demonstra que as tradicionalidades culturais em forma de manifestações também fazem parte dessas paisagens percorridas. São também resistências ao modo hegemônico-colonialista de existir. Essas identidades são muito relacionadas ao próprio rio, não só por ser o caminho por onde elas chegam e saem, mas também pelas simbologias que são atribuídas e que o incluem.

A última vez que vi o leito d'Opará estava feliz... Em meados do outono de 2022 visitei a cidade de Pirapora. Depois do verão mais chuvoso dos últimos anos nos vales das Minas Gerais tudo na cidade que é parte da planície de Opará estava diferente. **A cidade vivia o rio com a plenitude dos sedimentos que as cheias d'água o depositaram.** Bancos de areia formaram uma extensa praia em frente à avenida principal. Pessoas passavam como parte da paisagem do rio. Roupas de banho e óculos escuros eram ornamentos simbólicos do dia de sol. Guarda-sóis coloridos e caminhadas com ritmos de passeio fluíam aos arredores da vista. Famílias e amigos estavam na areia do rio. Aquele cheiro de filtro solar chegava com a brisa do rio. Havia placas indicando locais em que o curso d'água era perigoso ou não para banhar-se. Era domingo e novos bares e ocupações se faziam pela praia. Um grupo musical formado por cantores barranqueiros florescia a folia na avenida da orla. A “*cidade do sol*”, como ouvia dizer noutros tempos, estava feliz. - *Que cidade é essa? Morei por dois anos aqui e não foi assim...*

Na verdade, tudo em Pirapora cheirava essa praia em outros tempos. A orla do rio com suas pinturas e esculturas aquáticas já indicava que em outras épocas a cidade foi assim. Nos anos anteriores algumas poucas pessoas se arriscavam banhar equilibrando-se entre as pedras e os baixos barrancos com vegetação rasteira. Resultado de tanto tempo sem água corrente modelando as margens. Fotografias da década de oitenta que mostravam as multidões na praia das Gerais pareciam montagens. Eram bolsões de areias de outros tempos... Dessa vez eram novas granulometrias. Eram os sedimentos de areia que faltava! Medeiros (2016), que estudou sobre praias em vivências, experiências, descrições e literatura; elucida-nos sobre as gentes e paisagens das praias de rio, quando escreve que:

Conviver com um rio, vivendo em suas margens, chega a ser um processo de desvendamento de um ser, semelhante ao perpetuado entre as gentes, amigos, parentes e amantes. Desvendar seus humores e saber seus riscos é maneira única de se atrever nas águas. (MEDEIROS, 2016 p.94)

O rio significa e re-significa os modos de vida em suas planícies. É como Medeiros aborda: um desvendamento para o ser. **O tempo do rio sendo o tempo das pessoas naquele domingo comum me fez alcançar algumas considerações.** No verão de 2022 os afluentes de Opará varreram casas em Minas Gerais. Destruíram terras, asfaltos e construções. Levaram algumas pessoas. Causaram muito medo. A varredura líquida pelas ruas e lares também mudou o cotidiano das pessoas que vivem suas planícies. Mas nesses acontecimentos o medo e a tristeza foram os sentimentos que desaguaram. De repente essa varredura sedimentada nas margens mudou a dinâmica das cidades à jusante. O leito principal do rio se reconfigurou e levou a praia até a cidade do sol. Ali o rio passou provocando sedimentos e sentimento de felicidade depois dos tempos de cheia. **O rio tem seus próprios meandros de alegria e tristeza.**

As pessoas que vivem as margens desses rios trocam tanto com ele que fazem parte da sua paisagem dinâmica. Estão vestidas de agricultoras, lavadeiras, banhistas ou pescadoras nas suas margens. Bebem goles de suas águas e cantam suas cantigas. Se o rio traz: *Deus é quem traz*. Se o rio leva: *Deus é quem leva*. Há uma saudação sagrada que esta explícita na forma com que lidam com o rio. Num ano o rio molha todos os móveis e objetos, no outro há novos móveis e degraus na casa. Não se distanciam dessa vida porque aprendem a viver nessas margens. A relação entre os seres que habitam as margens do rio e as águas que ali percorrem é muito orgânica. **A adaptação é sazonal e os ritmos da vida são impostos pelas correntes, vazões, temperaturas, cheiros, erosões e sedimentação dessas águas.**

O povo ribeirinho que encontramos não se afirmava ribeirinho e sim: Barranqueiro. Recordo-me agora de algumas frases soltas que ouvi das pessoas enquanto estava imersa nas margens de Opará: *“do jeito que a gente gosta daqui”*; *“me lembro como foi o primeiro dia em que cheguei aqui”*; *“meu pai adoeceu e faleceu de saudade deste rio”*; *“todos os dias eu desço pra ver o rio”*; *“vivo subindo e descendo mas sempre nas barrancas do rio”*... Todas essas explanações demonstravam o quanto as vidas dessas pessoas dependem do rio e de seus movimentos. Portanto, algumas indagações iniciais dessa pesquisa foram respondidas.

Ademais há um universo de vidas não hegemônicas que beiram esses leitos. Essas descrições foram feitas num curto tempo de observação das paisagens, como trouxe anteriormente. Passamos por essas pessoas por uma vez, assim como o rio que passa no fundo de seus quintais. Mas seus **símbolos e expressões entregaram algumas considerações** assim como os rastros de uma paisagem entregam.

Seus olhares entregaram **paisagens de indecisão** sobre o real futuro dos lugares onde habitam. Entre **a negação, a entrega e a resistência** há além de tudo: **o medo**. O medo do não saber numa amplitude que não é da natureza do rio, mas sim das consequências do sistema predatório em que vivemos. As **paisagens de medo** podem gerar consequências diversas, como as que encontramos: pessoas vendendo suas terras e casas e/ou pessoas deixando de plantar por não saber se haverá tempo de colher. Há ainda dimensões não palpáveis como doenças psicológicas, ansiedades e depressões. Como Yi-Fu Tuan trouxe, é um **tipo pior de medo**, pois não é o medo de lutar contra algo feroz é o medo de **não saber se haverá alimento ou moradia nos próximos tempos**. É o medo de não haver tempo-espaco para a luta; diante das relocações compulsórias.

A negação nesse caso pode ser vista como uma espécie de proteção de uma mente que não suporta determinadas realidades de dor. A dor de se despedir do que rege sua vida até agora. A paisagem do medo nos faz caminhar tremendo. Ir sem saber se vamos voltar. Viver nesses lugares-paisagens e ter esse tipo de medo é parecido, pois **plantar em fundo de represa não faz sentido**. Comprar um barco para viver longe d'água não faz sentido. Dormir em paz sem saber se a casa onde está será fundo de uma represa em breve é mais difícil... Não saber se estará próximo do rio em breve é um tormento que gera no mínimo ansiedade. Então **estamos falando de pessoas que já estão atingidas**. E cada movimento em prol da construção do empreendimento significa mais **pressão** a essas vidas. Nosso próprio encontro com essas pessoas pode ter significado isso, pois traz à tona esse assunto. Elas sofrem pressão até o momento em que podem não aguentar mais e então entregam suas terras, casas e modos de viver em busca de algo que já tiveram antes: paz.

Nesse caminho de rio outras paisagens se desvelaram. Outro tipo de paisagem que se aflorou dos olhares dessas pessoas para o rio são as **paisagens espirituais**. As paisagens espirituais não necessariamente precisam estar em igrejas, cemitérios ou templos sagrados como Andreotti (2010) infere. Essas paisagens são aquelas paisagens significativas para a alma. São ambientes em que o corpo e a mente acessam a **dimensão profunda do ser**. A autora cita, no artigo referido, algumas paisagens que têm essa dimensão coletiva; como lugares onde relembram tragédias que levam a posições de reflexões profundas como o *World Trade Center* ou os resquícios do muro de Berlim... Ela explica que a paisagem de vales e morros pode não significar nada para alguns, mas se ela é caminho de um recanto de descanso vai significar muito para quem a percorre e ser além de uma paisagem comum... A paisagem de rio ao qual tratamos, para pessoas que habitam suas margens significa o sustento e,

portanto, a vida. O significado se ramifica em muitos, tantos que é difícil dimensionar. No segundo capítulo trouxemos um pouco dessa simbologia do rio nos diversos imaginários culturais. E ele estaria relacionado à vida em suas etapas (início, meio e fim). Essa é uma relação profunda para além da paisagem cotidiana e que fortalece essa concepção de seres-rio.

**Povos e pessoas que vivem ou viveram as margens do rio assenhoram respeito e sentimento profundo com ele.** Os barranqueiros que me disseram que perderam alguém no rio disseram que essas pessoas *se encantaram* no rio... O povo Tuxá considera que este rio é sagrado porque é onde estão seus ancestrais. A diáspora desse povo depois que teve seu território submerso pelas águas da represa de Itaparica se faz nas margens deste rio, pois este é o elo de seu território sagrado. Ribeirinhos realocados compulsoriamente do lago de Sobradinho desenterraram seus entes queridos da terra e os levaram antes da água represar suas comunidades, porque era parte da memória da vida que não queriam deixar ali. Esta represa, de Sobradinho, quando no tempo de estiagem aflora restos de topos de casas e igrejas em paisagens que exalam abandono de histórias. Expressam o luto de cotidianos. **Não há como não ser uma paisagem profunda e, portanto, uma paisagem espiritual.**

Este trabalho foi conduzido por devires de luta coletiva e pesquisa, mas também pela sabedoria do povo que vive o rio e que encontramos pelas paisagens do mesmo. Sabedorias sobre vazão, controle da água, condição de oxigenação da água, reconhecimento das áreas de pesca e reprodução das espécies... Eram boas e sinceras prosas nas varandas daquelas margens. Prosas que nos contavam o rio. É importante ressaltar que essa sabedoria conduziu a pesquisa científica. Essas sabedorias desencadearam a busca por pesquisas científicas que se aproximaram delas ou reafirmaram que o povo sabe de onde vive. **O povo conhece as dinâmicas dos trechos de rio onde vivem, o povo barranqueiro ainda sabe além de onde vivem, pois sobem e descem o rio como parte de sua cultura nômade e pendular.**

Viver nas proximidades do rio não deve ser fácil. Pois ele traz, mas também leva. Essa dinâmica conduz a formas de entender suas paisagens e a partir disso sentir conforto em estar por perto. **O risco das dinâmicas da água e até o risco do empreendimento são menores perto do que significa a paisagem do rio para essas pessoas.** Muitas afirmaram ter vivido a vida inteira nas barrancas do rio. **A característica principal deste povo barranqueiro é sempre estar nas proximidades do rio, respeitando seus movimentos. Entendendo-o e vivendo da forma que ele permite.** E, mesmo quando vivem em lugares mais urbanos sempre têm os seus momentos de pescar na ponte ou de sentar próximo às margens do rio.

O rio correndo nas paisagens dá a sensação de vida e tempo passando. Como um relógio que esta sempre tilintando seus segundos, o rio está sempre correndo nas paisagens dessas pessoas. **A relação com a vida é instantânea.** Saber quando sair para pescar e quando voltar para casa por causa da altura e velocidade do rio é entregar a ele o ir e vir. Essas dimensões são profundas. Sair sem alimento e voltar com alimento é perceber o rio como base da sobrevivência. Entender sua dinâmica e aceitar o que ele leva continuando em suas margens é percebê-lo **enquanto sagrado**. Há além de intimidade nessas relações. É o que não é palpável ao ponto que, talvez, se essas pessoas forem diretamente perguntadas não saberão responder; mas passaram as vidas nas margens do rio e não pretendem sair de perto dele por motivos muitos.

Por isso não perguntamos nada relacionado a esta pesquisa durante as imersões para as pessoas que encontramos. Apenas observamos as ações... As falas e gestos sobre essa intensa relação simplesmente afluíam nos encontros. A escuta atenta foi o maior desafio durante as imersões. Não porque os sons eram ausentes, mas porque eram onipresentes e instantâneos. Entretanto não era consciente percebê-los em totalidade. Eles diziam a paisagem. Descreviam a paisagem sonora com a intensidade dos momentos imersivos. Assim, encontramos com outra nuance das paisagens que é mais estudada no campo das letras e das literaturas: *a paisagem linguística*. Certamente passou muita coisa não descrita, pois não existia intenção consciente de desenhar esta paisagem, como já referido. Mas, do que conseguimos descrever revelaram-se interpretações. Assim como os citados Dravet e Castro (2020) identificam na obra de Guimarães Rosa uma linguagem que revela as fronteiras, limites e portanto a geografia que o autor tecia; a descrição do diário de bordo também revelou um rastro dessa paisagem da linguagem. **Há o timbre e sotaque nessas vozes que pode identificar as paisagens das margens do Opará mineiro até mesmo com os olhos vedados.** No apêndice há o destaque para algumas das frases que estão nos diários. Essas falas descritas revelaram um pouco de uma paisagem-sonora-linguística que contribui com a descrição daquelas paisagens.

Pensar nessa paisagem sonora linguística não é possível sem a brisa e o som d'água ao fundo. É uma linguagem que se mistura naquelas paisagens. São também partes das paisagens. Portanto, elas apareceram como fragmentos nas descrições. Pequenos exemplos de timbres que se repetiam comunidade por comunidade. É necessário um aprofundamento nesses encontros sonoros das paisagens, pois podem haver outros desdobramentos e justificativas para tal. Como por exemplo uma justificativa que envolve a origem e

ancestralidade das pessoas que encontramos. A maioria das pessoas que nos encontramos era negra, talvez uma justificativa também se ancore no que Lélia Gonzalez chamou de *pretuguês*, ou expressões de afrodescendentes que revelam a história desse encontro compulsório de línguas. Expressões essas que precisam ser preservadas. As descrições densas são ferramentas que podem contribuir com essa preservação. No início das descrições este manuscrito não era uma pesquisa e não existiam essas questões específicas ou intenção de captar uma paisagem sonora. Porém, havia curiosidades nestas descrições que se encontraram as próprias questões da pesquisa que foram surgindo na pesquisa depois. Meandar por essas paisagens linguísticas também é um caminho que pode ser aprofundado. Um importante caminho que diz do espaço, do lugar e do tempo.

Antes, escrevia para mim mesma e, depois, a linguagem do próprio texto mudou um pouco, pois escrevia, mesmo que em um diário, para uma dissertação. A literatura, como jeito próprio de escrever, desvelou também um pouco da geografia das Gerais durante as descrições e por isso a decisão de manter a densidade descritiva é parte importante da ferramenta. **Acredito que outros alcances possam surgir a partir da descrição densa, das lacunas das vivências que não se tornaram experiências, mas que estão descritas nos diários.**

Ademais, é muito importante salientar nessa despedida de capítulo que: aqui **há um esforço enorme em tratar com respeito todos os seres e entidades que são e vivem este rio**. Não me entendo como um ser de fora desta bacia, mas mesmo assim reconheço que fui uma caminhante aprendiz. Escutei, aprendi e reconheci a importância que essa veia da Terra tem e por isso deve ser protegida. Que Opará siga corrente! Quando cheguei perto do leito de Opará pela primeira vez e entendi que o córrego que transbordava na janela do meu quarto nos verões chuvosos era parte das águas, senti uma força enorme que parecia mesmo a força daquelas cheias. Força que já estive em diários da infância. Força que certamente conduziu a essas descrições; que me tirou do lugar de contemplação para o de defesa... Força que movimenta muitos.

Existem várias organizações que atuam na defesa deste rio em distintas escalas. Essas organizações são de níveis locais, regionais, territoriais e globais. No seu alto, médio e baixo curso há diferentes comunidades com o mesmo impulso de luta que parece nascer do vínculo pessoal de cada um com as águas dessa grande bacia em território brasileiro. Esses vínculos se encontram a outros e se solidarizam formando comunidades em defesa do rio. Há diversos caminhos e ações de revitalização, proteção e preservação de Opará. Órgãos

populares, estatais, ong's, institutos e outras organizações se dedicam à saúde deste rio. Entretanto, há outros entes com grandes poderes econômicos. Poderes que conduzem maquinários removendo terras e contendo águas. Essas pessoas ou organizações alcançaram uma distópica relação ser-Terra. Oprimem e acreditam dominar a natureza. Não a percebem estando sobre ela. Ou sendo parte dela. Parecem ocas do essencial. Mas, como cantou o poeta “*eles são muitos, mas não podem voar*”. Esperamos que os novos ares políticos possam conter essas forças contrárias e suas cegueiras nocivas a existência na Terra. E quando tudo isso passar, quero voltar à foz de Formoso. Mergulhar novamente no mesmo, escutar seus murmúrios e descrever sua paisagem. Pois ela estará com água, folha e céu sempre novos.

Enfim, não há um fim. O rio segue. Outros enredos vão sempre ocupar essas águas e margens. Que as águas e enredos sejam correntes e não barrados. Que sigam livres: *terra, água, rio e povo!*

Omi ní şàn lófẹẹ sínú Òkun!  
Águas fluam livremente para dentro do Mar!

## REFERÊNCIAS

- ANDREOTTI, G.; GABRIEL, K. Paisagens do espírito: a encenação da alma. **Ateliê Geográfico**, Goiânia, v. 4, n. 4, p. 264–280, 2011. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/atelie/article/view/16677>. Acesso em: 16 mar. 2023.
- ALMEIDA, M. G. DE. O geógrafo fenomenólogo: sua oralidade e escrita no/do mundo / The phenomenological geographer: his speech and writing of/in the world. **Geograficidade**, v. 10, n. Especial, p. 38-47, 6 out. 2020.
- ALVES, L. G. SOUZA, S. R. A representação do mito de Perséfone mencionado na teogonia hesiódica e descrito no hino homérico a Deméter na Ática arcaica. **Religare**: Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da UFPB, [S. l.], v. 16, n. 2, p. 714–734, 2019. DOI: 10.22478/ufpb.1982-6605.2019v16n2.45080. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/religare/article/view/45080>. Acesso em: 16 mar. 2023.
- AMARAL, A. R. P. A barragem de Sobradinho e os atingidos de Sento-Sé-Ba. In: Congresso Nacional da Diversidade do Semiárido, 2018, Campina Grande. **Anais [...]**. Campina Grande: Realize Editora, 2018. p. 1-10.
- ARQUIVO NACIONAL. **Discurso do presidente da República Juscelino Kubitschek, inaugurando as obras da Barragem de Três Marias**. Fundo documental, 15 de Setembro de 1965.
- BELLO, Angela Ales. **Pessoa e Comunidade**: Comentários: Psicologia e Ciências do Espírito de Edith Stein. Belo Horizonte: Artesã, 2015. 160 p.
- BERQUE, Augustin. Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998b, p.84-91
- BESSA, Alice. Diário a bordo do fim dos tempos da colheita, equinócio de outono, 2021. **Blog do NPGEOH**. Disponível em: <[www.npgeoh.blogspot.com](http://www.npgeoh.blogspot.com)>. Acesso em: 10 de ago. de 2022.
- BESSA, Alice. Das avenidas centrais mineiras até o alto dos becos pernambucanos: Um diário de bordo que trança os fios do maracatu. **Blog do NPGEOH**. Disponível em: <[www.npgeoh.blogspot.com](http://www.npgeoh.blogspot.com)>. Acesso em: 10 de ago. de 2022.
- BRASIL. **Decreto nº 10.370, de 22 de Maio de 2020**. Dispõe sobre a qualificação da usina hidrelétrica planejada UHE Formoso no âmbito do Programa de Parcerias de Investimentos da Presidência da República. Brasília, 2020.
- BRASIL; **Portaria MMA nº 148, de 7 de junho de 2022**. Altera os Anexos da Portaria nº 443, de 17 de dezembro de 2014, da Portaria nº 444, de 17 de dezembro de 2014, e da Portaria nº 445, de 17 de dezembro de 2014, referentes à atualização da Lista Nacional de Espécies Ameaçadas de Extinção. Brasília, 2020.
- BRASIL. **Programa de Parcerias de Investimentos**: Apoio ao Licenciamento Ambiental da UHE Formoso. 2020. Disponível em: <[portal.ppi.gov.br/uhe-formoso-mg](http://portal.ppi.gov.br/uhe-formoso-mg)>. Acesso em: 02 jun. 2022.
- BRASIL; MME – Ministério de Minas e Energia; EPE – Empresa de Pesquisa Energética. **Plano Nacional de Energia (PNE) 2050**. Rio de Janeiro, 2020.



- BROSSEAU, Marc. Geografia e Literatura. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (Org.). **Geografia cultural: uma antologia**, Vol. 2 (p. 428). Rio de Janeiro: EDUERJ, 2013.
- BRUNHES, Jean. **Geografia humana**. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, 1ª edição brasileira, 1962.
- CHAVELIER, Jean (Org.). **Dicionário de Símbolos**: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. 33. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2019.
- CLAVAL, Paul. A paisagem dos geógrafos. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). **Paisagens, textos e identidade**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2012. p. 13-74.
- CLAVAL, Paul. Etnogeografias – Conclusão. **Espaço e Cultura**. Rio de Janeiro: UERJ, n.7. p. 69-74, 1999.
- CONSTRUTORA QUEBEC LTDA. **Ficha de Caracterização de Atividade UHE Formoso**. SEI: IBAMA, 2018.
- COSGROOVE, Denis E; JACKSON, Peter. Novos Rumos da Geografia Cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org). **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- DARDEL, Eric. **O Homem e a Terra**: Natureza da realidade geográfica. São Paulo: Ed. Perspectiva S.A. 2011.
- DICIONÁRIO. **Oxford Languages**. Oxford University Press. Oxford. 1990.
- DRAVET, F., & CASTRO, G. de. Geografia real e imaginal em Grande Sertão: veredas. **Revista Brasileira De Literatura Comparada**, v.22, p. 37- 49, 2020.
- EIA - ENERGY INFORMATION. **Electricity**: Hydroelectricity Administration (billion kWh). 2020. Disponível em: <<https://www.eia.gov>>. Acesso em: 10 jun. 2022.
- EPE – Empresa de Energética. **Considerações sobre a Expansão Hidrelétrica nos Estudos de Planejamento Energético de Longo Prazo**. Rio de Janeiro, 2018.
- FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa**. Mulheres, corpo e acumulação primitiva. São Paulo: Editora Elefante, 2017.
- GALDINO, Antônio; MASCARENHAS, Sávio. **Paulo Afonso**: de pouso de boiadas a redenção do Nordeste. Paulo Afonso-BA: Câmara Municipal de Paulo Afonso, 1995.
- GEERTIZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2015.
- GOMES, J. P. C. SALVADOR, G. N. CASARIM, R. POMPEU, P. S. BRITO, M. F. G. ANDRADE, F. R. ALVES, C. B. M. PRADO, I. G. PESSALI, T. C. VIEIRA, F. Hydropower construction plans threaten the largest Brazilian national river. **Aquatic Conserv. Mar Freshw Ecosyst**, v. 30, n. 12, p. 1-2, 2020.
- GUERRA, Antônio Teixeira. **Dicionário geológico-geomorfológico**. Rio de Janeiro: IBGE, 1987.
- HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Campinas, SP: Editora da Unicamp; Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2012.
- HOLZER, W. A geografia humanista: uma revisão. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org.). **Geografia cultural: uma antologia**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2012. p. 165-178. v. 1.

HUSSERL, Edmund. **A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental**: uma introdução à filosofia fenomenológica. Rio de Janeiro: Ed Forense, 2012.

IEPHA – Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais. **Inventário Cultural do Rio São Francisco**. Belo Horizonte, 2015.

INGOLD, T. FIORI, A. L. ANDRADE, J. A. A. D. TESTA, A. Q. TAMBUCCI, Y. B. Diálogos Vagueiros: vida, movimento e antropologia. **Porto Urbe**, v. 11, 2012.

FEARNSIDE, Philip M. Gases de efeito estufa em hidrelétricas da Amazônia. **Ciência Hoje**, v. 36, n. 211, p. 41-44, 2004.

LARCHER Pinto, L. O diário de bordo e suas potencialidades pedagógicas. **OuvirOUver**, v. 15, n. 1, p. 100-111, 2019.

LOVELOCK, JAMES. **Gaia**: cura para um planeta doente. São Paulo: Cultrix, 2006.

MACHADO, M. M. M. O diário de bordo como ferramenta fenomenológica para o pesquisador em artes cênicas. **Sala Preta**, v. 2, p. 260-263, 2002

MEDEIROS, A. L. N. **A lenta dança do mar na costa ou uma leitura sensível da grafia das ondas**. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017. 161 p.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **A Natureza**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Signos**. São Paulo: Martins Fontes, 1991

MOURÃO, Israel Pereira. **Vida em Versos**: Gardel. Pirapora (MG): Clube Literário Tamboril, 2021.

NARRADORES DE JAVÉ. Direção: Eliane Caffé. Classificação Livre; Brasil, 2003.

NEEPES-FIOCRUZ, Núcleo Ecologias Epistemologias e Promoção emancipatória da saúde. **Mapa de conflitos**: injustiça ambiental e saúde no Brasil. 2010. Disponível em: <mapadeconflitos.ensp.fiocruz.br>. Acesso em: 26 jun. 2022.

NOGUEIRA, Amélia Regina Batista. **Mapa Mental**: recurso didático no ensino de Geografia no 1º grau. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana, Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo 1994.

NOGUEIRA, Amélia Regina B. Geografia e a experiência do mundo. **Geografia**, v. 45, n. 1, jan./jun. 2020.

OLIVEIRA, Joycelaine Aparecida de. **Ciclo de águas e vidas**: O caminho do rio nas vozes dos antigos vaporzeiros e remeiros do São Francisco. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2009. 144 f.

OLIVEIRA, Sebastião José Marques. **Navegando de Pirapora a Juazeiro**: uma viagem fotográfica. Editora não identificada. Fonte: Ebook kindle Amazon, 2022. 134 p.

PAIVA, Daniel. Teorias não-representacionais na geografia I: Conceitos para uma geografia do que acontece. **Revista Portuguesa de Geografia**, v. 3, n. 106, p. 159 - 168, 2017.

PEREIRA, Adriana Rodrigues. **O paradoxo do progresso**: um estudo sobre o fim da navegação a vapor no médio São Francisco (1957-1972). Dissertação (Graduação em História) - Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas., Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2021. 134 f.

QUEIROZ, Rachel de. **Dôra, Doralina**. Rio de Janeiro: J.O, 2020. 302p.

O SOL DO MEIO DIA. Direção: Eliane Caffé. Classificação Livre; Brasil, 2009.

ROBLES, Martha. **Mulheres, Mitos e Deusas**: O feminino através dos tempos. São Paulo: Aleph, 2006.

ROSA, João Guimarães. **Manuelzão e Miguilim**: (Corpo de Baile). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão**: veredas. 19ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, (1986) 2001.

SAMS, Jamie. **As cartas do caminho sagrado**: a descoberta do ser através dos ensinamentos dos indígenas norte-americanos. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A crítica da razão indolente**: contra o desperdício da experiência. São Paulo: Cortez, v. 1, 2002.

SAUER, Carl O. A morfologia da paisagem. In: CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

SAUER, Carl. Geografia Cultural. In: CORRÊA, LR. ROSENDAHL, Z (Org.). **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

SHAMA, Simon. **Paisagem e Memória**. São Paulo: Companhia das Letras. 1996

SIQUEIRA, Rubem. De Sobradinho à transposição: para onde corre o São Francisco? Mesa Redonda. In: I Encontro Ciências Sociais e Represas; II Encontro Ciências Sociais e Barragens, 2007, Bahia. **Anais [...]**. Salvador: UFBA, 2007, p. 01-08.

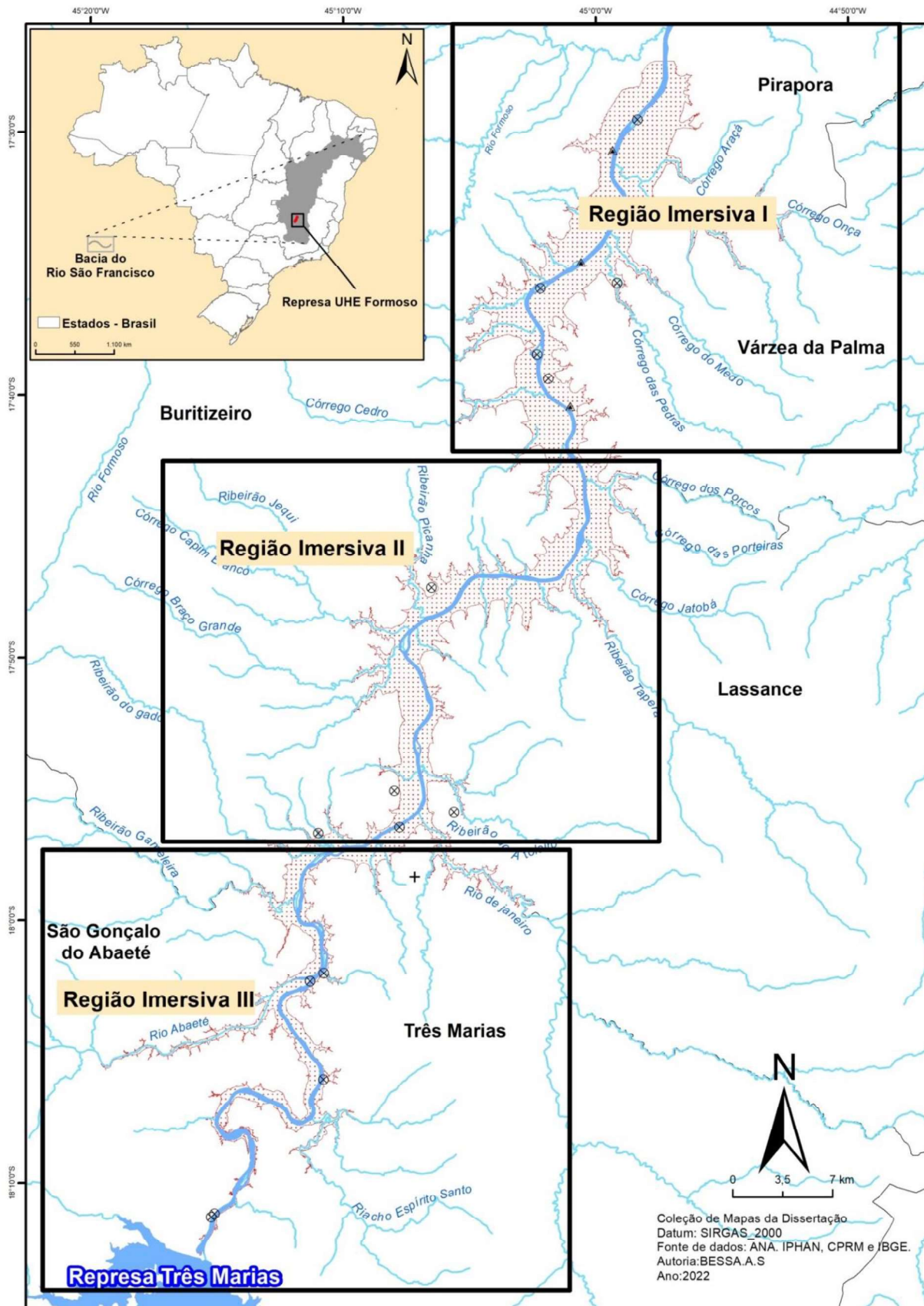
STEIN, Edith. **Sobre el problema de la empatia**. Madrid: Editorial Trotta, S.A. 2004

TUAN, Yi- Fu. **Paisagem do medo**. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

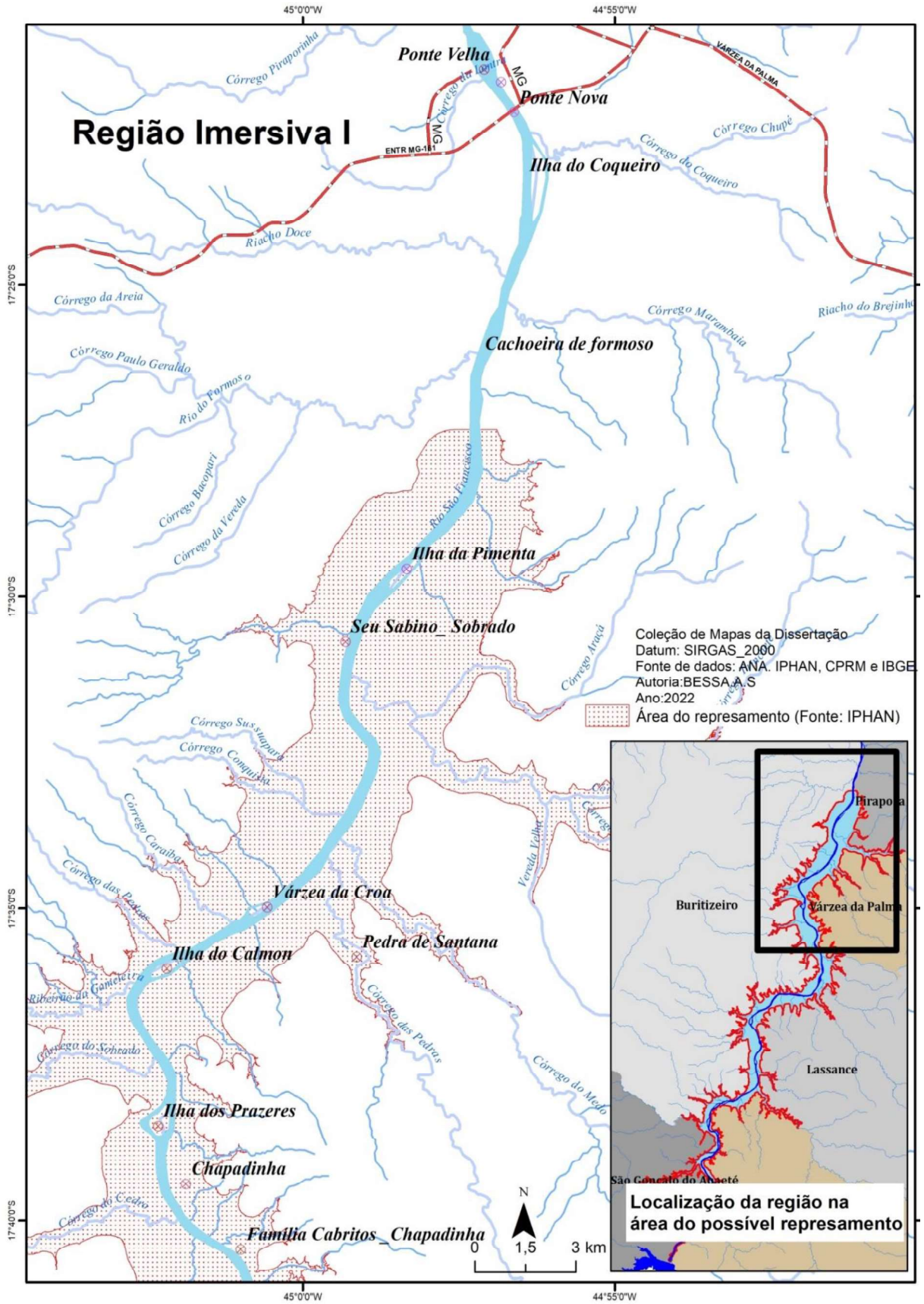
ZITZKE, V. A. **A Rede Sociotécnica da Usina Hidrelétrica do Lajeado (TO) e os reassentamentos rurais das famílias atingidas**. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas, Sociedade e Meio Ambiente) - Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, Sociedade e Meio Ambiente, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007. 316 p.

## APÊNDICE

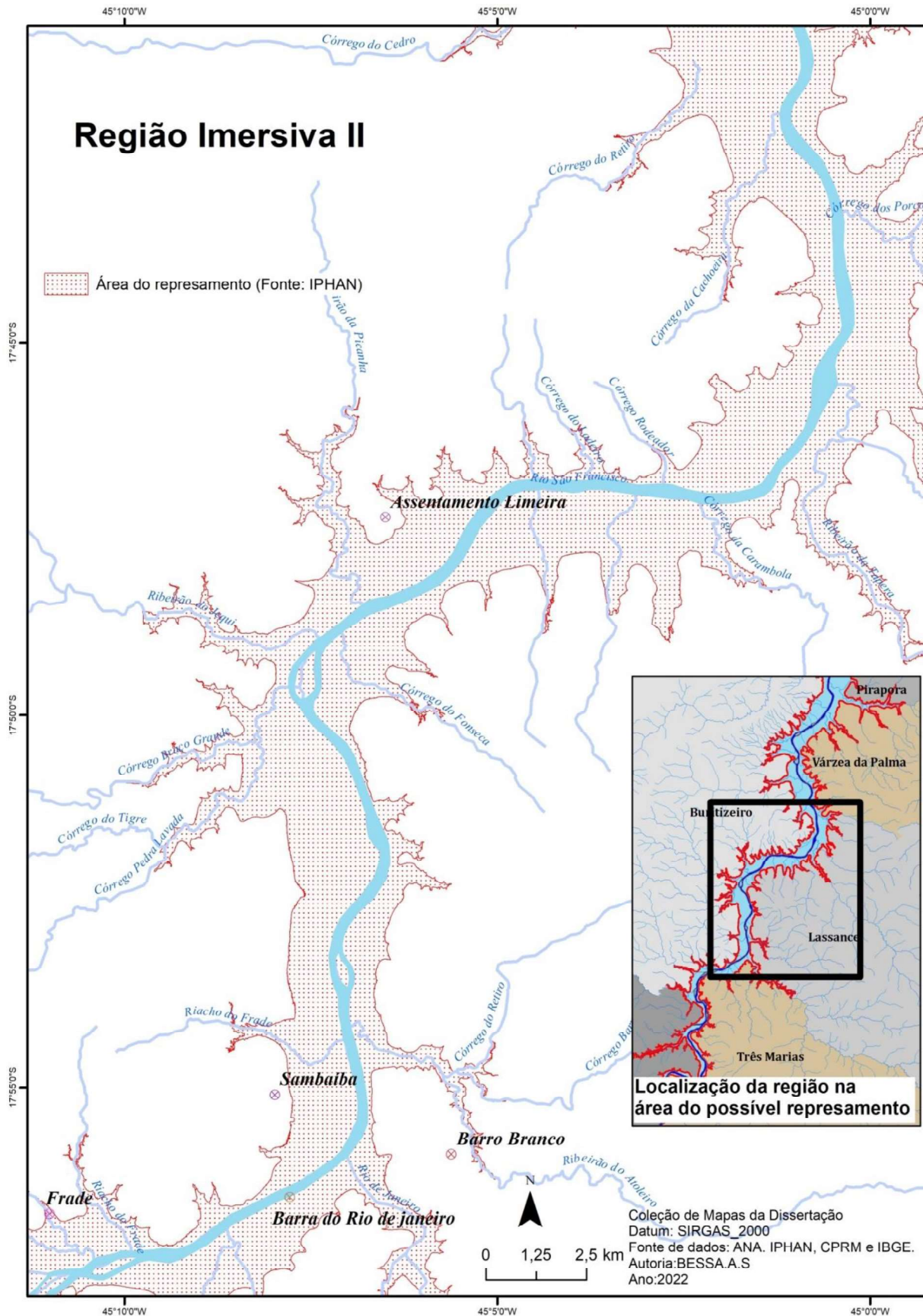
### Apêndice A - Mapa base da coleção das Regiões Imersivas



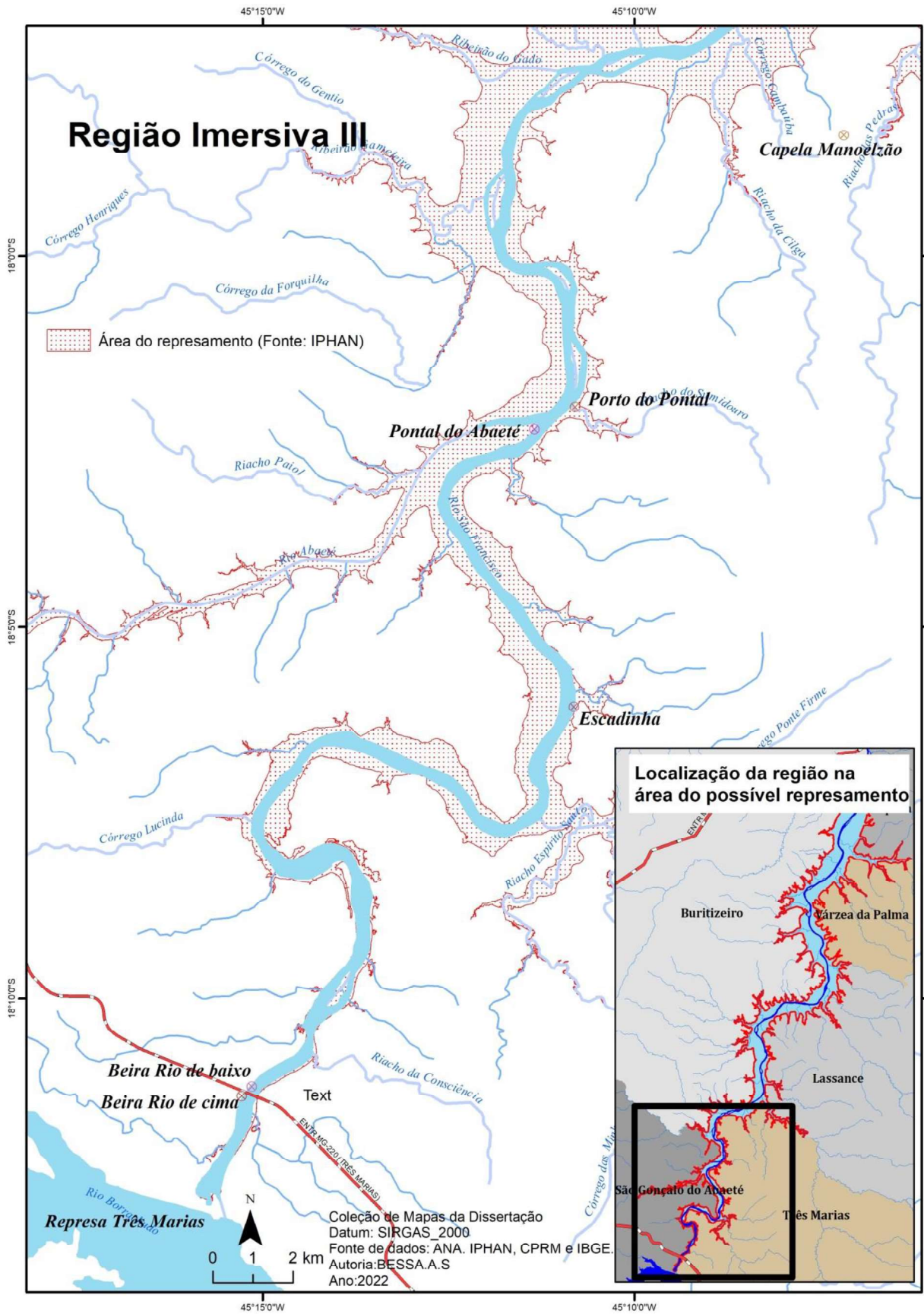
### Apêndice B - Mapa da Região Imersiva I



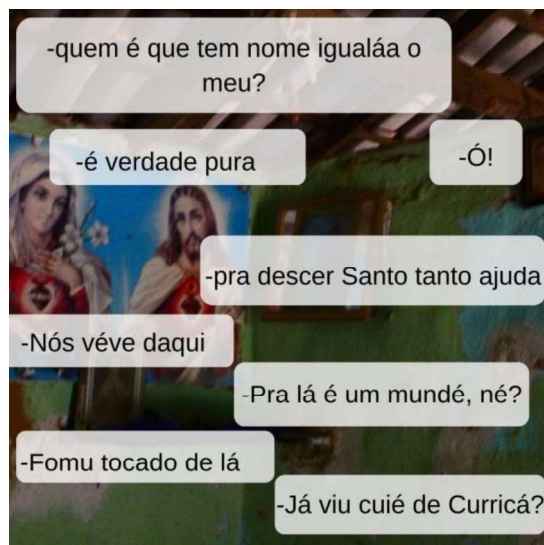
Apêndice C - Mapa da Região Imersiva II



Apêndice D – Mapa da Região Imersiva III



**Apêndice E-** Mosaico de Fotografias do Diário e exemplos de Morfologia Linguística da Paisagem [Extraídos da defesa dessa dissertação]





## Apêndice F – Memorial

### **MEMORIAL**

*[Texto elaborado como exigência para a qualificação no PPGEQG –UFAM]*

*O mundo que vim.*

Salve! Apresento-me: sou nomeada Alice de Bessa Silva. Vou repousar um pouco em memórias que me foram contadas para explicar sobre onde cheguei quando vim ao mundo. *Bessa* é nome que me vem do meu ancestral avô materno. Sô José Bonifácio de Bessa, o vô Zé, foi pessoa política e sertaneja bem simples. Contou-me a história de que seu bisavô veio da Itália ao Brasil junto de um irmão. Chegaram por Pernambuco. Um foi enviado para o Acre e o outro para as Minas Gerais. Segundo ele, toda pessoa que tem Bessa no nome, aqui no Brasil, tem algum parentesco com esses dois irmãos. Entretanto, a preposição “de” que há nos nossos nomes já me fez acreditar que foram pessoas escravizadas. De toda forma resumiria que são pessoas de carne política. Hoje, acredito que vários *Bessas* vieram depois deles ao Brasil e há diferentes famílias. O *Silva* foi herdado da ancestral paterna: vô Mariazinha Silva. Ela não gostava de contar sobre seu passado. Gostava mesmo era de cantar samba. Sua vida encarnada beirou um século. Existem algumas versões... Vou resumir em: história de preta Silva. *Alice* foi nome que meu pai colocou, disse ser por causa do livro do Lewis Carrol ‘*Alice in wonderland*’. Há outras versões dessa história também...

Meu pai nasceu no Espírito Santo (Colatina) e cresceu em Belo Horizonte (MG). Foram para lá porque meu avô sofreu de tuberculose; foram em busca dos ares de cura da montanha, segundo meu pai. Meu avô Seu Nemézio Gonçalves, era um boticário; hoje essa profissão seria similar a um farmacêutico. Ele desencarnou muito novo deixando muita responsabilidade nas mãos do filho mais velho; o Elcinho Renato Silva, meu pai. Élcio teve muitas funções profissionais na vida que começaram sendo um entregador que caminhava pelas ruas belas horizontinas até se tornar um servidor público na Petrobrás.

Maria Aparecida de Bessa, minha mãe, deixou o arraial próximo a Pará de Minas (MG) - uma ocupação onde a primeira a chegar foi minha ancestral bisavó - para tentar uma vida melhor na capital mineira. Estudou apenas até aprender a ler no arraial e começou a trabalhar bem cedo. Trabalhou e trabalha em comércios e supermercados. Gosto das recordações da família materna quando meus avós ainda estavam entre nós. São memórias intensamente católicas; cores de noites em terços cantados sobre o chão batido, folias de reis,

nossas senhoras do rosário, missas, congado e hasteamentos de bandeiras santas no quintal da casinha que viviam. Minha ancestral avó Maria das Neves era ministra da eucaristia no arraial... Ainda levantamos a bandeira do Santo Antônio nos junhos daquele terreiro.

Nasci no inverno de Julho de 1989 no bairro Lagoinha em Belo Horizonte. Fui criada em várias casas e bairros da Região Metropolitana de Belo Horizonte. Na cidade de Contagem vivi minha infância e adolescência. Parte da infância foi no bairro Eldorado, porta da favela do Marimbondo e outra parte na rua de cima do córrego Jardim Riacho, micro bacia do ribeirão Arrudas. Este rio encontra o rio das Velhas; afluente na bacia do São Francisco. Ao ingressar na faculdade morei em bairros pericentrais de Belo Horizonte por cerca de sete anos e ao formar morei em algumas cidades interioranas de Minas (Caetanópolis, Paraopeba, Jequitibá, Baldim, Pirapora e atualmente Ponte Nova). Sou docente de geografia em escolas básicas públicas municipais e estaduais e trabalhei nessas cidades mineiras além de Belo Horizonte.

#### *Caminho formativo e profissional*

Formei-me no ensino fundamental na escola SESI<sup>104</sup> Alvimar Carneiro de Rezende e no ensino médio no CENTEC<sup>105</sup>; colégio público municipal de Contagem. Durante o ensino fundamental estudei dança em diversas modalidades. No ensino médio fiz cursos de literatura, poesia e de teatro. Pensei muito sobre cursar teatro, letras ou dança na universidade. Durante a faculdade trabalhei com teatro, dança e como batuqueira de maracatu. Também participava de movimentos estudantis no colegial e movimentos urbanos em Belo Horizonte durante a universidade. Busquei a geografia tentando entender mais sobre o mundo que já havia me mostrado algumas de suas faces. Além disso, tive vontade de ser professora desde a infância; então já havia alguma fogueira de mudança através da educação em mim.

Iniciei no curso de geografia na PUC<sup>106</sup> Minas (2008) com bolsa integral do PROUNI<sup>107</sup>, quando Fernando Haddad foi ministro da educação. O curso tinha ênfase em geoprocessamento e foi uma imersão nas cartografias digitais para mim. Essa fase foi muito importante no meu processo de formação. Através de um concurso de redação municipal da prefeitura de Contagem - gestão do Partido dos Trabalhadores (PT) - tive meu primeiro computador portátil. Esses impulsos foram essenciais para que seguisse nos estudos. Na

---

<sup>104</sup> Serviço Social da Indústria

<sup>105</sup> Centro de Ensino Técnico de Contagem

<sup>106</sup> Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

<sup>107</sup> Programa Universidade para todos

minha família materna não havia cultura de formação educacional para as mulheres. Portanto, estudar sempre foi caminho de resistência. Mas, mesmo sem arcar com as mensalidades da faculdade, custear os estudos de um curso diurno sem trabalhar com remuneração digna não era fácil.

Depois de fazer alguns períodos neste curso não o concluí. Em 2011 ingressei no curso de Geografia da UFMG<sup>108</sup>, formei primeiro no bacharelado (2014) e depois na licenciatura (2016). Nos primeiros quatro anos de curso, diversos benefícios e auxílios da assistência universitária da UFMG (FUMP) me permitiram seguir e morar perto do campus universitário.

Durante toda minha formação, houve distintas vertentes da geografia que me chamaram atenção e, portanto, tenho experiências em diferentes áreas. Comecei realizando uma iniciação científica pela FAPEMIG<sup>109</sup>; pesquisava a sacralidade que envolve grutas e cavernas. Era um projeto do Prof.º Dr.º Luiz Eduardo Panisset Travassos, onde, apesar da dimensão da geografia humanista me enveredei pelas gêneses da geomorfologia cárstica. Acredito que ainda não estava preparada para compreender a relação humanista. Fui estagiária de cartografia no centro de climatologia da PUCMinas, o TempoClima. Era um trabalho de monitoria das imagens de satélite e dos movimentos de massa; onde, sobretudo, produzíamos mapas. Depois, trabalhei com projetos de escola integrada na área da educação, de forma voluntária, com estudantes do município de Contagem. Também escrevi, junto ao Prof.º Dr.º Guilherme Taitson Bueno, um projeto para seleção do PROBIC<sup>110</sup> sobre a gênese dos solos nas formações cársticas em Sete Lagoas (MG). Esse projeto foi aprovado, porém, o resultado saiu quando havia sido aprovada também no curso de geografia da UFMG. Precisei fazer uma escolha que não foi fácil no meu percurso acadêmico.

Na UFMG, meus primeiros trabalhos foram produzir mapas para doutorandos e mestrandos dos cursos de pós-graduação. No laboratório de geomorfologia tive experiências com amostras da Serra da Mantiqueira, preparando-as para medições do Isótopo B12... Acredito que, nessa fase, começou uma mudança na minha direção na geografia. Esse trabalho macro, que analisava o histórico de formação da Serra da Mantiqueira, era estritamente da área física e me fez repensar o que significava a geografia e qual percurso iria seguir. Depois de um período de transformações profundas e de leituras de autores como Harvey, Lefebvre, Paulo Freire, Coosgrove, Bourdieu, Debord, Yi Fu Tuan... Trabalhei como

---

<sup>108</sup> Universidade Federal de Minas Gerais

<sup>109</sup> Fundação de amparo à pesquisa de Minas Gerais

<sup>110</sup> Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica

estagiária com a atualização das bases e georreferenciamento dos loteamentos de terrenos da capital mineira na PRODABEL<sup>111</sup>. Estagiei, ainda nessa área urbana, com planos diretores habitacionais de municípios em uma pequena empresa de engenharia e arquitetura (IMAI) que realizava esses trabalhos de forma terceirizada para as prefeituras de cidades pequenas e médias sudestinas.

Através do PIQEG<sup>112</sup> realizei mais uma iniciação científica; onde trabalhamos com a construção de materiais pedagógicos de nível superior para o ensino de bacias hidrográficas. O córrego Acaba Mundo na cidade de Belo Horizonte foi nosso objeto de estudo e criação de materiais. Antes de finalizar o bacharelado, trabalhei com uma bolsa de iniciação à docência no Centro Pedagógico da UFMG. Esta experiência foi interessante porque ali propus duas disciplinas que lecionei no ensino integrado da escola. Uma sobre a geografia dos ritmos musicais e outra sobre bacias hidrográficas. Havia um tempo em que me reconhecía enquanto batuqueira de maracatu e essas relações estavam começando a serem tecidas no meu pensamento. Ali também começaram a aflorar os caminhos que percorro hoje como docente e como geógrafa.

Minha primeira ideia de projeto de conclusão de curso foi fazer uma relação das descrições literárias do livro *Manuelzão e Miguilim*<sup>113</sup> e as geomorfologias mineiras. Mas como estava buscando orientação com professores na área da geomorfologia não houve abertura. Não conhecia perspectivas liberais na geografia e não encontrava sentido em fazer com professores que não eram da área da geomorfologia; porque precisaria de geomorfologia e literatura no trabalho. Fui convencida de que era um trabalho denso e que apenas seria possível em um doutorado. Inicialmente, o trabalho de conclusão se transformou na análise de movimentos de massas de encostas em solos e saprolitos de algumas vertentes mineiras com diferentes materiais geológicos. O trabalho de pesquisa I foi defendido nesse tema com sucesso. Ele já estava nos resultados e faltavam apenas as considerações finais para a defesa. Estava com muita dificuldade em fazer porque havia pouco interesse da minha parte na pesquisa. No meio do percurso de escrita comecei a me perceber muito mais envolvida com trabalhos da área cultural do que da área física. Acabei fazendo mais uma difícil decisão do meu percurso na geografia. Lembro que, virei uma noite em que precisava realizar o trabalho de conclusão lendo artigos da área cultural e amanheci decidida a trabalhar com o campo da

---

<sup>111</sup> Empresa de Informática do Município de Belo Horizonte

<sup>112</sup> Programa de Inovação da Qualidade de Ensino.

<sup>113</sup> Obra de Guimarães Rosa

abordagem cultural na geografia. Havia um pássaro conhecido popularmente por *Alma-de-Gato* na minha janela, naquela manhã.

Meu trabalho de conclusão de curso, orientado pela Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maria Luiza Grossi foi sobre a expansão do maracatu na cidade de Belo Horizonte na primeira década do século XXI. Mas alcançou mesmo, uma descrição imersiva de uma viagem até Recife, onde esta a sede da Nação Estrela Brilhante de Maracatu. Na banca da defesa a Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Virgínia Palhares me indicou a obra do Eric Dardel e me perguntou se já havia ouvido falar em fenomenologia... Indicando algumas trilhas para justificar o que estive fazendo.

Depois de formada no bacharelado, trabalhei em um projeto de extensão da UFMG, com as professoras doutoras Janise Bruno e Valéria Amorim, em uma comunidade em área de conflito de mineração. Trabalhamos com memória e identidade através de intervenções na escola e nos eventos festivos da comunidade de André do Mato Dentro em Santa Bárbara. Ao terminar a licenciatura fiquei cinco anos longe da universidade, mas participei de alguns encontros do NPGEOH - Núcleo de Pesquisa em Geografia Humanista da UFMG. Desejei muito voltar e seguir os estudos nesse caminho humanista em si. Acredito que esse campo é unificador na geografia e não se limita ao campo cultural. A geografia que espero para o futuro é menos dicotômica e faz mais relações sociais, orgânicas e além de racionais entre os seres humanos e a Terra.

### *De Opará ao Rio Negro*

As pessoas sempre me perguntam como cheguei até aqui. Onde estou agora, em Manaus (AM); escrevendo essa qualificação de mestrado. Bem; ao que tudo indica o interesse pelas águas doces começou no córrego da infância (Jardim Riacho) e ampliou para a escala de bacia do rio Opará (Rio São Francisco). Ver aquele córrego transcender o asfalto nos janelos eram paisagens intensas da janela do meu quarto. Os olhares para aquela bacia, que foram se expandindo em paisagens, lugares e regiões, me trouxeram até a maior bacia hidrográfica do mundo. Ainda estou refletindo sobre tudo que isso significa. Antes de morar em Pirapora, nas margens do Velho Chico, fiz uma viagem até Manaus. Essas duas cidades têm alguns pontos em comum. Foram onde vi na paisagem grandes embarcações de rio. Em uma, várias embarcações no porto; chegadas e partidas em fluxo. Em outra, um antigo barco a vapor ancorado. Símbolo que expressa a memória de um rio que já foi navegado por grandes embarcações fluviais. Rio que foi de chegada e partida do povo que faz a história da cidade de Pirapora e do norte de Minas. Portos que significaram a conexão de um tempo entre o povo de

vários pontos do nordeste e o povo do sudeste. Migrações que conduziram contextos históricos desse país e suas regiões. Lugar onde as pessoas desciam do barco e subiam no trem. Seguiam para São Paulo, outras cidades sudestinas ou ficavam por ali mesmo.

As paisagens onde essas embarcações estão me faziam recordar da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Amélia Regina B. Nogueira, sua tese sobre a geograficidade dos navegantes de embarcações. Quando a conheci no SEGHUM<sup>114</sup> em Diamantina me inspirei com sua forma de apresentar a geografia humanista através da literatura aos graduandos. Além disso, sua postura, que através de suas expressões me apresentou alguém que aproxima o discurso da ação de maneira orgânica. Naquele evento já quis ser-entender mais aquela geografia. Estudei alguns de seus trabalhos e identifiquei que havia bastante tempo que essa geógrafa traçava esse caminho humanista no Brasil. Ainda era graduanda da UFMG. Depois de cinco anos como docente da escola básica, retomei algumas leituras e comecei a estudar os editais do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Amazonas, onde Amélia é docente. De Opará até o Rio Negro hoje tecemos nossas trocas nesse processo de construção da dissertação.

Antes de me enveredar na percepção dos ribeirinhos pelo rio, tive interesse em trabalhar com gênero/sexualidade. Sobretudo, sobre a geograficidade das mulheres... Ideias e proposições que me conduziram a alguns cursos e elaboração de artigos. Mas o rio da minha vida me levou até este trabalho – e isso será explicado na introdução. Quase desisti de tentar o mestrado porque descobri que o edital estava aberto de última hora, mas fui encorajada pela própria orientadora que me disse que mesmo com o prazo curto (2 dias) para escrita do projeto; *quando as coisas precisam acontecer elas simplesmente acontecem*. Fez-me recordar de uma frase do Grande Sertão: Veredas de João Guimarães Rosa, que nos clarifica: -‘*o que tem de ser tem muita força, tem uma força enorme*’. Em 2021, ingressei no PPGEOG da UFAM, com a melhor nota do concurso.

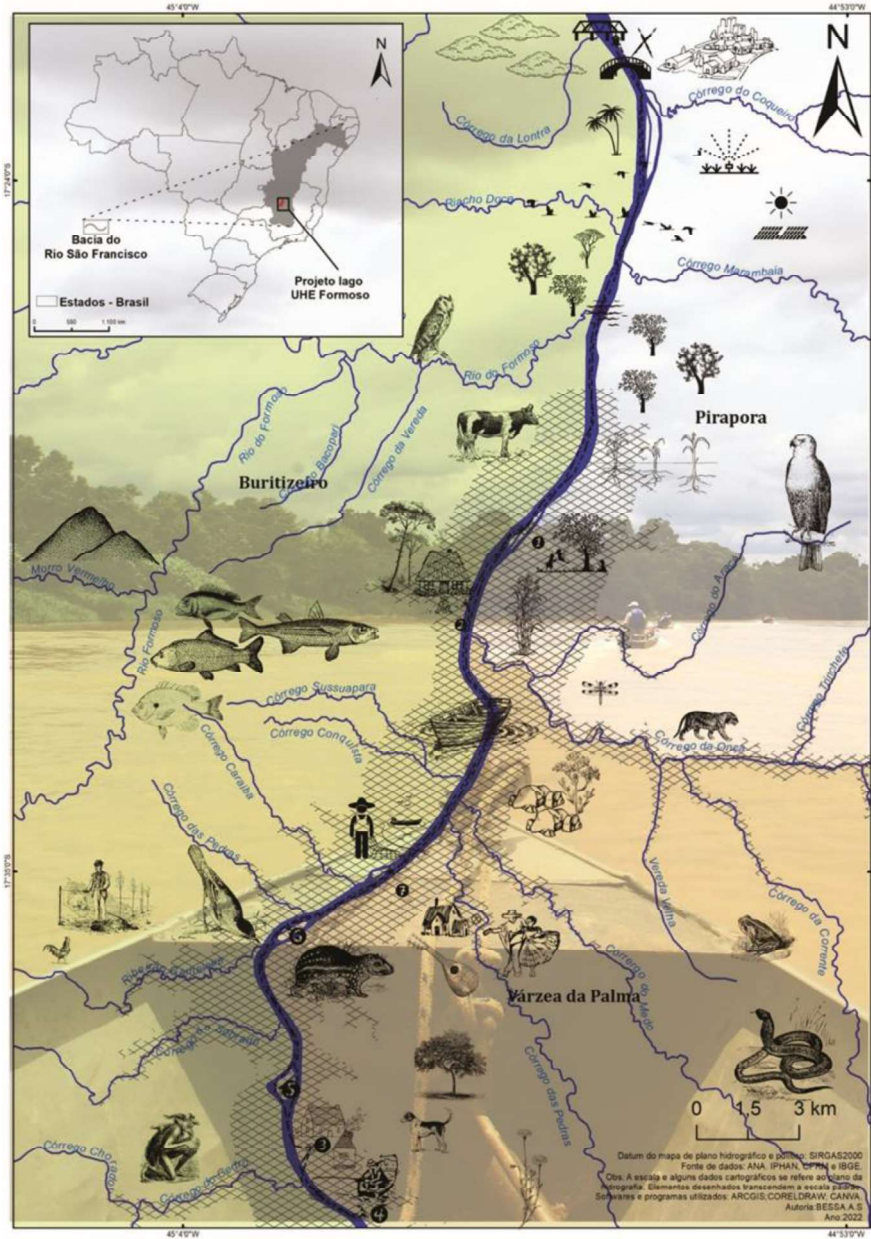
---

<sup>114</sup> IV Seminário Nacional de Geografia e Fenomenologia. Este evento aconteceu na primavera de 2015.



Dois Alma-de-Gato na fiação urbana pirapoerense, na semana que recebi o resultado do concurso.  
Fotografia: Alice Bessa Silva

Apêndice G – Primeira semiótica elaborada. O caminho até Chapadinha desenhado.



Informações do caminho até Chapadinha	Pontos de desembarque [enumerados na representação gráfica]
Área proposta para represamento	1 Ilha da Pimenta
Leito principal d'Opará [São Francisco]	2 Sobrado Seu Sabino
Afluentes rio Opará	3 Comunidade de Chapadinha
Porto Beira Rio - Partida e Chegada	4 Família Cabrito
Tracçados no rio representam a rota aquática da canoa	5 Ilha dos Prazeres
	6 Ilha do Calmon
	7 Várzea da Croa

\* Os limites municipais estão evidenciados por tons  
 \*Fontes, escala, projeção e autoria estão informadas no canto sudeste do mapa